TERRA ROXA
MEMÓRIA VIVA

BREVE GUIA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO



GABRIEL MAGRO TOMICIOLI

IXTLAN

Nota desta Edição - *Ebook*

Esta obra é uma doação do autor, com o apoio da Loja Maçônica *"Orival Zanqueta"*, de Terra Roxa-SP, e disponibilizada gratuitamente, por meio do site da Prefeitura Municipal, a toda a população de Terra Roxa e a todos que por ela se interessarem.

Acreditamos que o conhecimento deve ser livre, compartilhado e acessível a todos, não ficando restrito a poucos. Por isso, esta obra é oferecida com o propósito de ser lida, estudada, difundida e, quem sabe, aprimorada pela contribuição de seus leitores.

Que este gesto de partilha inspire novos aprendizados e enriqueça o conhecimento de todos.

Desejamos uma excelente leitura e que esta obra seja de grande proveito!

ICP Brasil
Documento assinado digitalmente
GABRIEL MAGRO TOMICIOLI
Data: 04/11/2026 19:53:52-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Terra Roxa, Estado de São Paulo, 04 de Novembro de 2026

Apoio Cultural:

A.·.R.·.L.·.S.·. ORIVAL ZANQUETA - Nº 457
Filiada ao
G.·.O.·.P.·.
Fundada em
06/03/2023
TERRA ROXA-SP

"Feliz é aquele que compartilha o que sabe, pois transforma seu conhecimento em sementes que florescem na vida de muitas pessoas."

TERRA ROXA
MEMÓRIA VIVA

BREVE GUIA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

GABRIEL MAGRO TOMICIOLI

TERRA ROXA MEMÓRIA VIVA

BREVE GUIA HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

2013

SUMÁRIO

PREFÁCIO 5
APRESENTAÇÃO 9
Caracterização do Território 11
Quadro Político 26
Os Símbolos Municipais 44
O Fundador 50
Gênese 54
Os Ventos e Eventos da Emancipação 63
A Ferrovia 74
A Cafeicultura em Terra Roxa 78
Cereais e Algodão 89
Educação 99
Entretenimento 115
A Revolução Constitucionalista de 1932 134
Obras Públicas e Monumentos 141
Comércio & Serviços 162
Atividade Fabril e Industrial 176
Religiosidade 184
Terra Roxa Hoje 203
AGRADECIMENTOS 206
BIBLIOGRAFIA 213

"A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original."

-Albert Einstein-

"Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina."

-Cora Coralina-

PREFÁCIO

A luta pela História, Memória e Cultura

Por Profª. Karla de Oliveira Armani[1]

"Há que se reverenciar e defender as capelinhas toscas, as velhices de um tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir"

(Mário de Andrade, 1936)

Mário de Andrade, um dos grandes defensores dos patrimônios históricos do Brasil, poeticamente traduziu como é importante lutar (defender) a história, a memória e a cultura que a todo tempo e espaço nos cerca. Lutar ou defender a nossa história é, antes de tudo, compreendê-la, estudá-la e disseminá-la. Lutar ou defender a nossa memória é procurar vestígios do passado nas vivências de pessoas comuns e lugares pessoais, que por mais simplórios que possam parecer, são reveladores de grandes aventuras e afetividades incontestáveis. Lutar ou

[1] Secretária Municipal de Cultura de Barretos, graduada em História e Pós-Graduada em "História, Cultura e Sociedade". Professora de História do Ensino Fundamental do Colégio Barretos e do Curso de História da Faculdade Barretos. Como historiadora, tem experiência na área de História Local e Regional. Co-autora do livro "Descobrindo Barretos 1854-2012". Membro da Academia Barretense de Cultura.

defender a nossa cultura é enxergar que a nossa própria cidade é composta por moradores que são capazes de construir a história local e de que cada canto é revelador de um passado interessantíssimo. Foi isso que esta obra se propôs a fazer e que de agora em diante levará o leitor a conhecer partes do passado e do presente do município de Terra Roxa.

É bom que todos saibam da importância desta obra do Geógrafo Prof. Gabriel, uma vez que ela registra um guia histórico composto por datas, personagens, lugares, fotografias e memórias da população de Terra Roxa. A contribuição das memórias pessoais de parte da população da cidade para a composição desta obra é algo fantástico, pois revela o desejo das pessoas em saber mais da história e da identidade comum que as envolvem. Essa vontade de conhecer o passado, vivenciá-lo por meio da leitura e imaginá-lo usando a fotografia, pode levantar a bandeira de preservação do patrimônio histórico local. Quantos prédios antigos existem na cidade que a cada dia são derrubados? Uma população consciente de seu passado e envolvida na composição de sua história, certamente não deixaria isso acontecer mais.

Num mundo globalizado como o nosso, as fronteiras culturais estão cada vez mais distantes, e a interação entre os povos muitas vezes garante a predominância de certos padrões em detrimento de culturas locais. Em outras palavras, as particularidades culturais e as tradições locais correm grande risco de se extinguirem devido à globalização mundial. E um modo de não deixar isso acontecer é estudar e disseminar a cultura e a história local, para que as pessoas se sintam atraídas pelo passado da cidade e se interessem em sempre preservá-lo. A composição de um livro como este certamente contribui para tal ato, de modo

que apresenta variados aspectos próprios da cidade de Terra Roxa, bem como suas relações com a política estadual e nacional.

O livro possui 17 capítulos com as temáticas da situação geográfica; o quadro político; os símbolos municipais; o fundador; a origem da cidade em 1918; a emancipação em 1949; a ferrovia; a cafeicultura; a economia cerealista e algodoeira; a educação; o entretenimento; a Revolução Constitucionalista de 1932; as obras públicas e monumentos; a rede de comércio e serviços, as atividades industriais e a religiosidade. Percebe-se que se tratam dos temas mais conhecidos e comentados pela população, uma vez que revelam particularidades da cidade (como a sua origem e seus símbolos) e ligações da mesma com a história nacional (como a Revolução de 1932, a cafeicultura, as obras públicas).

A obra tenta seguir uma cronologia, desde o período de fundação da vila na década de 1910, à emancipação e a vida pública da cidade na segunda metade do século XX. Entretanto, datas oficiais à parte, o autor conseguiu demonstrar que mesmo antes da emancipação, isto é, a partir da origem do povoado em 1918 com a divisão da Fazenda Santa Carolina, já havia vida dinâmica em Terra Roxa. Neste período inicial, por mais simples que fossem as casas comerciais; as instituições como os correios e telégrafos, delegacia, cartórios; bem como a ferrovia, enriqueciam a vida da pequena vila e faziam mover as atividades iniciais que mais tarde sustentaram uma cidade que viria a se emancipar em 1949.

Muitos cidadãos de Terra Roxa se identificarão com as passagens contadas nos capítulos, as fotografias de personalidades e lugares, os monumentos retratados, enfim com aquilo que perfaz a cidade em que vivem e que compõe a vida do

terrarroxense. Isso acontecerá porque a organização política, a vida econômica, a composição da sociedade e as tradições religiosas e culturais estão mais próximas a nós do que podemos imaginar. E ler sobre isso nos mostra a importância da história local, e como ela pode ser escrita a partir da nossa própria realidade.

E com esta idéia de construção da história local e de defesa da memória e cultura que Mário de Andrade tanto salientou em seu pensamento acima, que desejo a você, leitor, uma ótima leitura e, mais ainda, uma atitude consciente com a nossa história a partir de então.

Profa. Karla de Oliveira Armani
Barretos, fevereiro de 2013.

APRESENTAÇÃO

É fato que, desde a fundação de Terra Roxa, nossa história pouco foi exposta ou explicada. Muitas vezes a sensação que se tem é a de que Terra Roxa não possui algo substancialmente materializado que possa revelar um mínimo de memória. Pois bem, como acabo de afirmar, é uma "sensação", pois graças a pequena idade de Terra Roxa, é possível buscar e ouvir muito sobre esta história ao mantermos uma conversa que tenha um tema dirigido ao passado. Seja nas conversar com os habitantes mais Tradicionais, seja com os seus filhos, que já ouviram a história mais de uma vez e mesmo assim não se cansam de contá-la novamente.

Em linhas simples, este trabalho busca apresentar, por meio de uma linguagem direta, um guia sobre a cidade de Terra Roxa, apresentando um pouco das características deste espaço urbano, e principalmente, a História de nossa cidade, vivida ou observadas pelos habitantes mais Tradicionais, aqui referidos como Colaboradores, pois colaboraram com grande riqueza! Riqueza esta que não se encontra sob cifras monetárias, mas sim nos relatos e nas longas conversas prazerosamente fornecidas.

Ressalto que este trabalho, materializado na forma de um livro, tem como objetivo atingir três alvos:

1. Nossos habitantes mais Tradicionais, os quais verão o livro com um ar saudosista, recordando o tempo das Fazendas e Sítios, onde a cidade era referida como a Vila.
2. Os curiosos, que assim como eu, sempre tiveram indagações e questionamentos acerca de nossa querida cidade, porém até agora não encontraram os por quês – a estes busco responder e satisfazer ao menos 80%.
3. Àqueles que ainda não despertaram para o prazer do entendimento da história urbana, da história do Nosso Povo, também aqui é focado o meu esforço. Para estes, o livro contem várias imagens e ilustrações com o objetivo de despertar seu interesse.

É importante ressaltar que este livro foi escrito por um Geógrafo e não por um Historiador, o que pode causar certo estranhamento por parte de alguns. Pois bem, vale lembrar que o profissional da Geografia não se difere tanto do profissional da História, pois, se é necessário apontar a principal diferença entre os dois, de maneira simplista, esta consiste no fato de que o Geógrafo possui como principal foco o entendimento dos fenômenos materializados no Espaço, enquanto o Historiador busca o entendimento segundo a dimensão Tempo. Assim, amigo leitor, este trabalho buscar fornecer um passeio pela História de Terra Roxa tendo como fio indutor o Espaço.

Enfim, sem mais, desejo a você uma boa leitura!

Prof. Gabriel Magro Tomicioli

Terra Roxa, 24 de setembro de 2012



Capítulo 1
Caracterização do Território

1.1 - Localizando Terra Roxa

Terra Roxa esta localizada na latitude 20º 47´25,7´´ Sul e longitude 48º 20´4,2´´ Oeste, possui altitude média de 478[2] metros, e área territorial de 227 km² ou 22700 hectares. Limita-se com os municípios de Jaborandi, Viradouro, Morro Agudo, Bebedouro e Colina, de acordo com a legislação vigente desde o ano de 1948, apresentada a seguir:

Divisão Territorial Administrativo-judiciária
do Estado de São Paulo
Lei nº 233, 24 de dezembro de 1948

MUNICÍPIO DE TERRA ROXA (Criado em 1948)

a) Limites municipais:

[2] Com relação ao nível do mar.

1. COM O MUNICÍPIO DE COLINA
Começa na confluência do ribeirão da Onça com o córrego Cachoeira ou Bebedouro, formadores do ribeirão das Palmeiras, desce por este ribeirão até a fóz do ribeirão Retirinho.
2. COM O MUNICÍPIO DE JABORANDI
Começa no ribeirão das Palmeiras na fóz do ribeirão Retirinho, desce por aquele até a fóz do rio Pardo.
3. COM O MUNICÍPIO DE MORRO AGUDO
Começa no rio Pardo na fóz do ribeirão das Palmeiras, sobe por aquele até a fóz do córrego Viradouro.
4. COM O MUNICÍPIO DE VIRADOURO
Começa no rio Pardo, na fóz do córrego do Viradouro, sobe por este até a fóz do córrego da Fazenda Décio Franco, sobe por este até a ponta da estrada de rodagem que vai à chave da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, desta ponte, vai, em reta, à citada chave, daí, vai, por outra reta de rumo leste-oeste ao córrego Banharão, deste ponto vai ainda em reta à fóz do córrego Antonio Walter, no córrego do Bom Jardim, pelo qual sobe até sua cabeceira mais ocidental, a rumo no divisor que separa as aguas do ribeirão do Bom Jardim das aguas do córrego do Campo Comprido.
5. COM O MUNICÍPIO DE BEBEDOURO
Começa na cabeceira mais ocidental do córrego Bom Jardim no divisor entre os córregos Bom Jardim e Campo Comprido, segue por este divisor até a cabeceira meridional do córrego Fundo, pelo qual desce até sua fóz no córrego Cachoeira ou Bebedouro, desce por este até o

ribeirão da Onça ou Palmital, formadores do ribeirão das Palmeiras, onde tiveram inicio estes limites.

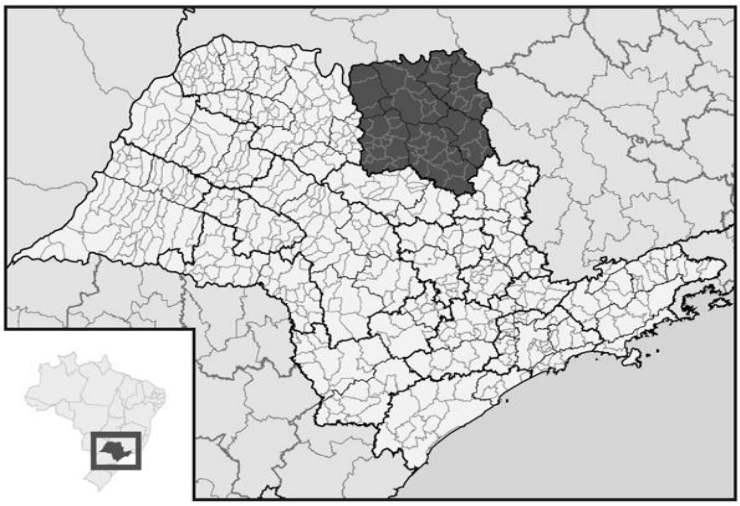
Dentro de cada estado brasileiro, é possível encontrar algumas subdivisões. Dentre estas subdivisões, três merecem destaque, a Mesorregião, a Microrregião e a Região Administrativa. Assim sendo, Terra Roxa faz parte da Mesorregião de Ribeirão Preto, Microrregião de Jaboticabal e Região Administrativa de Barretos, a qual tomarei como foco de nossa caracterização. Para uma melhor compreensão, segue abaixo uma breve explicação sobre o que consiste cada subdivisão.

1.2 - A Mesorregião de Ribeirão Preto

De acordo com o IBGE[3], a Mesorregião é uma subdivisão que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais, sendo utilizada para fins estatísticos, portanto, não constitui uma entidade política ou administrativa. O estado de São Paulo possui quinze Mesorregiões.

A Mesorregião de Ribeirão Preto, a qual Terra Roxa faz parte, é composta pelas Microrregiões de Barretos, Batatais, Franca, Ituverava, Jaboticabal, Ribeirão Preto e São Joaquim da Barra.

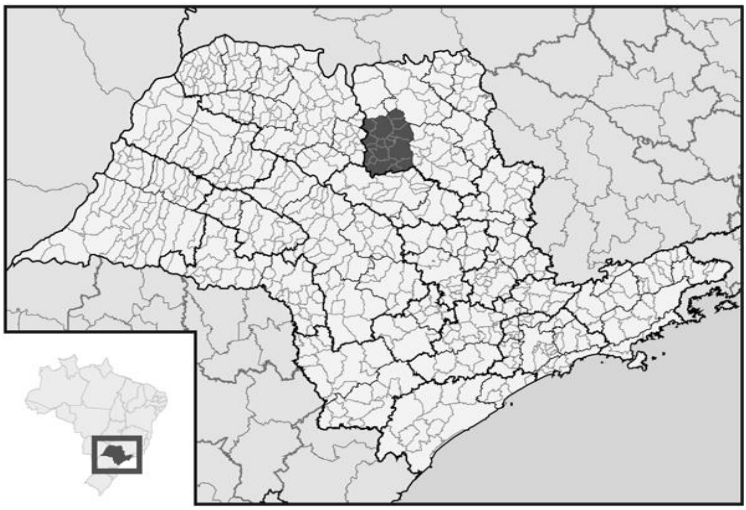
[3] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



A Mesorregião de Ribeirão Preto

1.3 - A Microrregião de Jaboticabal

A Microrregião organiza de acordo com a Constituição brasileira de 1988, um agrupamento de municípios limítrofes, com o intuito de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum. O estado de São Paulo é dividido em 63 microrregiões. A Microrregião de Jaboticabal, a qual Terra Roxa faz parte, também possui os municípios de Bebedouro, Candido Rodrigues, Fernando Prestes, Guariba, Jaboticabal, Monte Alto, Monte Azul Paulista, Pirangi, Pitangueiras, Santa Ernestina, Taiaçu, Taquaral, Taquaritinga, Viradouro e Vista Alegre do Alto.



A Microrregião de Jaboticabal

1.4 - A Região Administrativa de Barretos

Já a Região Administrativa tem como principal objetivo centralizar as atividades das secretarias do estado. Seus limites nem sempre combinam com os das mesorregiões e microrregiões do estado. São Paulo apresenta quinze regiões administrativas

Terra Roxa faz parte da Região Administrativa de Barretos a qual é composta por 19 municípios e é servida por uma extensa rede viária (mapa 03) conferindo acesso a diferentes regiões do Estado e do país. A principal via, que se estende no sentido norte-sul e liga a região a Minas Gerais e à Rodovia Washington Luiz, é a Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP-326). Várias outras importantes rodovias são transversais a ela: a SP-425 liga Barretos a São José do Rio Preto; a SP-373 une a região com a RA de Franca e a Rodovia Anhangüera; a SP-351 é

alternativa de ligação com a Rodovia Washington Luiz; e a SP-345 liga Barretos a Franca. A infra-estrutura de transporte conta, ainda, com a rede ferroviária operada pela ALL – Logística e com o Aeroporto de Barretos.

Assim como outras regiões do interior paulista, a Região Administrativa de Barretos possui forte perfil agroindustrial. A criação de gado, que se destacou na formação econômica da região, há muito cedeu lugar à agricultura, principalmente para o cultivo de cana-de-açúcar, laranja e soja. É essa produção que alimenta a agroindústria local, com destaque para a indústria sucroalcooleira (açúcar e álcool), e para a indústria de suco de laranja, o qual exporta grande parte do que produz.



Municípios da Região Administrativa de Barretos

Os 19 municípios da Região Administrativa de Barretos, em destaque nossa querida Terra Roxa



A Região Administrativa de Barretos no Estado de São Paulo

1.5 - Clima

Tomando por base a classificação climática de Arthur Strahler, o qual teve como fundamento os conhecimentos sobre a circulação geral da atmosfera associada à origem, à natureza, ao movimento das massas de ar e às perturbações frontais, responsáveis pela gênese dos sistemas atmosféricos. Assim, Strahler compõe uma classificação climática de cunho explicativo-descritiva.

Nesta classificação, Terra Roxa é qualificada como Tropical úmido-seco, a qual é caracterizado por duas estações bem definidas, sendo o verão chuvoso devido a maior influência das massas de ar equatoriais e tropicais, e o inverno seco devido massas de ar tropicais e continentais estáveis. As temperaturas médias registradas durante o ano para o clima Tropical úmido-seco ficam em torno dos 23ºC, com consideráveis diferenças

entre as temperaturas máximas e mínimas. As chuvas chegam a atingir em média 1000 – 1500 mm por ano.

1.6 – Relevo

Terra Roxa encontra-se na divisão Geomorfológica do Planalto Ocidental Paulista, a mais extensa entre todas as unidades, ocupando cerca de 50% do território estadual. O Planalto Ocidental Paulista apresenta suave inclinação para oeste, caindo de 900 a 1000m de altitude a leste, a cerca 200-300m a oeste, exibindo assim a fisionomia de Cuestas.

A estrutura geológica das Cuestas é composta por estratos de basalto, recobertos por formações areníticas intercaladas entre si. Por essa razão, as formações basálticas afloram com reduzida freqüência no estado de São Paulo e são observadas apenas nos fundos dos vales, ao longo da serra Geral, ou em manchas esparsas, estando esta ultima presente em Terra Roxa, pois a pedreira Itaporã encontra-se justamente sobre um afloramento basáltico, o qual possui grande importância econômica. Vale ressaltar também que foi da decomposição desta rocha, durante milhões de anos, que se originaram os solos do tipo "terra roxa", que por sua vez possuem ricas concentrações de ferro, tornando-os assim muito férteis.

A existência de afloramentos basálticos nesta região é explicada pelo maior derrame vulcânico que o planeta já presenciou, causado pela separação do antigo supercontinente Gondwana, o que culminou no delineamento dos atuais continentes da América do Sul e África, no Período Cretáceo da Era Mesozóica do, entre 137 e 127 milhões de anos atrás.

A área urbana de Terra Roxa está localizada em um pequeno fundo de vale, desta forma possui relevo suavemente ondulado, conseqüência do contínuo escoamento de águas pluviais rumo à drenagem principal do município, o Ribeirão Banharão, o qual corta Terra Roxa. A altitude aproximada do município é de 478 metros.

Compartimentação Geomorfológica do Estado de São Paulo



1.7 - Vegetação e Hidrografia

Atualmente pouco resta da cobertura vegetal original do Estado de São Paulo. Áreas favoráveis às praticas da agricultura e pecuária, a formação da paisagem urbana e o uso da madeira como combustível ou como matéria-prima levaram a uma drástica redução das áreas florestadas; neste aspecto, Terra Roxa não é exceção, pois, de toda sua área (22700 hectares)

restam apenas 1116 hectares de camada vegetal original., ou seja, apenas 4,9%.

De acordo com o inventário florestal do estado de São Paulo, em Terra Roxa encontramos a vegetação Atlântica, descrita sob o nome "Matas", gênero que se desenvolve em manchas de solo de boa fertilidade natural, organizando-se na forma de "ilhas" em meio a uma paisagem dominante de cerrado, podendo formar áreas extensas, compactas e homogêneas; em seguida podemos observar paisagens variantes do Cerrado, como o Cerradão, que fisionomicamente, é mais vigoroso, contendo árvores que atingem de 10 a 15 metros de altura e solos que demonstram maior fertilidade natural, com destaque para o Ipê (*Tabebuia spp.)*, Cedro-rosa (*Cedrela fissilis),* Anjico-branco *(Anadenanthera colubrina),* Paineira *(Ceiba speciosa)* entre outras. Também encontramos em Terra Roxa as matas Ciliares ou de Galeria, que acompanham o curso dos rios e córregos; e as matas de Várzea, marcadas por esporádicas inundações decorrentes dos períodos de cheia dos rios e córregos. Por fim a Capoeira ou Floresta Secundária, vegetação que surge após a destruição da cobertura vegetal primitiva para uso agrícola ou pecuário, e posterior abandono.

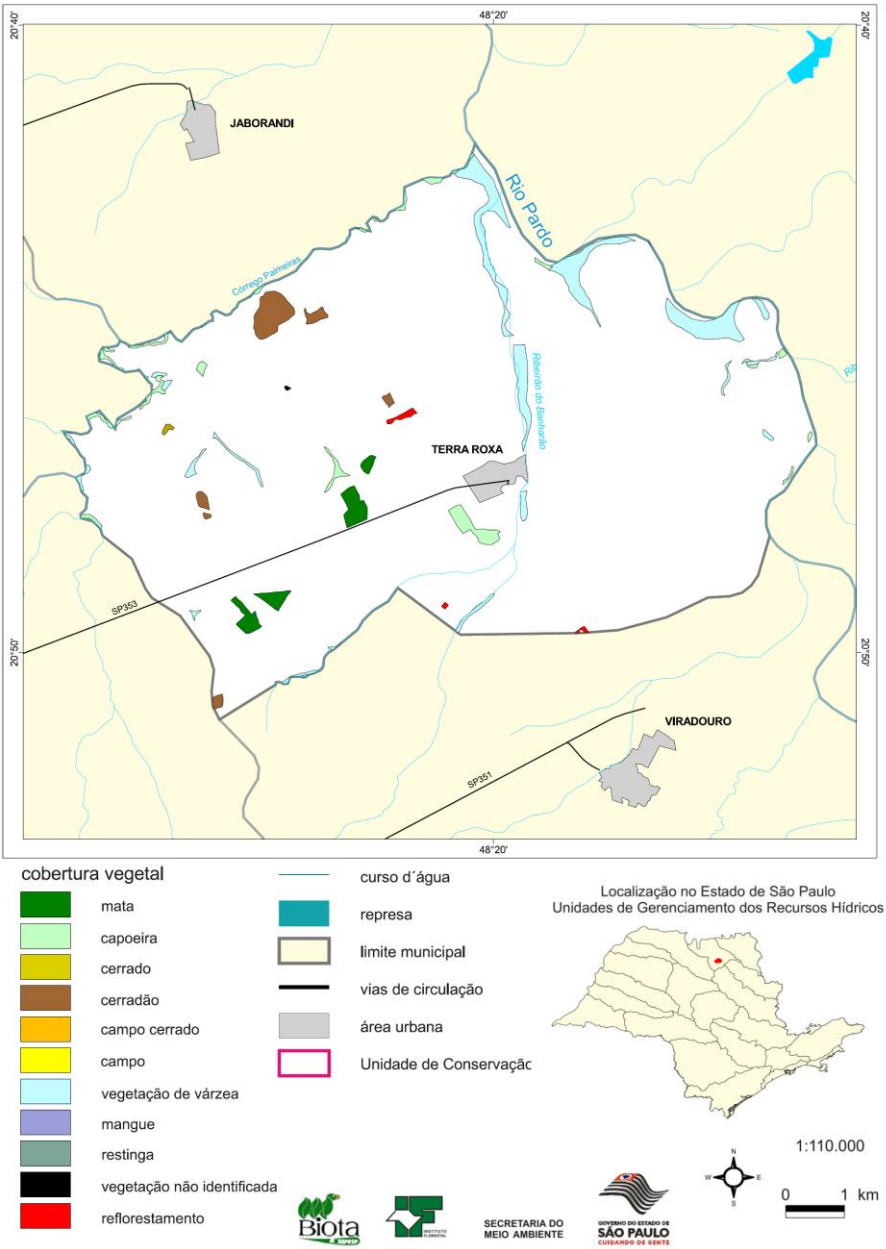
O principal curso fluvial presente em Terra Roxa é o rio Pardo, localizado na fronteira leste, divisa com o município de Morro Agudo, formando o rápido de São Bartolomeu. Terra roxa é cortada ainda pelo córrego Banharão, o qual é um afluente do Rio Pardo. Outro afluente importante é o córrego das Palmeiras, na fronteira noroeste, divisa com o município de Jaborandi. Também merecem destaque a presença dos Aqüíferos subterrâneos Bauru e Guarani.



O Ribeirão do Banharão em trecho retilíneo urbano



O Rio Pardo


48°20'
20°40'
20°50'
JABORANDI
Rio Pardo
Córrego Palmeiras
Ribeirão do Barbarão
TERRA ROXA
SP353
VIRADOURO
SP351
cobertura vegetal
mata
capoeira
cerrado
cerradão
campo cerrado
campo
vegetação de várzea
mangue
restinga
vegetação não identificada
reflorestamento
curso d´água
represa
limite municipal
vias de circulação
área urbana
Unidade de Conservaçãc
Localização no Estado de São Paulo
Unidades de Gerenciamento dos Recursos Hídricos
1:110.000
0 1 km
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CUIDANDO DE GENTE

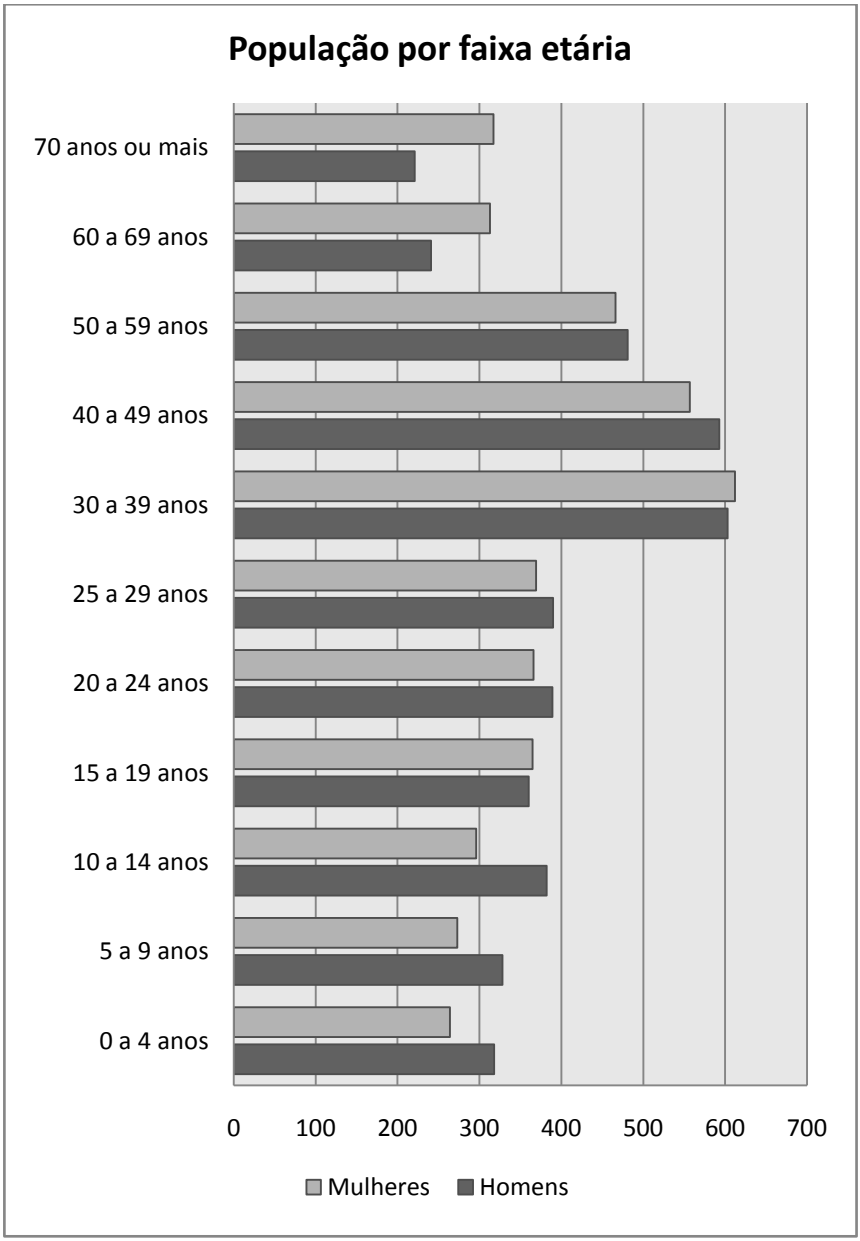
1.8 - Quadro Populacional

A população total de Terra Roxa é de 8498 habitantes, sendo a proporção masculina muito próxima da feminina, uma população urbana compondo maioria (95,1%) e taxa geométrica de crescimento anual pequena. População de maioria adulta, sendo a faixa etária de número mais expressivo a de 30 a 59 anos.

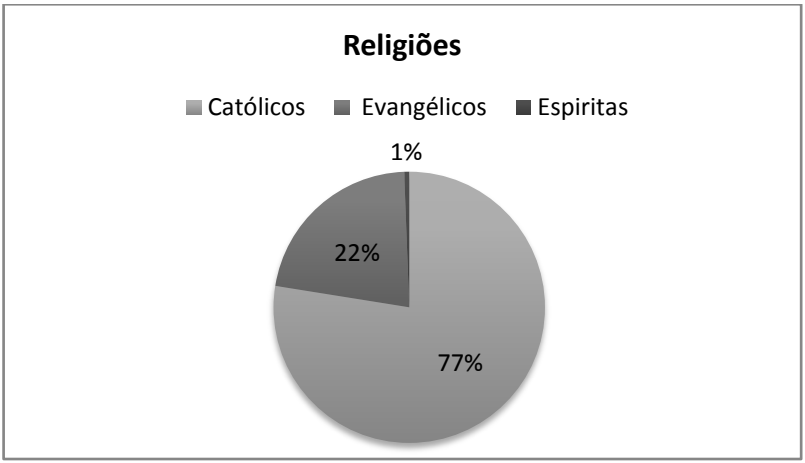
Aspectos Populacionais de acordo com o Censo 2010	
Gentílico	Terrarroxense
População Total	8.498
População Masculina	4.303
População Feminina	4.195
População Urbana	8.100
População Rural	398
Taxa Geométrica de Crescimento Anual da População – 2000/2010 (em % a.a.)	0,94
PIB per Capita	R$ 8890,39
Grau de Urbanização (Em %)	95,32

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010.

Sob a ótica cultural, é possível afirmar que Terra Roxa é uma cidade predominantemente seguidora da religião Católica Apostólica Romana, sendo acompanhada em seguida por uma generosa parcela de Evangélicos e por fim uma tímida porção de Espíritas.

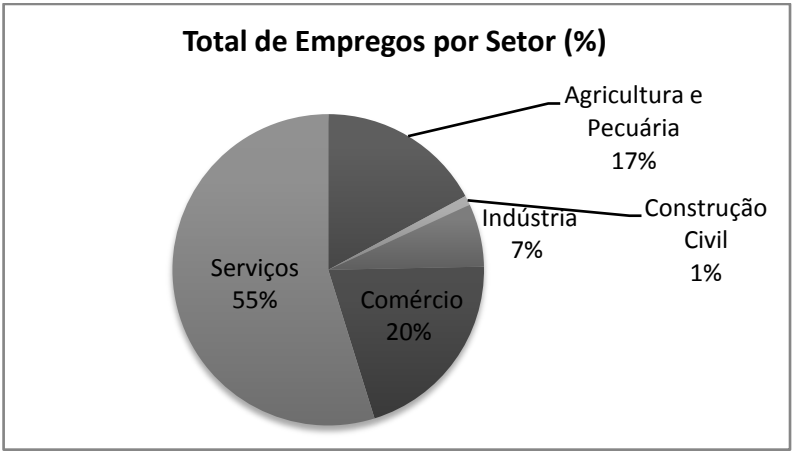


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010.

Nos empregos, Terra Roxa ilustra muito bem a importância do setor terciário (Comércio e Serviços) na utilização da mão de obra das cidades, fenômeno muito observado nas grandes, médias e pequenas cidades paulistas.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010.



Capítulo 2
Quadro Político

2.1 - Prefeitos de Terra Roxa: Série Cronológica

Desde a emancipação política de Terra Roxa em 26 de março de 1949, já se passaram 15 administrações, estando atualmente na 16ª. O leitor poderá observar que a alguns prefeitos tiveram mandatos com duração superior a quatro anos, o que é explicado pela legislação eleitoral vigente na época. Lembre-se de que a reeleição apenas fora aprovada em 1998, antes deste ano tal manobra não era possível.

Cronologicamente, os prefeitos de Terra Roxa foram:

Administração	Prefeito	Mandato
1ª	Dr. Oswaldo Prudente Corrêa	26/03/1949 – 25/03/1953
2ª	Fábio Uchôa Ralston	26/03/1953 – 25/03/1957
3ª	Calvísio Cávoli	26/03/1957 – 25/03/1961

4ª	João Arcílio Tremonte	26/03/1961 - 25/03/1965
5ª	Dionísio Pizzo Maróstica	26/03/1965 – 25/03/1969
6ª	Calvísio Cávoli	26/03/1969 – 30/01/1973
7ª	Dr. Arminto Marques	31/01/1973 – 31/01/1977
8ª	Abdulatif Abrão	01/02/1977 – 31/01/1983
9ª	Roberto Maróstica	01/02/1983 – 31/12/1988
10ª	Dr. Waldyr Mônaco	01/01/1989 – 31/12/1992
11ª	Dr. Samir Assad Nassbine	01/01/1993 – 31/12/1996
12ª	Nilso Maróstica	01/01/1997 – 22/04/1999
12ª	Marcelino Abbes Filho	23/04/1999 – 31/12/2000
13ª	Dr. Samir Assad Nassbine	01/01/2001 – 31/12/2004
14ª	Dr. Samir Assad Nassbine	01/01/2005 – 31/12/2008
15ª	Marcelino Abbes Filho	01/01/2009 – 31/12/2012
16ª	Dr. Samir Assad Nassbine	01/01/2013 – 31/12/2016

Fonte: Galeria dos Prefeitos de Terra Roxa
Prefeitura Municipal de Terra Roxa

2.2 – Retratos dos Prefeitos de Terra Roxa: 1949 - 2013



Dr. Oswaldo Prudente Corrêa



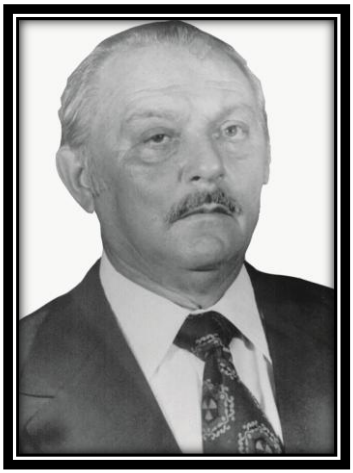
Fábio Uchôa Ralston



Calvísio Cávoli



João Arcílio Tremonte



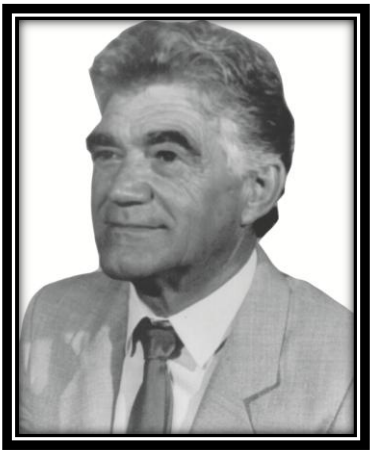
Dionísio Pizzo Maróstica



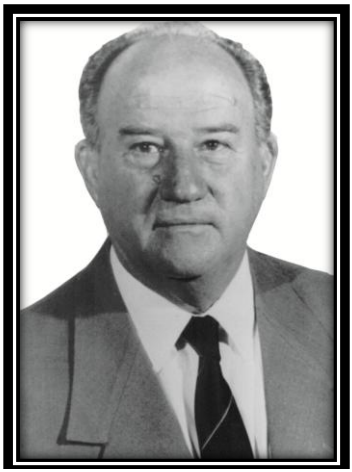
Dr. Arminto Marques



Abdulatif Abrão



Roberto Maróstica



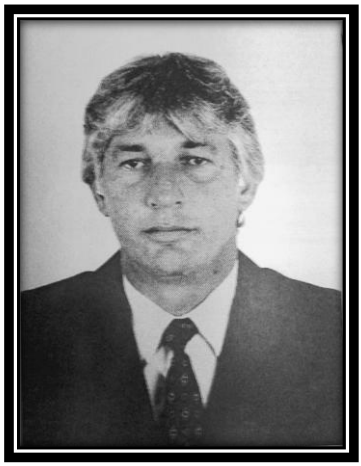
Dr. Waldyr Mônaco



Dr. Samir Assad Nassbine



Nilso Maróstica



Marcelino Abbes Filho

2.3 - Vice Prefeitos de Terra Roxa – Série Cronológica

No quadro apresentado abaixo, o leitor pode observar a sucessão dos Vice Prefeitos de Terra Roxa. A primeira administração não possuiu um Vice Prefeito, pois o primeiro Prefeito, Dr. Oswaldo Prudente Corrêa foi indicado pela junta administrativa provisória, sendo quando necessário, substituído pelo Presidente da Câmara o Sr. Antônio Carlos de Camargo Andrade.

Administração	Vice Prefeito	Mandato
1ª	Não houve vice prefeito	26/03/1949 – 25/03/1953
2ª	Antônio Mônaco	26/03/1953 – 25/03/1957
3ª	Dionísio Pizzo Maróstica	26/03/1957 – 25/03/1961
4ª	Salvador Pignoni	26/03/1961 - 25/03/1965
5ª	Dr. Waldyr Mônaco	26/03/1965 – 25/03/1969
6ª	Arlindo Sartori	26/03/1969 – 30/01/1973
7ª	Alexandre Maróstica	31/01/1973 – 31/01/1977
8ª	Nelson de Souza	01/02/1977 – 31/01/1983
9ª	Alexandre Maróstica	01/02/1983 – 31/12/1988

10ª	Calvísio Cávoli	01/01/1989 – 31/12/1992
11ª	Nilso Maróstica	01/01/1993 – 31/12/1996
12ª	Marcelino Abbes Filho	01/01/1997 – 22/04/1999
13ª	Marcelino Abbes Filho	01/01/2001 – 31/12/2004
14ª	José Leite Pereira	01/01/2005 – 31/12/2008
15ª	José Leite Pereira	01/01/2009 – 31/12/2012
16ª	Dr. Luiz Henrique Soares	01/01/2013 – 31/12/2016

Fonte: Galeria dos Vice Prefeitos de Terra Roxa
Prefeitura Municipal de Terra Roxa

2.4 – Retratos dos Vice Prefeitos de Terra Roxa: 1953 – 2013



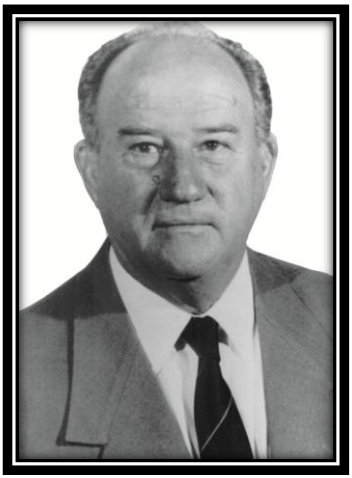
Antônio Mônaco



Dionísio Pizzo Maróstica



Salvador Pignoni



Dr. Waldyr Mônaco



Arlindo Sartori



Alexandre Maróstica



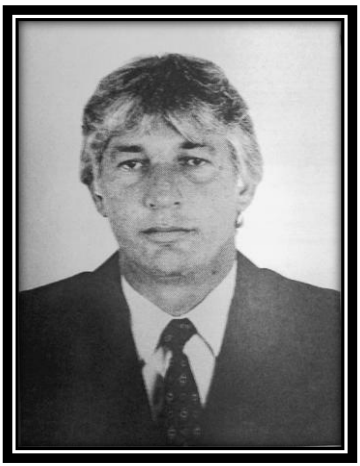
Nelson de Souza



Calvísio Cávoli



Nilso Maróstica



Marcelino Abbes Filho



José Leite Pereira



Dr. Luiz Henrique Soares

2.5 - Presidentes da Câmara Municipal de Terra Roxa - Série Cronológica

	Presidente	Mandato
1º	Antônio Carlos de Camargo Andrade	26/03/1949 – 25/03/1953
2º	Abdulatif Abrão	27/03/1953 – 31/12/1953
3º	Antônio Maróstica	01/01/1954 – 31/12/1954
4º	José Augusto Simões	01/01/1955 – 23/08/1956
5º	Abdulatif Abrão	24/08/1956 – 31/12/1965
6º	Dalton José de Moura	01/01/1966 – 14/02/1967
7º	Abdulatif Abrão	15/02/1967 – 31/01/1970
8º	Antônio dos Santos	01/02/1970 – 31/01/1972
9º	Abdulatif Abrão	01/02/1972 – 31/12/1973
10º	Antônio dos Santos	01/01/1974 – 31/12/1974
11º	Abdulatif Abrão	01/01/1975 – 31/01/1976
12º	Dr. Waldyr Mônaco	01/02/1976 – 31/01/1978
13º	Calvísio Cávoli	01/02/1978 – 31/01/1980
14º	Dr. Waldyr Mônaco	01/02/1980 – 31/01/1983
15º	Moacyr Chiarelli	01/02/1983 – 31/01/1984
16º	Mohamed Assad Nassbine	01/02/1984 – 31/01/1985
17º	Antônio da Silva	01/02/1985 – 31/01/1987
18º	Moacyr Chiarelli	01/02/1988 – 31/12/1988
19º	Moacyr Chiarelli	01/01/1989 – 31/12/1990
20º	Antônio da Silva	01/01/1991 – 31/12/1992
21º	Luiz Gonzaga José dos Santos	01/01/1993 – 31/12/1994
22º	Antônio da Silva	01/01/1995 – 07/01/1996
23º	Jorge Luiz Zactiti	08/01/1996 – 31/12/1996
24º	Jorge Abbes	01/01/1997 – 31/12/1998
25º	José Leite Pereira	01/01/1999 – 31/12/2000
26º	José Leite Pereira	01/01/2001 – 31/12/2002
27º	Carlos Roberto Alves	01/01/2003 – 31/12/2004
28º	Jorge Abbes	01/01/2005 – 31/12/2006
29º	Flávio Cardoso Pereira	01/01/2007 – 31/12/2007
30º	Jairo Izaias dos Santos	01/01/2008 – 31/12/2008
31º	Jairo Izaias dos Santos	01/01/2009 – 31/12/2010
32º	Flávio Cardoso Pereira	01/01/2011 – 31/12/2012
33º	Flávio Cardoso Pereira	01/12/2013 - ----------

2.5 - Vereadores de Terra Roxa: 1949 – 2013

1ª Câmara de Vereadores: 26/03/1949 – 25/03/1953.

Abdulatif Abrão
Alberto Cervi Netto
Américo Cervi (suplente em exercício)
Antônio Carlos de Camargo Andrade
Antônio Maróstica
Antonio Mônaco
Arsenio Sarti
Dionísio Pizzo Maróstica
Fabio Uchôa Ralston (sob licença)
Guilherme Moura Filho
João Arcílio Tremonte
José Schitini de Campos
Luiz Xavier Ferreira
Onésimo Ferreira de Araújo (sob licença)
Raul Olivari (suplente em exercício)

2ª Câmara de Vereadores: 26/03/1953 – 25/03/1957.

Abdulatif Abrão
Alberto Cervi Netto
Alexandre Sardinha Pontes (suplente em exercício)
Alfredo Cervi
Antônio Maróstica
Carlos de Camargo Andrade (sob licença)
Emiro Santini
João Arcilio Tremonte
João Mendes de Souza
José Augusto Simões
Luiz Xavier Ferreira
Raul Olivari

3ª Câmara de Vereadores: 26/03/1957 – 25/03/1961

Abdulatif Abrão
Agostinho Chiarelli
Alfredo Cervi
Benedito de Almeida
Elcídio Carreira de Mello
Geraldo Passacantili
João Arcilio Tremonte
Nelson de Souza
Nilton dos Santos
Pedro Orlando
Salomão Zactiti

4ª Câmara de Vereadores: 26/03/1961 - 25/03/1965.

Abdulatif Abrão
Antônio Mônaco
Bruno Munari
Dalton José de Moura
Dionísio Pizzo Maróstica
Emiro Santini
Ernestino Sartori
Hideo Suzuki
Newton dos Santos Oliveira
Odilon Nogueira
Raul Olivari

5ª Câmara de Vereadores: 26/03/1965 – 25/03/1969

Abdulatif Abrão
Antônio Lopes Aguilar

Dalton José de Moura
Ernestino Sartori
Hideo Suzuki
Kunisaburo Numajiri
Luiz Ayres Marques
Nereu Marchi
Newton dos Santos Oliveira
Octávio Bution
Walter de Oliveira Cávoli

6ª Câmara de Vereadores: 26/03/1969 – 30/01/1973

Abdulatif Abrão
Antônio dos Santos
Arminto Marques
Durvalino Maróstica
Jácomo Tramonte
João Orlando
Kunisaburo Numajiri
Lázaro A. Padovan
Marcionílio Hemenegildo de Souza
Miguel Sisto
Mohamed Assad Nassbine

7ª Câmara de Vereadores: 31/01/1973 – 31/01/1977

Abdulatif Abrão
Antônio dos Santos
Dalton Alexandre Maróstica
Emiro Santini
Jair Quintino
João Ribeiro Silva
Kunisaburo Numajiri

Paulo Alberto Marioto
Waldyr Mônaco

8ª Câmara de Vereadores: 01/02/1977 – 31/01/1983

Américo Lopes
Antônio da Silva
Calvísio Cávoli
Jair Quintino
João Renault Campos
José Carlos Pavan
Moacyr Chiarelli
Raymundo Ribeiro e Silva
Waldyr Mônaco

9ª Câmara de Vereadores: 01/02/1983 – 31/12/1988

Alcides Aparecido Botion
Antônio da Silva
Arminto Marques
Calvísio Cávoli
Jorge Abbes
José Edgar Amâncio (suplente em exercício a partir de 01/11/1985)
Luiz Gonzaga José dos Santos
Milton Jorge Maróstica de Souza (falecido em 04/10/1985)
Moacyr Chiarelli
Mohamed Assad Nassbine

10ª Câmara de Vereadores: 01/01/1989 – 31/12/1992

Antônio Carlos Ricobelo
Antônio da Silva

Devanir Gianello (falecido em 18/05/1992)
Jorge Luiz Zactiti
José Eduardo Hrastel
José Leite Pereira (suplente em exercício a partir de 04/05/1992)
Luiz Gonzaga José dos Santos
Moacyr Chiarelli
Osvaldo Ferreira Sena
Plínio Alves de Lima
Ryo Hoshina
Silvio Jorge Ferreira

11ª Câmara de Vereadores: 01/01/1993 – 31/12/1996

Amadeu Norival Picolo
Antônio Carlos Ricobelo
Antônio da Silva
Carlos Justino
Jorge Luiz Zactiti
José Eduardo Hrastel
José Leite Pereira
Luiz Carlos Padovan
Luiz Gonzaga José dos Santos
Pedro Rodrigues Caridade
Ryo Hoshina

12ª Câmara de Vereadores: 01/01/1997 - 31/12/2000

Antônio da Silva
Carlos Roberto Alves
João Aparecido dos Santos
João Carlos Botion Pedro (renunciou em 14/09/2000)
Jorge Abbes
Jorge Luiz Zactiti

José Leite Pereira
Luiz Gonzaga José dos Santos
Marlene Vieira de Queirós
Pedro Rodrigues Caridade
Ricardo Vernillo (suplente em exercício a partir de 15/09/2000)
Ryo Hoshina

13ª Câmara de Vereadores: 01/01/2001 – 31/12/2004

Antônio da Silva (falecido em 06/12/2004)
Carlos Roberto Alves
Emerson Ribeiro da Costa
João Aparecido dos Santos
Jorge Abbes
Jorge Luiz Zactiti
José Leite Pereira
Luiz Carlos Padovan
Maria Izildinha Paco Silva
Pedro Rodrigues Caridade
Ryo Hoshina (suplente em exercício a partir de 14/12/2004)
Waldyr Mônaco

14ª Câmara de Vereadores: 01/01/2005 - 31/12/2008

Emerson Ribeiro da Costa
Flávio Cardoso Pereira
Jairo Izaias dos Santos
João Aparecido dos Santos
Jorge Abbes
Maria Izildinha Paco Silva
Paulo César Guiselini
Valdeci Cardoso
Waldyr Mônaco

15ª Câmara de Vereadores: 01/01/2009 - 31/12/2012

Dercilio José dos Santos
Fernando Aparecido Antonini
Flávio Cardoso Pereira
Jairo Izaias dos Santos
João Aparecido dos Santos
Lauro Luis de Araujo Cervi
Maria Izildinha Paco Silva
Paulo César Guiselini

16ª Câmara de Vereadores: 01/01/2013 - 31/12/2016

Antônio Augusto Orlando Neto
Cristiano Francisco de Lima
Emerson Ribeiro da Costa
Everaldo Braga Pacheco
Fernando Aparecido Antonini
Flávio Cardoso Pereira
João Aparecido dos Santos
Mauro Eloy da Silva
Paulo César Guiselini



Capítulo 3
Os Símbolos Municipais

3.1 - O Hino de Terra Roxa

Símbolo Municipal mais jovem, o Hino de Terra Roxa foi criado no dia 22 de maio de 2012, por dois grandes músicos, sendo letra e música composições do Maestro Américo Donizete Batista e o arranjo do Maestro Davi Sartori. Instituído na gestão do Prefeito Marcelino Abbes Filho pela Lei municipal 1161/12, o hino foi lançado no dia 17 de julho de 2012, durante o 5º Congresso Internacional de Educação Cultura e Meio ambiente.

O Hino de Terra Roxa retrata a história do município desde o seu nascimento dos solos da Fazenda Santa Carolina bem como suas riquezas naturais, recebendo destaque a agricultura e o incessante trabalho dos imigrantes que aqui encontraram um lar. Abaixo é apresentada a letra deste tão belo símbolo:

Hino de Terra Roxa[4]

Terra Roxa cidade querida
De um povo valente e gentil
Terra próspera e fértil é vida
Filha amada do nosso Brasil

Do imigrante incessante na lida
Na lavoura a plantar r colher
Nesta terra um pedaço da vida
Fez da vida esta terra nascer

Terra Roxa que a todos abriga
Altaneira, esta terra ficou
De Fazenda Santa Carolina
Emancipada a município passou

Terra Roxa terra produtiva
Generosa com os filhos teus
No coração com orgulho abriga
Este nome que Deus acolheu

Terra Roxa Terra Roxa
Prosperante cidade que diz:
Terra Roxa Terra Roxa
Terra nobre de um povo feliz

[4] Ouça o Hino em: http://www.youtube.com/watch?v=u7Bs0VmxOTA

3.2 - O Brasão de Armas

Antes de tudo, é importante ressaltar que no ano de 1973 Terra Roxa era uma cidade ainda muito jovem, somando apenas 24 anos de emancipação política; assim, pensar na criação de um Brasão de Armas e de uma Bandeira constituiu um grande feito para o município, uma vez que, estas eram Honrarias de grandes cidades. Desta forma, nós, Terrarroxenses, devemos nos orgulhar duplamente ao avistar nossa Bandeira hasteada, contendo nosso Brasão de Armas em seu interior.

O Brasão de Terra Roxa foi desenvolvido por Lauro Ribeiro Escobar, membro do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, e registrado sob a Lei n.º 131, de 17 de setembro de 1973, período a qual Terra Roxa se encontrava sob administração do Prefeito Dr. Arminto Marques.

Este símbolo é composto por um escudo de estilo próprio[5], o qual em seu interior consta um sol de goles[6] (vermelho) seguido por quatro flores- de- lis de blau (azul) e Terrado (parte inferior do escudo) de coloração púrpura (violeta). A parte superior do escudo possui uma coroa mural de prata com oito torres[7]com suas portas abertas de sable[8] (preto), seguido à sua esquerda (sinistra) por um ramo de algodoeiro e à sua direita

[5] Escudo cuja base é arredondada, também chamado de "escudo português ou ibérico", que é o mais comum nos brasões de armas usados no Brasil.
[6] Do persa *ghul*. Os nomes dados às cores (ou tinturas) dos brasões tem sua origem no francês medieval.
[7] Imagine a coroa nas três dimensões altura, largura e profundidade, formando assim um objeto circular com as oito pontas (aqui simbolizadas por torres); como na imagem apenas observamos duas dimensões, altura e largura, vemos apenas cinco torres.
[8] Do Polonês *sabol* e/ou do Russo *zobol*.

(destra) por um ramo de café,[9] ambos acompanhados por suas folhas e frutos. Por fim, segue o listel (faixa) de prata, com o nome "Terra Roxa", também escrito em goles (vermelho).

Assim, o significado deste brasão pode ser compreendido da seguinte maneira: o escudo de base arredondada foi utilizado por Portugal no período das grandes navegações e do descobrimento do Brasil, deste modo, sua adoção torna-se uma homenagem do município de Terra Roxa aos primeiros colonizadores da nossa Pátria. A cor do escudo, a prata, é explicada pela heráldica[10] como sendo o símbolo da felicidade, pureza, temperança, verdade, formosura, franqueza, prudência, integridade, lisura, e amizade. O Sol ilustra a eternidade, grandeza, poder, magnificência, fertilidade deste solo, que na coloração de goles (vermelho) representa a audácia, o valor, a nobreza insigne, valentia e honra. A flor-de-lis é o símbolo da pureza de espírito, luz e perfeição, e que por meio da coloração blau (azul) simboliza a doçura, nobreza e serenidade, este símbolo também evoca a Santíssima Padroeira[11] de Terra Roxa. O terrado púrpura (parte inferior do escudo, representando a base ou solo) é uma referência à denominação do Município ilustrando assim a devoção, soberania, abundância, tranqüilidade, riqueza, dignidade e liberdade. A coroa de prata com oito torres (das quais podemos observar apenas cinco) é o símbolo da emancipação política, a soberania, e as portas abertas de cada torre de sable (preto) demonstram o caráter hospitaleiro e a generosidade do povo de Terra Roxa. O listel de prata explicita o nome de nosso

[9] Imagine que o brasão está representado do lado contrário do observador, por isso, a sua direita e esquerda estão invertidas, representando, respectivamente, a esquerda e direita de quem o vê.
[10] Ciência e arte de descrever os brasões de armas ou escudos.
[11] Nossa Senhora Aparecida.

município. Finalmente, o ramo cafeeiro da direita e o ramo algodoeiro da esquerda do brasão simbolizam a riqueza de nossas terras bem como o poder de nossa agricultura no cultivo destas duas culturas que tanto trouxeram progresso à Economia de nosso País, Estado e Município.

3.3 - A Bandeira Municipal

A Bandeira de Terra Roxa foi instituída posteriormente ao Brasão de Armas, e oficializada através da Lei nº 155 em 05 de julho de 1974 também por Lauro Ribeiro Escobar do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, e ainda na administração do então Prefeito Dr. Arminto Marques.

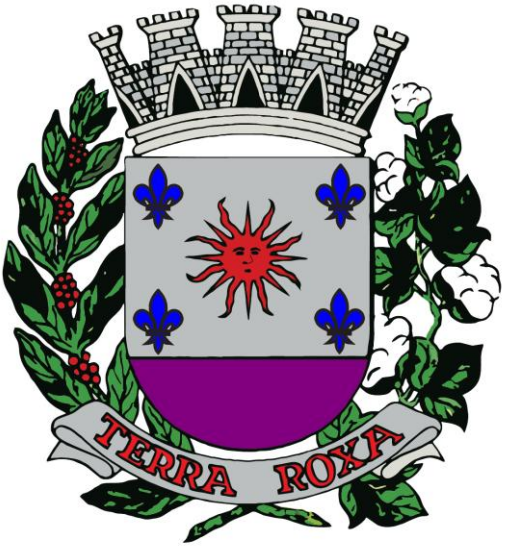
A Bandeira é de formato retangular na cor púrpura, com uma barra de cor branca agregando o Brasão de armas ao centro e acompanhado de duas flores de lis azul em cada extremidade.

As proporções da Bandeira Municipal são as mesmas da Bandeira Nacional, ou seja, quatorze módulos[12] de altura por vinte módulos de comprimento (14:20), tendo o Brasão de Armas seis módulos de altura e as flores de lis três módulos e meio de altura. O significado das cores empregadas na idealização da Bandeira Municipal segue de acordo com o significado das cores empregadas no Brasão de Armas.

Portanto, cidadão Terrarroxense, após esta breve leitura, sinta-se orgulhoso! Pois nossa cidade além de possuir um Brasão

[12] Os módulos permitem que se reproduza a bandeira em diferentes tamanhos, conversando a proporção de seus elementos. Tomar-se-á por base a largura desejada, dividindo-se esta em 14 partes iguais. Cada uma das partes será considerada uma medida ou módulo. O comprimento será de vinte módulos.

de Armas e uma Bandeira com tão grande beleza e opulência, é uma conquista que nos tempos de sua concepção apenas eram atribuídos às cidades de maior tamanho e expressão.





Brasão de Armas e Bandeira de Terra Roxa por Lauro Ribeiro Escobar - Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, 1973.



Capítulo 4
O Fundador

Antes de iniciarmos o desenrolar da historia de nossa cidade, é fundamental apresentar primeiro alguns dados sobre a figura do Dr. Mario Rolim Telles, atualmente pouco difundida em nossa cidade. Os único monumentos presentes em Terra Roxa que trazem homenagens à nosso fundador são a placa do Marco Zero, inaugurada na administração do Prefeito Dr. Samir Assad Nassbine em 2003 na Praça Fábio Uchôa Ralston, e seu retrato presente na E.M.E.F. Coronel Joaquim Prudente Corrêa e E.E. Profª. Maria Elyde Mônaco dos Santos.

Como muitos devem se lembrar, quando alunos, fomos ensinados logo nos anos iniciais e geralmente no mês de março, que o Fundador de Terra Roxa foi o Dr. Mario Rolim Telles. Muitos, inclusive eu, se colocam a pensar:

-Quem foi o Dr. Telles?

-Qual sua profissão?

-Qual sua formação?

-Por que não viveu aqui?

-Alem de fundar Terra Roxa, o que mais ele deve ter feito?

-Quando veio a falecer, e com quantos anos?

São perguntas que muitas vezes não querem se calar, porém, por falta de respostas, silenciam-se. Pois bem a seguir vejamos um pouco mais sobre este grande homem.



Placa em Homenagem ao Fundador de Terra Roxa

4.1 - Dr. Mário Rolim Telles

Nasceu em São Roque no ano de 1887, graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco na cidade de São Paulo. Foi casado com Eunice Corrêa em primeiras núpcias vindo a ficar viúvo, posteriormente casa-se de novo, agora com Guiomar Prudente Corrêa, pai de Mariucha Corrêa. Depois de formado, viria a demonstrar grande talento Agrícola e Político.

Considerado como um dos Fazendeiros mais importantes do país, de acordo com a Revista Veja em edição de 1980, Telles

no decorrer de sua vida plantou e administrou mais de um milhão de pés de café. Seu talento na gestão cafeeira fez com que o mesmo viesse a se tornar Presidente da Sociedade Rural Brasileira por duas vezes; Presidente da Associação Paulista dos Cafeicultores; Diretor representante da Lavoura na Associação Comercial de São Paulo; além de membro e Vice Presidente da Comissão Federal da Produção Cafeeira de 1952.



Dr. Mario Rolim Telles
Fonte: Galeria de Ex-Presidentes da Sociedade Rural Brasileira

No plano Político, Telles foi por vários anos, Homem Público. Foi Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo por

duas vezes, a primeira na gestão do governador Júlio Prestes em 1927, e a segunda com o governador Adhemar de Barros em 1940.

O Fundador de Terra Roxa, no ano de 1945, lançou sua candidatura para a Presidência da República, pelo PAN (Partido Agrário Nacional), infelizmente alcançou números irrisórios, apenas 10.001 votos (0,17% do total), perdendo para o Presidente Eurico Gaspar Dutra, o qual alcançou 3.251.507 votos (55,39% do total). Convém frisar que a eleição presidencial de 1945 foi a décima segunda eleição direta, porém, considerada a primeira eleição presidencial verdadeiramente democrática da História Brasileira, pois, muito embora as eleições fossem diretas, as mesmas eram escandalosamente fraudulentas. Em 1945 praticamente não houve acusações de fraude no pleito, e seu resultado foi acatado pela totalidade das forças políticas da época. É uma pena que Telles não tenha vencido, pois se tivesse este capitulo prosseguiria em muito. Em 1952 elegeu-se como Deputado Estadual.

Mario Rollim Telles deixou vários trabalhos escritos, dos quais merecem destaque as obras "Política de Fraque e Cartola", "Câmbio e Café" e "Defesa da Lavoura de Café".

Faleceu em 17 de setembro de 1980 aos 93 anos de idade, na cidade de São Paulo.



Capítulo 5
Gênese

Terra Roxa – O início

Escrito pelo cidadão Terrarroxense Sr. João Ribeiro Silva

Pelos relatos que ouvi de minha mãe, Dona Adelina, de Alfredo e Américo Cervi, pode-se dizer que Terra Roxa era uma vila que nasceu sob o signo da amizade, da união, do entusiasmo, da solidariedade e da alegria. Viviam todos em igualdade, independente da situação econômica.

As atividades sociais em religiosas tais como as Festas de Setembro da Igreja, o Carnaval, as serenatas, o Futebol, as apresentações da Banda de Música, a Semana Eucarística, as inúmeras congregações religiosas, entre as quais, os Marianos, as Filhas de Maria, o Apostolado da Oração (Sagrado Coração de Jesus). Enfim era tudo com planejamento, organização e participação da comunidade: sitiantes, fazendeiros e povo em geral.

Era pela união de todos que os diversos eventos alcançavam sucesso pois eram feitos com alegria, participação e

amor. As "Festas de Setembro", os Bailes no cinema e o Futebol eram famosos na região.

Predominava na população as numerosas famílias italianas tanto na cidade como nos sítios e fazendas. Algumas estavam no comércio com lojas de tecidos, açougues, selarias, oficinas mecânicas, bares, máquinas de beneficiar arroz. Muitas outras famílias eram de pequenos sitiantes ou colonos.

Entre essas famílias podemos citar: Foggia, Pitarelli, Galvani, Chiarelli, Bigget, Cicarelli, Juliani, Stivanelli, Olivari, Fatigati, Minto, Mancini, Sarti, Stelato, Mônaco, Lazareti, Lollato, Tozoni, Armelin, Giovanetti, Munari, Toloni, Sartori, Cervi, Toschi, Caputo, Savastano, Vernilo, Tozeti, Inforçati, Prezuti, Maróstica, Cucharo, Padovan e tantas outras famílias.

Assim foi o belo começo de Terra Roxa.

5.1 - A Fundação da Vila de Terra Roxa

Para alguns leitores pode ser este o capítulo mais importante de nossa história, onde assim como nos capítulos da história de nosso País , haveria uma historia ilustre, marcada por grandes feitos, atos heróicos contados à moda do Positivismo (Ordem! Progresso!). Para estes nobres leitores, infelizmente não conseguirei agradar, ao menos em parte, pois, a história da criação de nosso município não possui heróis bandeirantes ou da capa e espada. Possui sim homens e mulheres de fibra, grande valor, hombridade e, principalmente, generosidade.

Terra Roxa possui uma história singela e humilde, porém é claro, não menos importante. Em linhas simples, nossa cidade

surgiu a partir da iniciativa de uma companhia agropastoril[13] em desbravar esta região, denominada Cia Agropastoril do Banharão. Excetuando-se a área ocupada pela Fazenda Floresta, a região onde hoje está o município de Terra Roxa encontrava-se em período anterior ao da chegada da Cia em estado natural, ou seja, no puro domínio vegetal.



A casa do Cel. Joaquim Prudente Corrêa, sede da Fazenda Floresta. Construída em 1870, sendo a construção mais antiga da região. A casa é feita de taipa com piso de jacarandá, possuindo um porão habitável e um pequeno riacho sob sua fundação.

A Cia Agropastoril do Banharão foi fundada no ano de 1910 e não possuía apenas um único dono, mas sim vários, os quais eram denominados Sócios. Em 1918, após o desbravamento do território, parcelas do mesmo foram concedidas aos Sócios, sob a denominação de Glebas[14], e,

[13] Empresa atuante no desenvolvimento do setor agropecuário.
[14] Grandes propriedades rurais.

conseqüentemente marcam o encerramento das atividades da Companhia. A partir das glebas é que se consolidam as grandes Fazendas, como a Fazenda Floresta, de propriedade do Coronel Joaquim Prudente Corrêa, acionista majoritário da Cia; a Fazenda Amoras (hoje chamada Fazenda Itaporan), propriedade do Coronel Walter da Silva Porto; a Fazenda Califórnia, de Camilo Queiroz de Morais; a Fazenda Santa Alice, do Dr. Fábio Uchôa (avô do futuro Prefeito Fábio Uchôa Ralston); a Fazenda do Bairro Esperança, propriedade de Sebastião Ferreira de Camargo e, por ultimo, a Fazenda Santa Carolina, propriedade de Prudente Rosa Corrêa e Dr. Mario Rolim Telles. Todas elas iniciando o cultivo de Café, pois era uma cultura em alta na Economia Internacional, geradora de grandes riquezas não somente para o Brasil, mas também para nossa querida Terra Roxa.

Dentre todos os Sócios, figura como protagonista de nossa historia o Dr. Mario Rolim Telles, co-proprietário e gerente da Fazenda Santa Carolina, pois, foi a partir do loteamento e da doação de um lote de terras próximas à sede da fazenda que os primeiros passos de nossa cidade foram dados. Nasce assim a Vila de Santa Carolina.

Ainda no ano de 1918, a Vila recebe um ramal (trecho) de ferrovia de bitola estreita[15] (denominação usada para se referir a linhas férreas com distancia entre um trilho a outro inferiores a 1435 mm) da então Companhia Ferroviária São Paulo – Goiás. Este ramal ligava Terra Roxa à cidade de Viradouro, possibilitando conexões com outras cidades, com carros (vagões) de passageiros e de cargas. A partir da inauguração da Estação

[15] No Brasil comumente se utilizava a distancia entre os trilhos de 1000 mm, ou 1 m, também denominada bitola métrica. Terra Roxa possuía a bitola métrica.

Ferroviária, também em 1918, a Vila de Santa Carolina passa a ser chamada de Terra Roxa, nome já utilizado pelos habitantes devido à coloração dos solos originados da decomposição do basalto, uma rocha magmática que quando decomposta apresenta coloração avermelhada. Em 1927, este trecho de ferrovia passa a pertencer à Cia Paulista de Estradas de Ferro, recebendo agora a denominação Ramal de Terra Roxa, estendendo-se até Ibitiuva.

Vale ressaltar que o nome Terra Roxa vem de *"Rossa",* cujo significado é vermelha no vocabulário dos imigrantes Italianos que para esta região já se dirigiam. Com base no falso cognato, os moradores da Vila acabaram traduzindo errado, entretanto, o nome acabou pegando muito bem.

Alguns leitores gostarão de saber que, se não fosse à denominação Terra Roxa dada à estação ferroviária aqui instalada, nossa cidade hoje teria o nome de Ibiacy, que quer dizer "terra boa" no idioma Tupi.

5.2 - A Vida na Vila de Terra Roxa.

Em 1918, a Vila de Terra Roxa já começa a demonstrar sinais de evolução, de desenvolvimento. Assim surgem as primeiras casas comerciais, com destaque para o Armazém Floresta, que foi o primeiro estabelecimento comercial da vila, e um pouco mais a frente já em 20 de setembro de 1920, é inaugurada a Agência Postal de Correios e Telégrafos.

Em 26 de dezembro de 1925, por meio da Lei de nº 2.099, Terra Roxa é elevada à categoria Distrito de Paz, passando agora a fazer parte do município de Viradouro. Em 30 de janeiro de 1926, é criado o Distrito Policial de Terra Roxa, ficando como subdelegado o Senhor João Esteves Diogo.



O Armazém Floresta – Primeira Casa Comercial de Terra Roxa
Acervo da Biblioteca Municipal de Terra Roxa

Em 30 de março de 1926, o distrito constrói um Cartório de Paz e Registro Civil, tendo como primeiro Juiz de Paz, o senhor Adelino Ramos da Silva. Na época o Cartório de Paz e Registro Civil era de fundamental importância para o registro de pessoas e escrituras, para o firmamento de compromissos, casamentos, bem como para a realização de audiências públicas. Por falta de uma autoridade maior na cidade, ficava o Juiz de Paz responsável por julgar as mais diversas causas, como por exemplo, a falta de pagamentos acordados entre duas pessoas, pedidos de despejo, acusações de roubos dos mais diversos objetos e até mesmo animais.

Além disto, o Cartório de Paz e Registro Civil servia como seção eleitoral, sendo este o único ponto de votação da vila. Nas eleições presidenciais realizadas no dia primeiro de

março de 1930, compareceram todos os 432 eleitores da cidade, todos do sexo masculino, pois a Mulher ainda não possuía o direito ao voto. Na disputa entre os candidatos Getúlio Vargas e Julio Prestes de Albuquerque Carvalho, houve 432 votos para Prestes. Para Vice Presidente, também houveram 432 votos para Vital Henrique Baptista Tavares. O dia da eleição foi registrado como "um dia de eleição tranqüilo, sem qualquer ocorrência".



Antiga placa do Cartório de Paz e Registro Civil de Terra Roxa

Ao buscar conhecer um pouco mais a fundo como era a vida na Vila de Terra Roxa, é possível encontrar no livro de Gentil J. de Souza, "*Tudo começou em Caetité"* de 2010*,* uma valorosa descrição, o qual convém citar o fragmento,

> "As ruas poeirentas de Terra Roxa, ao meu tempo, eram tão poucas que se contavam nos dedos das mãos, não tinham placas e nem as casas eram numeradas, mas o povo não se atrapalhava porque ele mesmo é que dava nome às ruas dizendo: Rua da Estação, Rua do Correio, Rua da

Cadeia Velha, Rua do Centro (telefônico), Rua da Santa Alice (com saída para a respectiva fazenda), Rua da Santa Carolina (com acesso à fazenda), Rua do Matadouro, Rua da Igreja, Rua do Sapo (tangenciando o Banharão) e assim por diante. E as casas não tendo números, as correspondências e jornais eram retirados à tardinha no correio, onde trabalhavam dona Ana, como titular e seu marido, o Sr. Elóy[16], que era também o estafeta[17], viajando com os malotes que levava embora ou os trazia de trem, (...) Na vila não havia delegado de polícia, nem prefeito e de funcionários públicos se contavam apenas um eletricista que cuidava da iluminação pública e um fiscal que administrava o comércio, o serviço de limpeza pública e assuntos de higiene, licenciamento de carroças e bicicletas. Com os automóveis desconheço qual seria o procedimento para licenciamento, e pouca gente os possuía, apenas alguns fazendeiros, dois ou três comerciantes e os médicos que nunca passavam de dois. Carro de aluguel, só o do Américo Cervi e que foi passando de pai pra filho e de filho para neto, (...) E toda pessoa que chegava a Terra Roxa, ficava na dependência de uma alternativa; ou caía logo na simpatia do povo ou caía na antipatia e caindo na antipatia não escapava de um ridículo apelido de que não se livrava nunca mais, nem

[16] Eloy Americano
[17] Carteiro.

trocando a pele." (SOUZA, G. J. Tudo Começou em Caetité, 2010, p. 22-23.)



A Casa Guarany, antiga casa comercial de Terra Roxa



Capítulo 6
Os Ventos e Eventos da Emancipação

De acordo com dados gentilmente concedidos pela Câmara Municipal de Terra Roxa, deparamos com o fato de que já no de 1947, o desejo em ver Terra Roxa emancipada ganha uma sólida base política, a partir do apoio de influentes cidadãos como Antonio Carlos de Camargo Andrade, Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, Fábio Uchôa Ralston Onésimo Ferreira de Araújo, José Pastore e Divaldo Allegro, o Distrito de Terra Roxa aumenta sua representatividade perante o município de Viradouro. Um ano mais tarde, em 1948 tal esforço político demonstra resultados, e de acordo com o pesquisador Luiz Carlos Tocalino, autor do livro *"Viradouro: Nossa Terra Nossa Gente"* de 2003, no quadro dos Vereadores de 1948 , num um total de 15 vereadores da Câmara Municipal de Viradouro 5 empossados são do Distrito de Terra Roxa, sendo eles: Fábio Uchôa Ralston, Antônio Carlos de Camargo Andrade, Abdulatif Abrão, Onésimo Ferreira de Araújo, Antônio Ivan dos Santos.

Enfim, em 24 de dezembro de 1948, na divisão territorial administrativo-judiciária do Estado, através da Lei nº 233 e, novamente graças aos fervorosos esforços realizados pelos senhores Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, Fábio Uchôa Ralston,

Antônio Carlos de Camargo Andrade, Abdulatif Abrão, Onésimo Ferreira de Araújo, José Pastore, Guilherme Moura Filho, Divaldo Allegro, Edwar Pastore, e o apoio do municipalista[18] Deputado Estadual Dr. Antonio Sylvio da Cunha Bueno, o distrito de Terra Roxa é elevado à categoria Município.

Após este grande passo para Terra Roxa cria-se outra necessidade, exemplificada pela pergunta: *Quem será o Prefeito?* Logicamente não seria justo que este entrasse por vias ilegais como uso da força ou compra de direito. Novamente são reunidos alguns influentes cidadãos, os quais já vinham participando do cotidiano Político de Terra Roxa, convidados agora a compor uma junta administrativa provisória. Dentre estes é possível citar os senhores Miguel Amâncio, Higino Cervi, Guido Cervi, Alfredo Cervi, Atilio Lollato, Armando Cardial, Deocliciano Batista Oliveira, Quirino Ferrari, Fábio Uchôa Ralston, Antônio Carlos de Camargo Andrade, Antônio Ivan dos Santos, Onésimo Ferreira de Araújo, José Pastore e Guilherme Moura Filho – o Mourinha.

Tal junta administrativa chega finalmente ao consenso de que o primeiro Prefeito de Terra Roxa deveria ser Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, o qual aceitou prontamente à indicação; e que de acordo com alguns entrevistados, pode ser considerado um grande prefeito, homem humilde e trabalhador. Não houve um vice-prefeito, sendo o substituto do prefeito, caso fosse preciso, o Presidente da Câmara, Sr. Antônio Carlos de Camargo Andrade.

A instalação do Município de Terra Roxa, com total desmembramento do Município de Viradouro, gozando de toda

[18] Visão política que defende a autonomia e a representatividade dos municípios brasileiros.

sua Autonomia Política e Administrativa se dá em 26 de março[19] do ano de 1949 com a assinatura legal da Ata de Emancipação.



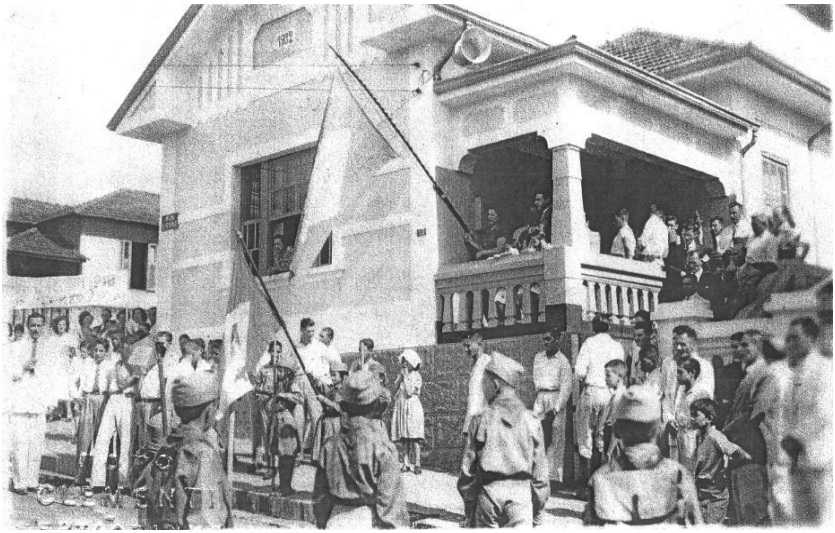
Assinatura da Ata de Emancipação no interior da Prefeitura Municipal, 26 de março de 1949. Acervo da Biblioteca Municipal de Terra Roxa

A instalação da Prefeitura Municipal se deu na antiga rua D. Pedro II, atual rua Dr. Oswaldo Prudente Corrêa (em homenagem ao primeiro prefeito), em uma casa[20] construída no ano de 1932, propriedade alugada do Sr. Francisco Walsh da Costa. Juntamente a Prefeitura encontrava-se também a Câmara Municipal.

[19] Data a qual toda a população Terrarroxense comemora festiva e alegremente o aniversário da cidade

[20] Atualmente no imóvel encontra-se instalado o Destacamento da Polícia Militar (PM-SP).

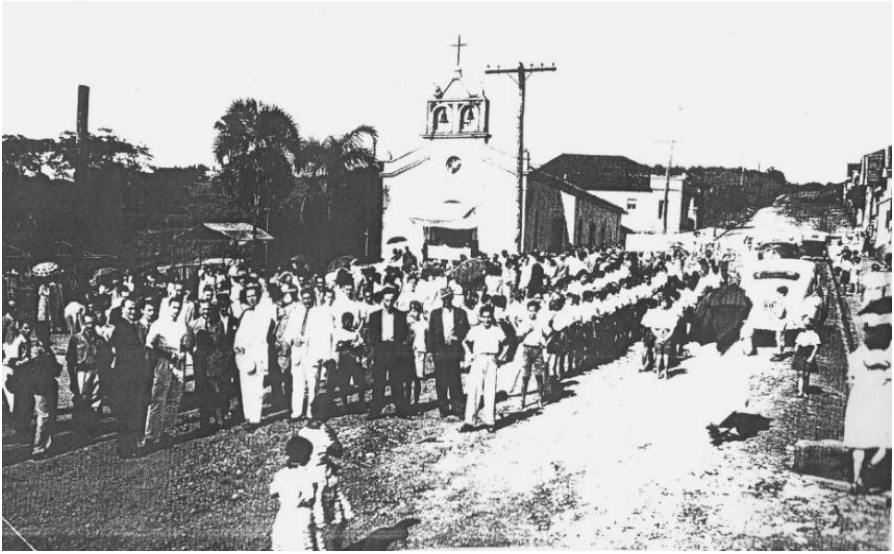




Festividades em comemoração à Emancipação Política de Terra Roxa – Desfile Cívico com os alunos do Grupo Escolar e o Grupo de Escoteiros. Destaque para a fachada do primeiro prédio da Prefeitura e Câmara Municipal de Terra Roxa, 26 de março de 1949. Fotos cedidas pela Historiadora Profª. Sueli de Souza Cavalini

A ata de posse do primeiro Prefeito também foi assinada no interior da nova Prefeitura e Câmara Municipal, seguindo depois para a missa campal na Igreja Matriz, logo defronte à prefeitura, tendo como participantes as autoridades, comerciantes, alunos do grupo escolar, o grupo de Escoteiros, e grande parcela da população de Terra Roxa.

Finalmente as festividades se encerraram com um grande churrasco oferecido na Fazenda Santa Carolina, então propriedade do Dr. Cássio Silveira.



Missa Campal em celebração à Emancipação
Foto cedida pela Historiadora Profª. Sueli de Souza Cavalini



Comemoração da Emancipação Política de Terra Roxa na Fazenda Santa Carolina do Senhor Cássio Silveira, 26 de março de 1949.
Acervo da Biblioteca Municipal de Terra Roxa

De acordo com os dados do Censo de 1950, Terra Roxa tinha no período uma população urbana de aproximadamente 1.116 pessoas (16%), e a população rural estava representada por cerca de 6.287 pessoas (84%).

6.1 - A Primeira Administração Municipal: 1949 a 1953.

Você amigo leitor, pode se questionar sobre como seria a primeira administração ou gestão de Terra Roxa, pois muito bem. Imagine qual foi a primeira atitude do município de Viradouro com relação ao novo município de Terra Roxa. A resposta é até muito simples, a primeira atitude foi retirar todos os seus

pertences e funcionários, deixando a nova cidade caminhar sozinha. Desta forma, Terra Roxa teve que contar primeiramente com o apoio da população, principalmente em saber que a cidade iria enfrentar um breve período de dificuldade. Em um segundo momento Terra Roxa, sem grandes recursos e caixa, se vê obrigada a apelar para um financiamento através de Fazenda do Estado de São Paulo, para assim organizar e manter os serviços municipais. Ao pesquisar o livro de leis municipais de número 01, temos na Lei Municipal de número 4, de12 de abril de 1949 a descrição precisa do valor de Cr$ 150.000,00 (cento e cinqüenta mil cruzeiros), destinado a atender as despesas com a instalação e organização dos serviços administrativos do município.

De acordo com dados fornecidos pela Câmara Municipal, logo em novembro de 1949, o prédio alugado onde funcionava a prefeitura municipal é comprado, do Sr. Francisco Walsh da Costa. Tal compra é um marco para a nova Cidade, pois é este o primeiro prédio adquirido.

Um ano depois, já em 1950, e novamente através de financiamento, Terra Roxa adquire uma motoniveladora e um caminhão irrigadeira. Ambos veículos da nova frota municipal, foram destinados no mesmo ano às obras das estradas municipais Terra Roxa à rodovia Brigadeiro Faria Lima (atual SP-353 rodovia Dr. Oswaldo Prudente Corrêa), a estrada Terra Roxa – Viradouro (atual rodovia Vereador Milton Jorge Maróstica de Souza) e a estrada ligando Terra Roxa à Cachoeira de São Bartolomeu (atual rodovia Yosyochi Gotó).

6.2 - As Dez Primeiras Leis Municipais

A Primeira Administração Municipal, 1949-1953, publicou um total de 80 leis, sendo sancionadas ora pelo Prefeito Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, ora pelo Presidente da Câmara na qualidade de Prefeito em Exercício Antônio Carlos de Camargo Andrade. Estas 80 leis estão registradas no livro 01, de 1949, nas páginas de 01 a 281. Apresento abaixo, uma breve síntese das dez primeiras Leis Municipais de Terra Roxa.

Lei nº 1, de 11 de abril de 1949.

A Lei de nº 1 cria o adicional de 10% sobre toda e qualquer arrecadação do Município, no presente exercício. O adicional criado, escriturado como renda eventual, será aplicado no pagamento das despesas resultantes da instalação do Município.

Lei nº 2, de 11 de abril de 1949.

Cria o quadro de funcionários para a Prefeitura Municipal de Terra Roxa, constituindo os seguintes cargos: 1 Contador, 1 Secretário Escriturário, 1 Tesoureiro lançador, 1 Professora e 1 Fiscal

Lei nº 3, de 11 de abril de 1949.

Prorroga por mais 30 dias, sem o encargo da multa, o pagamento dos impostos e taxas em atraso.

Lei nº 4, de 12 de abril de 1949.

Fica a Prefeitura Municipal autorizada a contratar, com a Fazenda do Estado, o empréstimo a que se refere a Lei nº 263, de 28 de março de 1949. O empréstimo no valor de Cr$150.000,00, à taxa de 6% ao ano, destinar-se-á a atender as despesas com a instalação e organização dos serviços administrativos do município. A amortização do empréstimo far-se-á em 4 prestações iguais, pagas anualmente.

Lei nº 5, de 12 de abril de 1949.

Aprova o Orçamento Municipal para o corrente ano de 1949, o qual foi elaborado pela Prefeitura Municipal de Viradouro e sancionado pela sua Comarca Municipal.

Lei nº 5, de 12 de abril de 1949.

Autoriza o aumento de 20% nas tarifas dos serviços telefônicos locais, da Companhia Telefônica Brasileira, de acordo com os despachos do Sr. Presidente da Republica, de 17 de Janeiro e 8 de fevereiro do corrente ano, que aprovou essa percentagem como básica para o aumento. O produto desse acréscimo destina-se exclusivamente a atender à melhoria de salários dos empregados da Companhia no serviço local, legalmente acordado entre eles e elas

Lei nº 7, de 31 de agosto de 1949.

Declara aberta na Contadoria Municipal, nos termos da legislação em vigor, o crédito especial de Cr$ 20.600,00 para ocorrer às despesas com a instalação da Prefeitura e da Câmara Municipal de Terra Roxa. O valor do crédito será coberto com os recursos provenientes do excesso de arrecadação verificado até 8 de junho de 1949.

Lei nº 8, de 31 de agosto de 1949.

Fixa a Taxa de Conservação de Estradas Municipais a 25% anual sobre o valor venal das propriedades rurais que, beneficiadas com o serviço de conservação de estradas, sejam a estas marginais.

Lei nº 9, de 31 de agosto de 1949.

Permite ao Poder Executivo do município, proceder a revisão dos lançamentos de Impostos e taxas Municipais promovidos pela Prefeitura Municipal de Viradouro, como tributação do antigo Distrito, ora elevado pela categoria de Município pela Lei nº 233, de 24 de dezembro de 1948, adaptando-os à legislação tributaria do município de Terra Roxa.

Lei nº 10, de 31 de agosto de 1949.

Serão cobrados emolumentos pela Prefeitura Municipal nos seguintes atos:

I. Do expediente de petições e papéis;

II. Certidões, alvarás, atestados, concessões e contratos;
III. Vistorias, exames, diligencias, alinhamentos e nivelamentos.



Capítulo 7
A Ferrovia

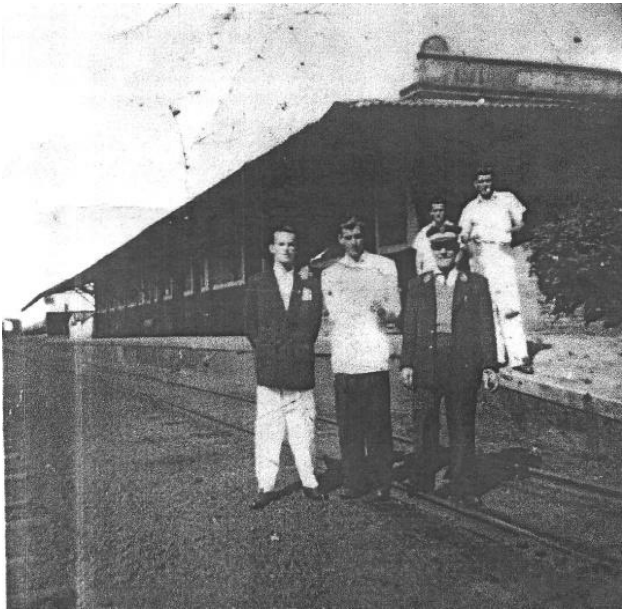
A Companhia de Estradas de Ferro São Paulo-Goiaz iniciou suas operações em nossa região no ano de 1911, com o trecho de Passagem (Pitangueiras), que foi prolongado até Ibitiúva em 1912 e posteriormente até as estações de Azevedo Marques e Viradouro no ano de 1913.

A ligação desta linha com a outra da mesma Companhia, a Bebedouro-Monte Azul, só foi concretizada em 1916, construída pela massa falida da Companhia, a qual se extinguiu em 1914. Desta forma, depois da união das linhas, o trecho de Viradouro acabou sendo um ramal que partia de Ibitiuva. No ano de 1918, o ramal é prolongado até Terra Roxa, sob a denominação ramal de "Jaborandy", pois era para nossa atual vizinha, a cidade de Jaborandi, que a linha férrea deveria seguir. Porém, tal prolongamento nunca se realizou.

Em 10 de Janeiro do ano de 1927, a Companhia Paulista adquiriu da Cia. Ferroviária São Paulo-Goiaz os trecho entre

Passagem[21] e Bebedouro e o ramal, que passou a se chamar ramal de Terra Roxa (ou ramal de Viradouro – Terra Roxa).

O ramal de Terra Roxa, como era muito conhecido por todos, era uma linha de bitola estreita, como já mencionada anteriormente, linhas férreas com distancia entre um trilho e outro inferiores a 1435 mm. No caso das linhas utilizadas em Terra Roxa, a distância era de um metro, sendo referida também por bitola métrica. O ramal possuía seis horários diários de saídas de trens.



A Estação de passageiros de Terra Roxa
Foto cedida pela Historiadora Profª. Sueli de Souza Cavalini

[21] Pitangueiras

Tanto para a vila como para a posterior cidade de Terra Roxa, a ferrovia era essencial para os transportes de passageiros, pois a quantidade de automóveis existentes em Terra Roxa era muito pequena, sendo um ou dois de aluguel (taxi). Em contrapartida o numero de carrinhos (charretes, carroças) era até razoável. Porém, estes últimos não facilitavam muito se a distancia fosse longa, muito menos se lembrarmos que as estradas não eram pavimentadas.

A ferrovia desempenhou uma importância muito grande também para o comércio, pois, era ela a única ligação capaz de transportar com eficiência o café e os cereais – os principais eixos econômicos. Além disso, era de trem que chegava à cidade muitas das mercadorias produzidas pelas fabricas das grandes cidades – as manufaturas – dentre elas tecidos, alimentos enlatados, bebidas engarrafadas, combustíveis, produtos de limpeza, etc. desempenhando grande importância para o abastecimento urbano.

Além do transporte de passageiros e cargas, convém lembrar que o Departamento de Correio dependia em muito deste meio de transporte, para as entregas postais e de telegramas, sendo este ultimo possível graças às linhas telegráficas que ligavam uma estação à outra; o que facilitava em muito a comunicação na época.

Através das entrevistas com alguns habitantes, foi possível sentir um grande traço saudosista, revelando o poder da identidade que estes habitantes tinham com o trem de ferro, a Maria Fumaça, tão carinhosamente lembrada. Quando traduzido, este sentimento pode ser resumido em simples frases como "O nosso passeio era ir à Estação", ou, "que saudade daquele tempo!".

Durante o governo do Presidente Jucelino Kubischek de Oliveira (1956-1961) a economia brasileira foi marcada por grandes mudanças[22], desta forma, deu-se uma ênfase maior ao transporte rodoviário em detrimento do transporte ferroviário; motivo este responsável pela decadência da Companhia Paulista.

O ramal de Terra Roxa prosseguiu em suas operações até setembro de 1966. Após esta data os trilhos foram recolhidos, e infelizmente, chega ao fim este ramal que tanto progresso trouxe à nossa querida cidade, restando atualmente apenas o prédio da Estação de Passageiros e, próximo dali o Armazém de cargas do Cerealista Irmãos Abrão.



Carteirinha de identificação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Cordialmente cedida pela Sra. Alcídea Bution Pedro

[22] Cinqüenta anos em cinco.



Capítulo 8
A Cafeicultura em Terra Roxa

8.1 - A Produção Cafeeira

Originário das terras altas da Etiópia, o cafeeiro (*Coffea arabica*.) é um arbusto da família Rubiaceae e do gênero *Coffea*. A descoberta do cafeeiro é ilustrada por uma antiga lenda, na qual um pastor chamado Kaldi observou que seus carneiros ficavam mais espertos ao comer as folhas e frutos do cafeeiro, intrigado com o fato ele também experimentou os frutos e sentiu maior vivacidade. Um monge da região, informado sobre o fato, começou a utilizar uma infusão de frutos para resistir ao sono enquanto orava.

Seu cultivo se estendeu primeiramente na Arábia, introduzido provavelmente por prisioneiros de guerra, onde se popularizou aproveitando a lei seca por parte do Islã. O Iêmen foi o centro de cultivo mais importante, de onde se propagou pelo resto do Mundo Árabe. Em 1475, surgiu em Constantinopla a primeira loja de café, produto que para se espalhar pelo mundo se beneficiou, primeiro, da expansão do islamismo e, em uma segunda fase, do desenvolvimento dos

negócios proporcionado pelos descobrimentos portugueses. Por volta de 1570, o café foi introduzido na Europa, precisamente em Veneza, Itália, mas a bebida, considerada maometana, era proibida aos cristãos e somente foi liberada após o papa Clemente VIII provar o café. Na sua peregrinação pelo mundo o café chegou a Java, alcançando posteriormente os Países Baixos e, graças ao dinamismo do comércio marítimo holandês executado pela Companhia das Índias Ocidentais, o café foi introduzido no Novo Mundo, espalhando-se nas Guianas, Martinica, São Domingos, Porto Rico e Cuba. Gabriel Mathien de Clieu, oficial francês, foi quem trouxe para a América os primeiros grãos.



Galho de *Coffea arabica*

No Brasil, a cultura do café tem seu início no ano de 1727, quando o governador do estado do Grão-Pará enviou o Sargento-mor Francisco de Melo Palheta em missão para a Guiana Francesa a fim de conseguir mudas de café, pois este já possuía grande valor comercial. Reza a lenda que em vez de tentar penetrar nas fortemente guardadas fazendas de café,

Palheta usou seu charme pessoal para persuadir a esposa do governador francês, em Caiena. Após conquistar sua confiança ela deu a ele um punhado de sementes além de cinco mudas da planta em sua despedida antes de voltar para o Brasil.

As primeiras plantações de café foram estabelecidas na região norte, mais especificamente em Vigia-PA, espalhando-se posteriormente a outros estados brasileiros, como Maranhão e Bahia, na Região Nordeste.

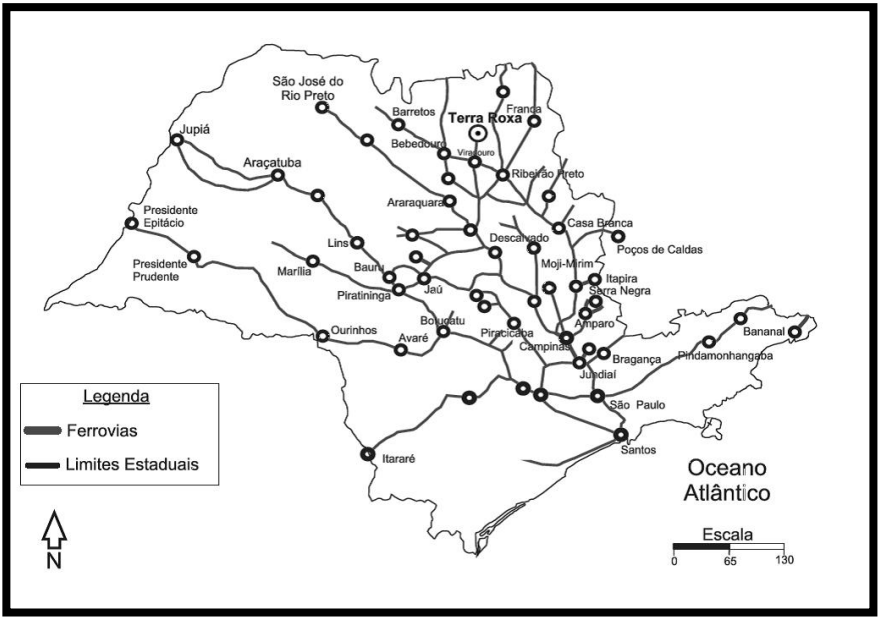
De acordo com Caio Prado Júnior, expoente das Ciências Humanas, o café passou a ser o principal produto da economia nacional somente na segunda metade do século XIX, pois, foi com a decadência das "lavouras tradicionais" (cana-de-açúcar, algodão e tabaco), que houve um "deslocamento da primazia econômica", do Nordeste para o Sudeste. Outro fator que estimulou a produção de café brasileiro foi a independência dos Estados Unidos que fez com que aquela crescente nação evitasse a todo custo comprar produtos da sua antiga metrópole.

Assim, por volta do inicio do séc. XIX, o café passou a ser plantado em terras do Rio de Janeiro, alcançando posteriormente o território paulista através do Vale do Paraíba. Rapidamente os cafezais foram se expandindo por praticamente toda a província de São Paulo, chegando a atingir províncias vizinhas, como as dos futuros estados de Minas Gerais, Paraná e Mato Grosso do Sul. Em outra direção, o café avançou também para a zona da mata mineira, oeste e sul do Espírito Santo.

Quando a economia cafeeira no Vale do Paraíba já apresentava sinais de decadência por volta de 1850, o café já havia alcançado o Planalto Ocidental Paulista[23], que logo se tornaria a principal área produtora do país, pois, nesta região o

[23] Região onde se localiza nossa cidade.

café se beneficiou de uma série de condições naturais favoráveis, como o clima tropical e as extensas manchas de solo conhecido como terra-roxa com grande fertilidade natural. Além disto, o sucesso econômico da lavoura do café no oeste paulista foi possível graças ao papel fundamental das estradas de ferro, que acompanhavam o avanço das novas áreas ocupadas.



Ferrovias do Café

O traçado das Ferrovias mostra claramente a ligação entre as áreas produtoras e as cidade de São Paulo e Santos, sendo esta ultima o porto pela qual se exportava toda a produção de café do oeste paulista.

Convém ressaltar que o avanço do café no Vale do Paraíba se fez com a mão de obra escrava, enquanto as plantações do oeste paulista se utilizaram inicialmente deste tipo de mão de

obra, posteriormente se desenvolvendo com base em relações assalariadas de trabalho, onde o imigrante (Italiano e Japonês) teve papel fundamental.

Em Terra Roxa, é possível dizer que o Café tenha aqui chegado junto às primeiras décadas do século XIX. Com a grande fertilidade dos solos de nossa cidade, o plantio se deu nas principais Fazendas aqui existentes: Fazenda Floresta, Amoras (mais tarde denominada Itaporan), Santa Carolina, Santa Alice, Bairro Esperança e Califórnia, onde também se fazia o processo de secagem dos grãos nos grandes terreiros.



Terreiro e aqueduto onde o café era lavado e seco – Fazenda Floresta



Antigo armazém para estocagem de café da Fazenda Floresta



A Construção do Armazém Moura, na cidade de Terra Roxa, onde posteriormente serviu como almoxarifado da Prefeitura Municipal.
Foto cedida pela Sra. Elaine Mônaco Prudente Corrêa

Assim como em grande parte dos municípios do estado de São Paulo, a cafeicultura trouxe grande progresso, demarcando um período de avanços significativos na economia e nas relações de trabalho, havendo conseqüentemente o desenvolvimento das fazendas agindo como pólos de atração aos recém chegados, como os Imigrantes Italianos e Japoneses, bem como o desenvolvimento da recém criada zona urbana, com suas casas comerciais servindo de entreposto comercial e de serviços, a qual possuía também um fator chave para seu bom desenvolvimento, a Ferrovia e a Estação.

A Terra Roxa - "A Província de São Paulo"- 02/12/1876

[...] É natural que uma tão vistosa superioridade desperte em todos os brasileiros a mais viva curiosidade e provoque o justo desejo de saber quais os elementos, que dão a São Paulo essa brilhante e invejável perspectiva. [...]

A filosofia da terra roxa!

Não se assustem os srs. fazendeiros, [...].

Quero simplesmente colocá-los em estado de responder às incessantes objeções e aos pedidos de informação que nos chegam de fora da província.

A minha tese é a seguinte: a província de São Paulo é o que é na

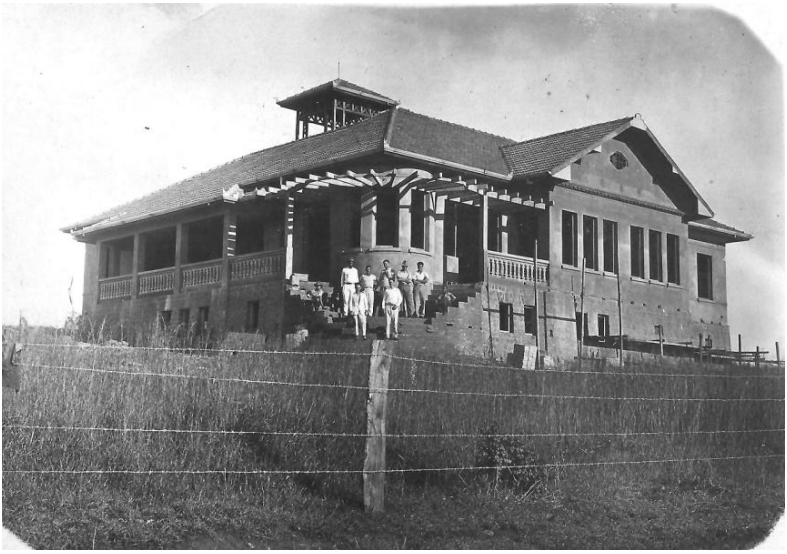
atualidade, graças simplesmente à sua terra roxa. [...].

(Luís Pereira Barreto, 1876)

"Filhos do Café: Ribeirão Preto da terra-roxa – tradicional em ser moderna" Museu do Café Francisco Schimidt, 2010.

Um bom exemplo sobre as funções a qual a cafeicultura trouxe à cidade continua ainda hoje vivo apesar de ter sido recebido nova função, é o caso do Armazém Moura, propriedade do Sr. Guilherme Moura da Fazenda Itaporã. O prédio deste Armazém, onde serviu por vários anos como o almoxarifado da Prefeitura Municipal, era o local onde o Café embarcava no trem para ser exportado pelo porto da cidade de Santos. Ainda hoje nos fundos do armazém está a plataforma de embarque.

Além dos carregamentos que ali eram realizados, no Armazém Moura também era realizada, exclusivamente por mãos femininas, a seleção de grãos. A fazenda Santa Carolina, também possuía seu armazém para a estocagem e seleção de café, o qual ficava na propriedade, já que a ferrovia seguia até a mesma como fim de linha.



A Sede da Fazenda Itaporã ainda em construção
Foto cedida pela Sra. Elaine Mônaco Prudente Corrêa

Em um trabalho acadêmico apresentado na Primeira Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) realizada em Campinas no ano de 1949, um cafeeiro (*Coffea arabica*.) da Fazenda Itaporã é utilizado como objeto de estudo e pesquisas para o melhoramento genético, descrito como um dos mais robustos já vistos:

> "(...) soube-se da existência de um cafeeiro, na fazenda Itaporã, em Terra Roxa, município de Viradouro, de propriedade do Sr. Guilherme Moura. Sobressaía aos demais, não só pelo elevado porte, como pela extrema rusticidade e grande produção. Segundo informações obtidas *in loco,* a planta fora encontrada em um viveiro de café Bourbon - *Coffea arábica* L. var. *bourbon* (B. Rodr.) Choussy - desconhecendo-se, porém, a procedência das sementes aí plantadas. O vigor desta planta, desde logo chamara a atenção da pessoa que a transplantou para o local definitivo, à beira de um carreador de um talhão de café Bourbon. Ela cresceu rapidamente e, como produzisse boas colheitas, o proprietário resolveu plantar alguns de seus descendentes próximo à sede da fazenda (...). A planta original, na Secção de Genética, recebeu o número "387"r sendo designada por este número no presente trabalho. Vários outros cafeeiros ainda foram marcados na fazenda Itaporã, entre os descendentes do "387", que são os de números 388 a 396. Além de pequena quantidade de frutos, foram também trazidas para Campinas estacas para enxertia do cafeeiro "387" e de alguns dos seus descendentes. Os enxertos foram posteriormente plantados na coleção da Estação Experimental Central de

Campinas, enquanto parte das sementes foi plantada e outra enviada a Santos, a fim de ser feita uma prova de xícara (...)."
(UMA NOVA FORMA DE COFFEA, C. A. KRUG, engenheiro agrônomo, Diretor; J. E. T. MENDES, engenheiro agrônomo, Secção de Café; A. CARVALHO, engenheiro agrônomo, Secção de Genética e A. J. T. MENDES, engenheiro agrônomo, Secção de Citologia, Instituto Agronômico de Campinas, 1949.)



Enxerto, com 10 anos, do cafeeiro "387" da coleção da Estação Experimental Central de Campinas em 1949

8.2 - Mudanças no cenário Cafeeiro

Apesar de o café manter-se como o principal produto da pauta de exportações brasileiras até os anos de 1950, outros produtos, como o cacau, o algodão e o açúcar, foram ganhando terreno, desta forma, a progressiva diversificação do setor agrícola e a evolução do setor industrial fizeram crescer a exportação de novos produtos agrícolas, como a soja, o amendoim, a e a laranja, por exemplo, e também de produtos industrializados. Esse pacote de mudanças fez desabar a participação do café na economia nacional.

Outro aspecto importante foi a mudança ocorrida no ranking dos maiores estados produtores de café ao longo do séc. XX. Pelo menos até 1940, o maior produtor de café do Brasil era São Paulo, que perdeu a liderança para o Paraná nos anos 50. Os paranaenses, por sua vez, mantiveram-se como lideres da produção até os anos 70, quando foram desbancados por Minas Gerais, que tem se mantido como principal produtor até a atualidade. Apesar de todas as mudanças ocorridas, o Sudeste ainda protagonista na produção nacional de café.

Por fim, nunca é demais lembrar que o ciclo do café foi fundamental na criação das bases para a eclosão do processo de industrialização, consolidando a liderança do Sudeste na economia nacional.



Capítulo 9
Cereais e Algodão

9.1 - A Produção Cerealista

Terra Roxa bem como toda a região ao entorno, outrora fora uma grande produtora de cereais e oleaginosas como o milho, soja, amendoim, girassol, arroz, sorgo a mamona e o caroço de algodão. É importante entender que os cereais muitas vezes constituem a base da alimentação humana (farinhas) e da alimentação animal (farelos destinados às rações), além é claro de outros produtos como óleos (cozinha e máquina/motores) e graxas (mamona).

Além da produção de cereais, é necessário levar em conta a importância da comercialização que estes desempenharam ao município, pois a fase de produção é uma atividade que depende do meio rural, em contrapartida, a comercialização desempenhada pelos cerealistas participou intensamente na vida econômica da cidade, não apenas em termos de produtos e empregos, mas também na integração com outros segmentos, como por exemplos os transportes rodoviários e ferroviários.

Para o bom funcionamento desta atividade comercial, eram necessários grandes Armazéns, destinados ao depósito e estocagem dos cereais, mantendo desta forma, a vitalidade dos

grãos, e também o controle dos preços para a compra e venda. Terra Roxa já possui grandes comerciais cerealistas como do Sr. Arlindo Sartori, a do Sr. Dionísio Pizzo Maróstica, a Sr. Roberto Maróstica, e a Cerealista Terra Roxa [24]de Abdulatif Abrão e Filhos.

Para melhor compreensão sobre as dimensões do comércio de cereais, tomarei como exemplo o Cerealista Terra Roxa. O primeiro armazém desta cerealista fora construído no ano de 1941, na rua São Paulo (atual rua Marechal Floriano, 105) pela CORAL (Junção dos sobrenomes Correa e Ralston), sendo posteriormente ocupado pela COMOVE - Companhia Mogiana de Óleos Vegetais, da cidade de Orlândia. Neste local havia a máquina beneficiadora de arroz, bem como a primeira unidade processadora de algodão. Os produtos estocados neste armazém eram todos mantidos em sacos e não a granel, tendo na lateral uma plataforma de embarque para o respectivo transporte ferroviário. Este Armazém continua a fazer parte da paisagem urbana de Terra Roxa, porém, com outra função, a de um supermercado.



Um dos armazéns da antiga Cerealista Terra Roxa.

[24] Um pouco mais a frente denominado Cerealista "Irmãos Abrão".

Em meados da década de 1940, graças aos bons ventos da economia cerealista, o Grupo Abrão começa a se expandir, construindo mais um armazém próximo à estação ferroviária, sendo considerado mais moderno e ágil no escoamento da compra e venda, uma vez que este armazém não utilizava mais o sistema de sacarias, mas sim o sistema a granel, facilitado por duas grandes descargas[25]. Este segundo armazém também era responsável por armazenar grande quantidade de cereais para o Banco do Brasil (armazéns gerais), que possuía o programa de financiamento via garantia dos preços ao produtor.

Para melhor ilustrar as dimensões do comércio realizado pela Ceralista Irmãos Abrão, é apresentada abaixo uma aproximação com as quantidades médias de cereais comercializados por ano.

Cereal	Unidade de Medida	Quantidade
Milho	Sacas de 60 kg	100.000 sacas
Amendoim	Sacas de 25 kg	200.000 sacas
Girassol	Sacas de 40 kg	10.000 sacas
Soja	Sacas de 60 kg	60.000 sacas
Arroz (com casca)	Sacas de 60 kg	53.000 sacas
Feijão	Sacas de 60 kg	6.062 sacas
Mamona	Tonelada	3.000 toneladas
Sorgo	Sacas de 60 kg	20.000 sacas

Aproximações apresentadas a partir de pesquisa e entrevistas

[25] Equipamento responsável pelo recolhimento dos cereais bem como carregamento em caminhões ou trens.

Alem dos produtos relacionados acima, a Cerealista também comercializava em valores não contabilizados na pesquisa o Arroz, Meio Arroz e Farelo.

9.2 - A Produção Algodoeira

Ao que se tem registro, a primeira unidade de processamento do algodão de Terra Roxa foi a CORAL[26], propriedade de Fábio Uchôa Ralston e Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, o qual iniciou suas operações no barracão onde posteriormente se instalou a COMOVE – Companhia Mogiana de Óleos Vegetais, da cidade de Orlândia.



Sentado sob o fardo de algodão de camisa branca e botas o Jovem Fábio Uchôa Ralston. Foto: Centro de Eventos e Convivência Fábio Uchôa Ralston

[26] Sigla formada pela junção dos sobrenomes Corrêa e Ralston.



Prédio da Máquina Beneficiadora de Algodão CORAL
Foto: Centro de Eventos e Convivência Fábio Uchôa Ralston

Um pouco mais a frente, já na década de 1960, o empreendedorismo dos Abrão resulta em mais uma unidade de produção e armazenamento, é criada a ALGIA – Algodoeira Irmãos Abrão, constituindo uma gigante do setor algodoeiro.

Como infraestrutura a ALGIA estava munida de potente máquina descaroçadora e prensa enfardadeira de algodão; dois Armazéns de Fardos, tendo o primeiro 4100 m² e o segundo 2200 m²; oito tulhas[27] medindo 5 m³, com a função de armazenar o algodão bruto, sendo posteriormente sugadas para a maquina processadora; alem é claro de balança e pátio para os caminhões. Com o passar dos anos a ALGIA foi equipada com dois grandes

[27] Reservatório subterrâneo.

silos em aço galvanizado, destinado ao armazenamento de grãos da Cerealista Irmãos Abrão.



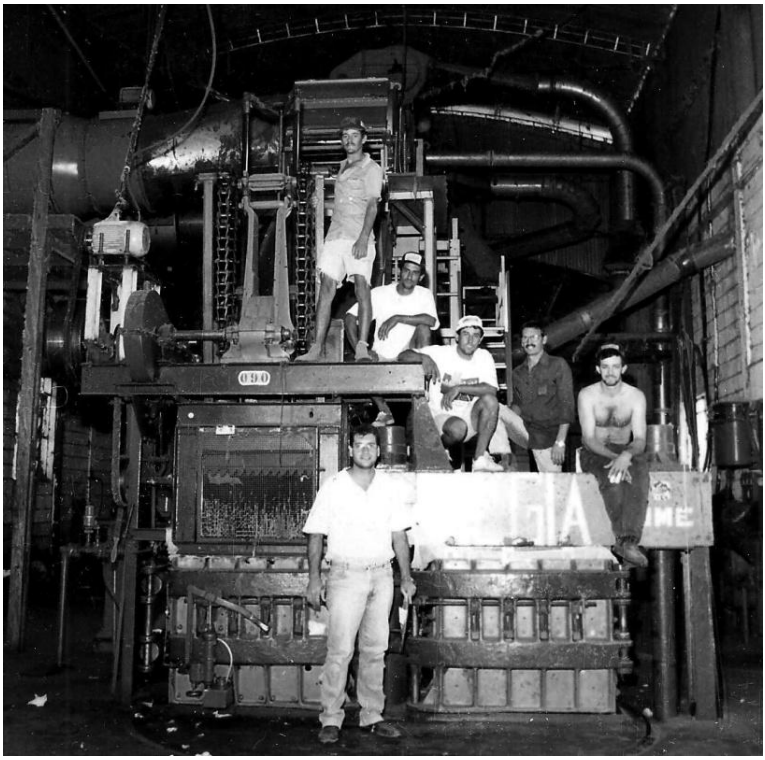
O Algodoeiro (*Gossypium hirsutum.)*

Da mesma forma que os cereais, é possível mensurar a produção média de algodão da seguinte maneira:

Gênero	Unidade de Medida	Quantidade
Algodão bruto (fibra + caroço)[28]	Arroba (15 kg)	500.000 arrobas
Algodão em fardo[29]	Fardos de 215 kg	15.000 fardos

Aproximações apresentadas a partir de pesquisa e entrevistas

[28] Compra.
[29] Venda.



A máquina processadora de algodão da ALGIA
Foto cedida pelo Sr. João Abrão

Além do algodão enfardado, a Algodoeira também comercializava o caroço de algodão, matéria prima à fabricação de óleo.

Em 1987 a Algodoeira sofre um curto-circuito no sistema elétrico em um dos armazéns de fardos causando assim um grande incêndio, o qual foi controlado pelo corpo de bombeiros de Bebedouro e pelos caminhões pipa das usinas Santa Eliza, Viralcool, bem como da Prefeitura Municipal. O total de perdas

somou 2700 fardos de algodão mais a destruição de parte dos Armazéns.

A ALGIA seguiu o processamento do algodão até o início do século XXI. Hoje com a retração do setor de cultivo do algodoeiro, bem como o avanço da produção sucroalcooleira na região, a Algodoeira Irmãos Abrão infelizmente encontra-se inerte em suas atividades. Do algodão e do algodoeiro apenas restou a ilustração no Brasão de Armas de Terra Roxa.

9.3 - O Empreendedorismo de Abdulatif Abrão

Nos dois exemplos utilizados para melhor ilustrar a produção cerealista e a produção algodoeira, não poderia ficar de fora o empreendedorismo do Sr. Abdulatif Abrão, homem de visão comercial e política, iniciador do grupo Irmãos Abrão.

Foi de Abdulatif Abrão que Terra Roxa passou a ser um grande expoente da comercialização de grãos e cereais, e aos que não acreditam, basta fazer um passeio pela cidade e observar a sólida infraestrutura ainda presente, como o Terminal de Cargas próximo à Estação, os Armazéns da Cerealista[30] Terra Roxa, a Algodoeira, e anexo a esta a fábrica[31] de cabos de vassoura. Para além das fronteiras paulistas, no estado do Mato Grosso, o grupo Abrão criou a Companhia Agropastoril do Marape S/A, conquistando cerca de 43 mil hectares de terra. A Cia Marape também instalou duas serrarias, transformando toras em tábuas, terças, caibros, vigotas e acostaneiras. A madeira destas serrarias

[30] Parcialmente utilizada pelo supermercado.
[31] Produção média de 1000 cabos de vassoura por dia, com madeira vinda das Serrarias da Cia Marape S/A.

ainda hoje se faz presente no terminal de Cargas, em cada uma das pranchas de Angelim que compões o anexo do armazém.

Como já exposto no capítulo sobre a emancipação política, Abdulatif foi, juntamente com outros políticos da época, peça chave na articulação de uma cidade independente. Seu talento político é claramente notável se observarmos também no capitulo sobre o quadro político, o número de vezes em que pertenceu à Câmara dos Vereadores de nossa cidade somando sete mandatos, dos quais fora o Presidente em cinco; e isto em um período onde o parlamentar não possuía remuneração por mandato.

Adiante, é claro, no ano de 1977 Abdulatif Abrão é eleito o 8º Prefeito de Terra Roxa. Como feitos na época é possível destacar a conclusão das Obras da Irmandade de Misericórdia e Hospital de Terra Roxa[32], o Terminal Rodoviário, o centro de lazer "Fernanda Maria de Souza Abrão", a terraplanagem de grande parte das áreas rurais próxima da cidade, bem como o inicio da Festa do Peão no novo recinto – o "Clube Sela Dourada".

O talento Comercial e Político de Abdulatif rendeu a ele o título de Comendador do Estado de São Paulo, entregue pelos Políticos Paulo Salim Maluf e Jorge Maluly Netto, na cidade de São Paulo.

[32] Iniciada na gestão anterior, Prefeito Dr. Arminto Marques.



O Presidente da Câmara Abdulatif Abrão, Governador Laudo Natel, Prefeito Dr. Arminto Marques e o Vereador Jair Quintino. Sessão solene de entrega do Título de Cidadão Terra-Roxense ao Governador Laudo Natel, 12/02/1975.

Foto cedida pela Sra. Maria Conceição Braga Marques



Serenata: Alfredo Pfaffenbach, Abdulatif Abrão, Ângelo Cuchiaro e o Sr. Brevighilheri.

Foto cedida pelo Sr. João Abrão



Capítulo 10
Educação

10.1 - O Grupo Escolar de Terra Roxa

O primeiro registro sobre a educação em Terra Roxa é de 1922, sob a denominação de "Escolas Reunidas", com administração municipal, localizada na antiga Rua São Paulo, hoje Rua Marechal Floriano, e tendo como diretor o senhor Juvenal Augusto e como professoras as senhoras Amélia e Anésia Vasconcelos e Lydia de Oliveira.

Como a primeira escola era muito pequena, operando apenas com duas classes de ensino primário, uma no período da manhã e outra no período da tarde.

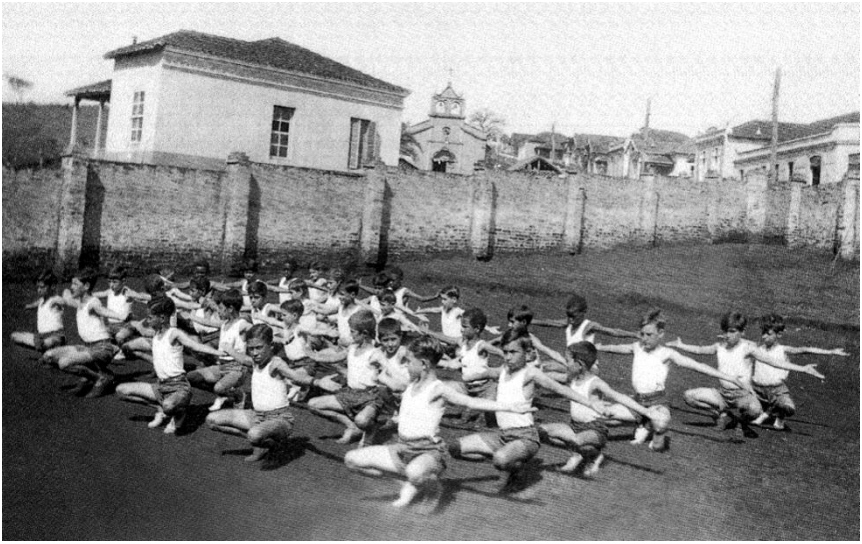
No ano de 1927, as "Escolas Reunidas" recebem outro endereço, dirigindo-se agora para a Rua da Estação, hoje atual avenida Cel. Walter, em um imóvel alugado onde posteriormente viria a ser a Casa Gonçalves. Nesta mesma data ocorre também a mudança de nome para Grupo Escolar, com ato de criação datado de 12 de julho de 1927.

Em uma edição do jornal "O Progresso" de 1934, o Grupo Escolar é descrito como uma escola de sete classes,

cinema educativo, associação de pais e mestres, biblioteca e clube agrícola, com matrículas no mesmo ano totalizando 343 alunos, sendo 173 meninos e 170 meninas. Os registros também revelam que o Grupo Escolar era dirigido pelo Professor Benedito Branco e possuía no corpo docente os Professores Philomeno Francisco de Paiva, João Lorenzzatti, Laercia de Souza, Cleonice Machado, Áurea Machado, Cynira Teixeira, Vanda de Araújo, Cacilde Machado, Maria de Lurdes Keppe e Maria Aparecida Teixeira.



Antigo Grupo Escolar de Terra Roxa em 1942. Foto: Relatório da Delegacia Regional de Jaboticabal – 1942. Arquivo Público do Estado de São Paulo.



Aula de Ginástica no Pátio do Antigo Grupo Escolar de Terra Roxa, com a praça e a antiga Igreja Matriz ao Fundo.
Fonte: Gentil J. de Souza, "Tudo começou em Caetité", 2010.

A diante, já no ano de 1946, sob a direção do Professor Antônio Mazza, é reunida uma comissão com o objetivo de arrecadar fundos para a aquisição de um terreno de maiores proporções para a construção de um novo prédio. Tal comissão era presidida pelo Dr. Oswaldo Prudente Corrêa [33]e formada pelos senhores Antônio Mazza, José Lollato Neto, Onésimo Ferreira de Araújo, Rubens Souza Pinto, Dr. Pedro José de Castro e Antônio Mônaco.

Graças aos esforços desta comissão, no dia 12 de dezembro de 1950, com grande jubilo é colocada a primeira telha pelo Professor Antônio Mazza, enaltecendo em discurso o valor que representa o novo prédio do Grupo Escolar de Terra Roxa.

[33] Três anos mais tarde o primeiro prefeito de Terra Roxa.

No dia primeiro de março de 1952 é inaugurado o novo prédio, com ensino de 1ª a 4ª séries [34] e em oito de maio do mesmo ano, por meio da lei nº 295 o Grupo Escolar passa a se chamar Grupo Escolar Coronel Joaquim Prudente Corrêa, sendo reforçada um pouco mais a frente na promulgação da lei pelo governador do Estado de São Paulo Lucas Nogueira Garcez em 29 de julho de 1953. No dia 7 de setembro de 1953 são inaugurados o retrato do Patrono Coronel Joaquim Prudente Corrêa juntamente com a placa comemorativa, ambas doadas pelo senhor Guilherme Moura Filho.



Placa em homenagem ao Patrono Coronel Joaquim Prudente Corrêa

O prestígio e a excelência desta unidade escolar não cessam. Assim em 1958, o Governador Jânio Quadros autoriza a construção de mais quatro classes. Adiante, em 27 de janeiro de 1974 o Grupo Escolar Coronel Joaquim Prudente Corrêa passa a

[34] Hoje denominado de 2º a 5º ano.

receber a denominação Escola Estadual de Primeiro Grau (E.E.P.G) Coronel Joaquim Prudente Corrêa agora com ensino de 1ª a 8ª séries[35]. Em 1995 a E.E.P.G, sob a direção da Professora Conceição Braga Marques, constrói o robusto muro que ainda lá se encontra, pois antes possuía apenas uma cerca. Em 26 de janeiro de 1994 passa novamente a oferecer o ensino de 1ª a 4ª série e passando novamente por uma mudança de nomenclatura, agora chamada apenas de Escola Estadual (E.E.) Coronel Joaquim Prudente Corrêa.



Banda Rítmica dos Alunos do Grupo Escolar de Terra Roxa,
sob regência da Profª Maria da Conceição Braga Marques

Em 14 de fevereiro de 2000 sob administração do Prefeito Marcelino Abbes Filho, Terra Roxa decide assumir de

[35] Hoje denominado 2º a 9º ano.

vez a responsabilidade pelo ensino da escola, processo este conhecido por Municipalização do Ensino, trazendo grandes melhorias não somente à estrutura física da escola mas também na qualidade de ensino, comprovado pela posição de destaque entre as melhores escolas no ranking do IDEB (índice de desenvolvimento da educação básica) e pela Prova Brasil. Novamente a denominação da escola é alterada, passando agora a Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F) Coronel Joaquim Prudente Corrêa.

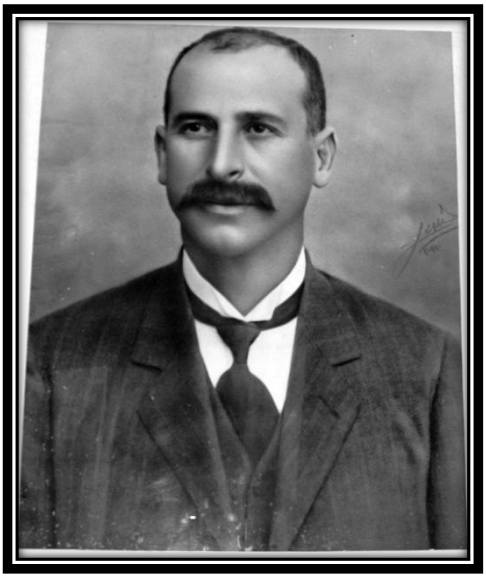
Atualmente a escola conta com aproximadamente 518 alunos de 1ª a 4ª séries e 48 alunos do programa EJA[36].

10.2 - O Patrono Coronel Joaquim Prudente Corrêa

As informações apresentadas nesta breve biografia foram concedidas por seu filho Dr. Oswaldo Prudente Corrêa e atualmente fazem parte de uma série de documentos históricos relativos à atual E.M.E.F Cel. Joaquim Prudente Corrêa.

O Coronel Joaquim Prudente Corrêa nasceu na cidade de Casa Branca, interior do estado de São Paulo, no ano de 1866, filho de José Prudente Corrêa e Maria Carolina Ferreira da Rosa. Aos 21 anos de idade, no ano de 1887, casa-se com Joana Dias de Gouvêa. No mesmo ano de suas núpcias, funda a Fazenda da Serra, abrangendo áreas do então distrito de Sarandy, hoje distrito de Jurucê, e dos municípios de Jardinópolis e Brodowski.

[36] Educação para Jovens e Adultos (antigo Mobral).



Retrato do Patrono Coronel Joaquim Prudente Corrêa

Como o Coronel era um homem estudado, tendo obtido grande parte de seu conhecimento por meio de suas viagens pela Europa, era conhecido sempre por estar na vanguarda de seu tempo, principalmente no lançamento e aplicação de novos métodos agrícolas. Assim, a Fazenda da Serra é tida como um Modelo para a região, indo ali colher conhecimentos agricultores de longínquos municípios. Foi idealizador e iniciador da seleção e melhoramento de gado da raça Caracú, tendo neste campo sido orientado pelo Dr. Luiz Pereira Barreto[37].

Em 1910, adquire cerca de 1800 alqueires de terras, abrangendo a velha sede da Fazenda Floresta e terras adjacentes. Tornou-se célebre na época, em decorrência de sua campanha

[37] Médico, doutor em ciências naturais, medicina cirúrgica e partos, filósofo e biologista. Foi presidente da Assembléia Constituinte de São Paulo e Deputado na Assembléia Constituinte Republicana.

movida contra o uso do álcool e do fumo, resultando em grandes e valiosos benefícios para muitos lares. Também foi grande higienista, movendo uma grande limpeza às margens de riachos, ribeirões, tanques e lagoas de suas referidas terras, na tentativa de afastar os danos causados pela malária.

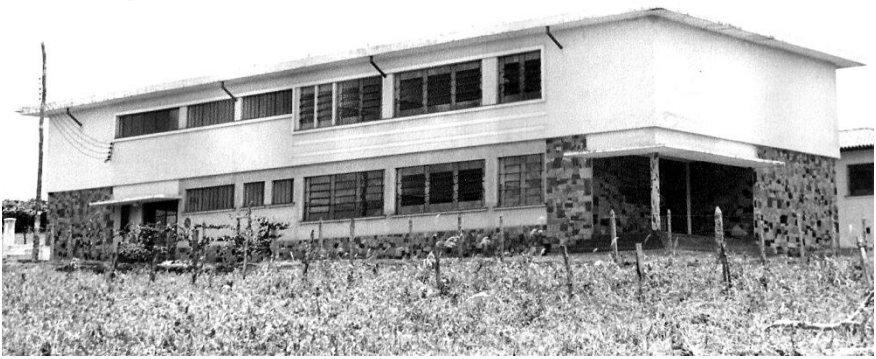
O Coronel Joaquim Prudente Corrêa veio a falecer em 1926, na cidade de Santos.

10.3 - O Ginásio Estadual

A história do ensino secundário em Terra Roxa se inicia a partir da lei municipal nº 183, de 14 de agosto de 1958. Tal lei permitiu ao município doar o terreno onde hoje se encontra a atual E.E / E.M.E.F – Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos ao Instituto de Previdência do Estado de São Paulo. No artigo 1º da referida lei, o terreno é descrito da seguinte forma:

> "Um terreno de forma retangular medindo 90 (noventa) metros para a Rua Marechal Floriano e 115 (cento e quinze) na linha dos fundos, com área de 10.350 (dez mil trezentos e cinqüenta) metros quadrados, confrontando do lado direito de quem da rua olha para o terreno com a rua Quintino Bocaiúva; do lado esquerdo com a rua Olavo Bilac e nos fundos com a rua Vital Brasil."

Um pouco mais a frente, já no ano de 1962, com a lei estadual nº 6927, de 5 de setembro do referido ano, é criado o Ginásio Estadual de Terra Roxa.



Prédio Principal do Ginásio Estadual de Terra Roxa em 1963

No dia 21 de janeiro de 1963, comparecem ao novo prédio, por ordem do Prof. Milton Rosa dos Santos – Inspetor Regional da 12ª Inspetoria Regional do Ensino Secundário e Normal de Ribeirão Preto, os Inspetores Auxiliares Prof. José Sebastião Pinto e Prof. Miguel Bucco Neto, com a finalidade de instalar o início das atividades do Ginásio Estadual. Na ocasião estavam também presentes o Prefeito Municipal João Arcílio Tremonte, o Presidente da Câmara Abdulatif Abrão, o Delegado de Polícia Dr. Geraldo Pedroso, o Presidente da Comissão Municipal de Educação Prof. João Batista Alves da Silva, bem como os membros da referida Comissão, Senhores Jácomo Tramonte, Salvador Pignoni, Calvísio Cávoli, Dionísio Pizzo Maróstica. Inicialmente o Ginásio Estadual ofereceria a Primeira

Série[38], devendo nos anos seguintes oferecer as seguintes, de acordo com a evolução das turmas.

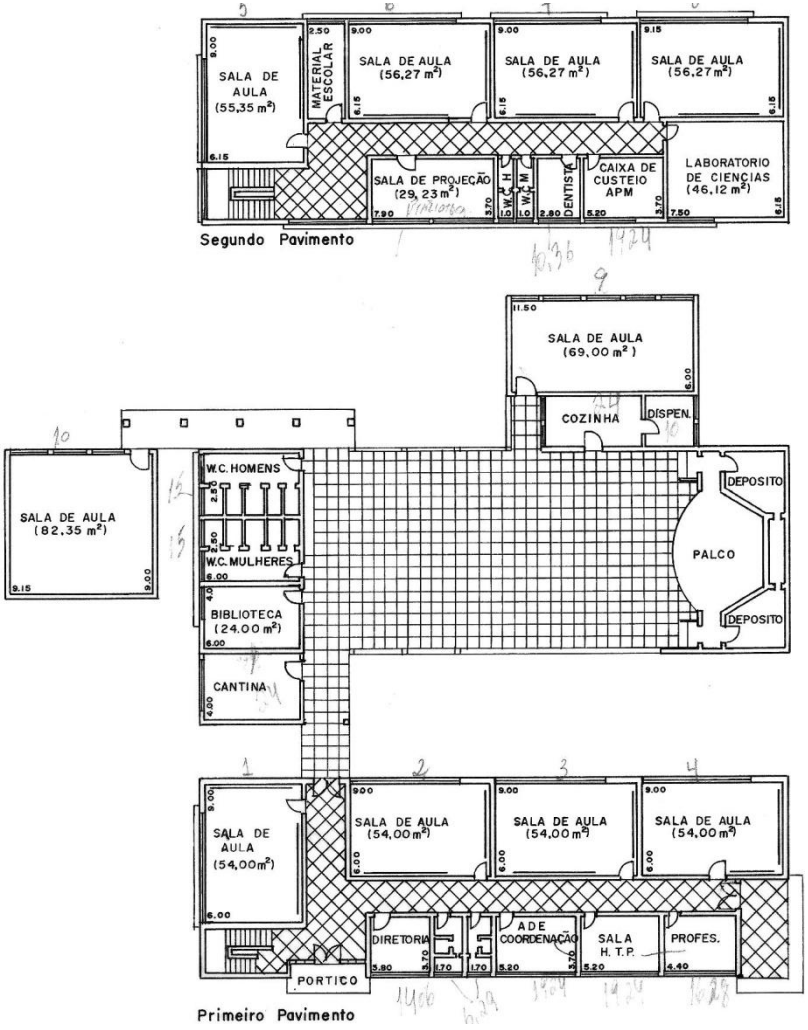
O Primeiro diretor foi o Sr. Afonso Serra Anselmo, secretário efetivo do Colégio Estadual de Viradouro, respondendo pelo expediente da diretoria do Ginásio Estadual de Terra Roxa a partir do dia primeiro de fevereiro de 1963. Para o cargo de primeiro Secretário, foi designado o Sr. Rubens Trabbold exercendo também as funções de escriturário e assistente administrativo. Já a primeira matrícula foi feita no dia 01 de março de 1963 pelo jovem Agnelo Florêncio Vernillo.



Sala de aula do Ginásio Municipal – 1963
Foto arquivo E.E Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos

[38] Primeira Série Ginasial, equivalente à quinta série do ensino fundamental, hoje denominado 6º ano.

De acordo com registros, a primeira aula foi ministrada no dia 4 de março de 1963 com a presença dos Professores Lellis do Amaral Campos, Maria de Lourdes Carvalho Brito, Neife Abbes Olivari, e Walter de Oliveira Cávoli.



Planta do Ginásio Estadual de Terra Roxa

Adiante, no dia 29 de março de 1971, em reunião no salão nobre da Câmara Municipal, é instalado o Ginásio Municipal de Terra Roxa, responsável pelo ensino médio. Tal reunião contou com a presença do Prefeito Municipal Calvísio Cávoli, o Vice Prefeito Arlindo Sartori, representando o Presidente da Câmara o Vereador Abdulatif Abrão, o Diretor do recém criado Ginásio Municipal Prof. Antônio dos Santos sendo representado pelo Senhor João Ribeiro e Silva, a Secretária recém eleita Profa. Maria da Conceição Braga Marques, os Vereadores Arminto Marques, Kunisaburo Numajiri e Mohamed Assad Nassbine, o Juiz de Paz Cícero Pereira de Souza, e a grande presença de munícipes. Após as devidas apresentações dirigidas pelo protocolo, o vereador Arminto Marques convida para tomar a palavra o Prof. Jaime de Monteiro Barros, Catedrático da USP, enaltecendo o valor do estudo, sendo calorosamente aplaudido pelos presentes.

Juntamente com a instalação dos cursos de ensino médio, o Ginásio Municipal de Terra Roxa também oferecia dois cursos técnicos, o de Formação de Professores, e o de Técnico em Contabilidade. Assim em 1972 é formada a primeira turma de docentes do curso de Formação de Professores, e em 1975 do curso Técnico em Contabilidade.

O Ginásio Municipal, no ano de 1977, através de uma reorganização no sistema administrativo, passa a pertencer agora à esfera Estadual e não mais a Municipal, passando agora denominar-se Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus de Terra Roxa. Em 1979 novamente tem sua denominação alterada, em homenagem a Profa. Maria Elyde Mônaco dos Santos é promulgada a lei estadual de número 2.072, de 23 de agosto de 1979.

Entre os anos de 1993 e 1996 a E.E.P.S.G Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos funcionou nos parâmetros do projeto educacional "Escola Padrão", a qual fixava-se sobre quatro pilares ou objetivos:

I. Recuperar o padrão de qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas;
II. Modernizar a escola pública, tomando-a apta a fornecer o estudo, a pesquisa, o estímulo à discussão e a posse de todos os conhecimentos disponíveis na atualidade;
III. Preparar o aluno para o acesso aos níveis mais elevados de compreensão da realidade social e das formas de intervenção nessa realidade;
IV. Utilizar novas tecnologias educacionais.

Em 2001 a E.E.P.S.G tem o ensino fundamental[39] municipalizado, obtendo grandes melhorias não somente à estrutura física da escola mas também na qualidade de ensino, comprovado pela posição de destaque entre as melhores escolas no ranking do IDEB (índice de desenvolvimento da educação básica). Atualmente o mesmo Prédio abriga a E.M.E.F e a E.E Profª. Maria Elyde Mônaco dos Santos, pois, o ensino médio ainda esta centrado na esfera administrativa estadual.

10.4 - A Patronesse Professora Maria Elyde Mônaco dos Santos

O exposto a seguir foi extraído e adaptado do projeto de Lei nº 53, de autoria do Deputado Estadual Castello Branco, o qual fora aprovado sob a Lei nº 2072, de 23 de agosto de 1979,

[39] 5ª a 8ª série, atualmente 6º a 9º ano.

batizando a E.E.P.S.G de Terra Roxa de "Profª. Maria Elyde Mônaco dos Santos".

Maria Elyde Mônaco dos Santos nasceu em Terra Roxa no ano de 1937, filha de Antônio Mônaco e Catharina Galvani Mônaco. Cursou o antigo Grupo Escolar de Terra Roxa, fazendo o curso normal e secundário no Colégio Anjo da Guarda da cidade de Bebedouro, revelando-se, desde então, uma aluna dedicada e exemplar. Companheira e amiga querida, no internato todas as colegas disputavam-lhe a amizade e a procuravam por sua compreensão e humildade.



Retrato da Patronesse Profa. Maria Elyde Mônaco dos Santos

Concluído seu curso normal, em 1954, dispôs-se a dar aulas no curso noturno para a alfabetização de adultos, entregando-se de corpo e alma a esta árdua tarefa, por vários

anos, além de ser substituta efetiva na mesma escola em que fizera seu curso primário.

Em 1958 fez o curso de aperfeiçoamento, em Jaboticabal, no Instituto Estadual de Educação "Dr. Aurélio Arrobas Martins", e ingressando no magistério público estadual, como professora efetiva em primeiro de agosto de 1959 na Escola Mista da Fazenda Paraguaçú, em Terra Roxa, removendo-se posteriormente para o então Grupo Escolar Cel. Joaquim Prudente Corrêa.

Desde o início de sua carreira como educadora demonstrou qualidade inestimável, portando-se sempre com dignidade, com nobreza e extremo senso de responsabilidade. Esta ultima característica de sua personalidade foi o marco deixado por ela em sua passagem pelo magistério público.

Sua tarefa como educadora foi engrandecida pelo dever que a orientava e pelas obrigações a que se impunha, desenvolvendo suas atividades, harmoniosamente, como filha obediente, mestra dedicada, esposa e mãe amorosa.

Em 12 de janeiro de 1963 casou-se com Antônio dos Santos, professor, filho de antigos moradores de Terra Roxa. De seu casamento nasceram três filhos: Heloisa, Denise e Júnior.

Dedicada, abnegada, responsável, Maria Elyde sempre teve sua vida voltada para o bem de seus familiares, seus alunos e todos que a cercavam. Sua preocupação para com as crianças levou-na ao sacrifício extremo de lecionar e lecionar, de educar e educar, sem pensar em si própria. Doente e abatida, jamais perdeu seu entusiasmo e a alegria com que se entregava à sua missão, executando-a com esperança no coração e com o espírito de fé que sempre a animou.

Na sua profissão jamais mediu esforços, ou se poupou, trabalhando com amor e carinho em favor das crianças cuja educação lhe era confiada, principalmente as mais carentes. De posse da certidão de licença prêmio, não aceitou gozá-la para não deixar suas crianças, pelas quais tinha verdadeiro amor, nem seus colegas e funcionários da escola, por quem tinha grande respeito. Ela sempre pretendeu, e cumpriu desempenhar ardorosamente sua missão de mestra-educadora.

Querida, admirada e respeitada por todos quantos a conheceram, sempre soube ser humilde na sua grandeza, forte na sua fraqueza e resignada com os desígnios de Deus.

Faleceu a 5 de junho de 1976. Sua vida foi um exemplo de amor, compreensão, humildade e fraternidade. Sua morte deixou uma grande saudade, ficando o consolo de que viveu na fé, que sempre a acompanhou e caracterizou toda a sua existência. Seu trabalho como Professora foi um marco na educação de Terra Roxa.



Capítulo 11
Entretenimento

As atividades de lazer e diversão sempre tiveram lugar de destaque em qualquer espaço urbano. O lazer é uma forma de socialização, onde as pessoas podem dialogar e fazer novas amizades, podendo fazer em sua companhia uma atividade esportiva, uma atividade educativa ou uma atividade simplesmente prazerosa. Seja um cinema, seja uma apresentação de teatro, assistir a uma partida de futebol ou simplesmente um passeio pela praça.

Terra Roxa atendia a gregos e troianos, a seguir um pouco sobre tais atividades.

11.1 - Eventos Populares

Uma atividade muito praticada nos fins de semana era o chamado "sobe e desce", constituindo verdadeiro ponto de encontro da juventude. Nada mais era do que um passeio pela rua em frente aos cinemas[40] e bares. Como havia na época grande

[40] Atualmente rua Dr. Oswaldo Prudente Correa

movimentação de pessoas, que buscavam estar sempre bem vestidas e de acordo com a ocasião, o sobe e desce era uma boa oportunidade para os que buscavam uma paquera.

Além destes, Terra Roxa sempre manteve o hábito de se realizar festas populares, muitas vezes de caráter civil ou religioso. Assim, é possível falar das tradicionais comemorações do dia 26 de março, dia da emancipação política, na qual até o ano de 1969 também ocorria a posse do novo prefeito eleito, e do dia 7 de setembro, independência do Brasil; ambas celebradas com desfiles cívicos contendo bandas marciais, o antigo grupo de escoteiros, a participação de escolares, grupos religiosos[41] e todo o povo.

Ainda é possível citar a Tradicional Festa dos Japoneses, realizadas a principio onde hoje se encontra o Estádio Municipal. Permitia o encontro das várias famílias de descendência japonesa residentes em nossa cidade. A festa possuía vários gêneros da farta gastronomia japonesa. A festividade era muito conhecida pelas brincadeiras desenvolvidas como a corrida de saco, da maçã e do ovo na colher entre outras. Era uma festa realmente muito acolhedora, uma vez que descentes de outras nacionalidades eram muito bem recebidos.

Outra festa muito popular, a qual não poderia ficar de fora, é a tradicional quermesse promovida pela Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. A princípio a quermesse era realizada ao lado da antiga Igreja Matriz[42], onde hoje vemos a Praça Fábio Uchôa Ralston[43], neste espaço sobre o calçamento de tijolos se erguia uma grande tenda acompanhada de pequenas barracas

[41] Como a Congregação Mariana de Terra Roxa.
[42] A qual infelizmente fora demolida, hoje se encontra no local a sua réplica.
[43] Antiga Praça Barão do Rio Branco.

onde era possível saborear tradicionais iguarias, tais como assados de frangos e suínos, milho verde cozido, pastéis, doces caseiros, bolos entre outros. A distração do ambiente ficava ao cargo das bandas de musica que se apresentavam no antigo coreto, próximo à antiga Igreja Matriz.

11.2 - O Futebol em Terra Roxa

Escrito pelo cidadão terrarroxense Sr. João Ribeiro Silva.

O primeiro campo de futebol em Terra Roxa ficava entre o Córrego do Banharão e a estrada de ferro, quase em frente a casa da Imérita Regadas e ali aconteciam as "peladas". Mais ou menos duzentos metros dali ficava a Colônia da Formiga que pertencia à Fazenda Floresta. Bem próximas estava a máquina de arroz de André Tozoni e a serraria de Armando Cardeal. Foi aqui que começo o futebol em Terra Roxa, num campo em declive que servia para as constantes brincadeiras com bola. Colocaram o nome de Comercial Futebol Clube mas, sem organização, não deslanchou.

Surge, então, a idéia de um campo melhor e um time que representasse a cidade. Fundou-se assim o Guarani Esporte Clube, na década de 1930 e com ele o campo onde hoje está a Escola Municipal de Educação Infantil "Nabia Keydi Bonemer". Foi o então administrador da fazenda Vista Alegre Sr. Celso Galvani, quem conseguiu com o fazendeiro que o terreno mencionado fosse cedido por empréstimo. Umberto Zuliani foi o empreiteiro que preparou o terreno, marcou o campo, colocou estacas e cercou.

O nome Guarani Esporte Clube foi escolha de Filippo Foggia, principal personagem na história do Guarani como organizador, diretor e mantenedor do time.

Os jogadores eram: César Giovanetti, Silvio Stivaneli, Adair Gonzalez, Rino Munari, Américo Munari, João Circilio, Jorge Lourenço, José Coelho, João Vieira, Antônio Feijão, José Rocha (filho do Jasão), Bimba, Antônio da Flor, dentre outros.

Os senhores Mário Assan e Arunto Savastano eram axiliares esportivos do Sr. Filippo Foggia. Ajudavam nos treinamentos, na escalação do time e apitavam jogos. Dentre os mais variados aspectos da vida da cidade dos quais Filippo participava – e ele participava de tudo – seu maior interesse, sua maior vibração era com o futebol. Dirigia e patrocinava o time.

A cidade toda era uma grande torcida cheia de entusiasmo. Uma época em que o maior divertimento de todos era o futebol, todos iam assistir aos jogos, a cidade parava, o povo vivia o futebol.

Nessa mesma época do Guarani surgiu também o Terra Roxa Futebol Clube e o campo era próximo ao final da rua São Paulo (hoje rua Marechal Floriano) ao lado da antiga cadeia pública, no caminho do cemitério. Os moradores antigos diziam que o terreno do campo era do Bacarat, outros que era do Zé Dias, e outros diziam que pertencia à cidade, visto que ao lado foi construída a cadeia.

O nome Terra Roxa Futebol Clube logo desapareceu porque a diretoria constituída mudou o nome para Independente Futebol Clube. Os dirigentes do Independente eram quase todos da família Cervi, tradicionais na cidade. Possuiam a maior casa comercial, armazém de secos e molhados, loja de tecidos,

calçados e miudezas em geral. O time era patrocinado pela elite da época: famílias Cervi, Lollato, Tozoni e outros.

Vários membros da família Cervi jogavam no Independente tais como Lauro Cervi, Alfredo Cervi e Américo Cervi. O Senhor Cícero Pereira de Souza treinava o time e também apitava jogos. O Independente surgiu logo depois do Guarani e foram grandes rivais no esporte na conquista pelo primeiro lugar na cidade e nunca se enfrentaram para definir a situação.

O Guarani era o mais popular, com torcida bem maior. A torcida e os jogadores reuniam-se diariamente à tarde , no bar do senhor Filippo, o Bar Brasil. Ali era o ponto central de todos para as conversas de futebol.

Naquela época predominava em Terra Roxa as grandes fazendas de café, como a Floresta, Vista Alegre, Paraíso, Cabreúva, Santa Alice, Itaporan, Bacarat, entre outras; a população girava em torno de 14.000 habitantes. Os campos de futebol ficavam lotados nas disputas com Viradouro, Pitangueiras, Pontal, Sertãozinho, Monte Azul. Porem, a grande rivalidade nos jogos, sem dúvida, era com Viradouro.

Quando o Guarani jogava fora e ganhava, o time entrava na cidade gritando em cima de um caminhão: era o caminhão do Bruno Munari, irmão do Sr. Rino, tio do Bruno que conhecemos. Era um caminhão velho, mas como ele era carpinteiro fez uma carroceria nova, coberta, arrumou tudo e pôs o caminhão à disposição do time.

Na verdade, Guarani e Independente não morreram. Seus melhores jogadores foram reunidos num só time na cidade, o Brasil Futebol Clube, que durante anos conquistou diversos

títulos do futebol amador regional graças ao esforço, entusiasmo e liderança do grande esportista Alexandre Sardinha.

Contemporâneo ao Brasil F.C. existiu também o famoso time da Ponte Preta Futebol Clube, do Dr. Cássio, proprietário da Fazenda Santa Carolina.

Passado algum tempo, o futebol ressurgiu em Terra Roxa na década de 1980 pelo patrocínio, paixão e liderança de João Abdulatif Abrão, que em cinco anos conquistou cinco títulos regionais no futebol amador com o nome de Terra Roxa Futebol Clube.

Tudo que dissemos permanece na história de nossa cidade, sobretudo na cabeça de no coração de muitos como inesquecível lembrança. Na história de nosso futebol, nomes como Filippo Foggia, Alexandre Sardinha e João Abdulatif Abrão não podem ser esquecidos.

11.3 - Cinemas

Embora hoje não haja mais nenhum, nossa cidade já possuiu três cinemas. O primeiro foi o Cine Santa Helena do Sr. Rufino Regadas, onde hoje está a Igreja Batista de Terra Roxa. O segundo foi o Cine Gonçalves, onde atualmente se encontra a Igreja da Graça. O terceiro e ultimo, foi o Cine Bristol, atualmente um prédio sem uso.

O cinema do Sr. Rufino Regadas, o mais antigo, era muito utilizado não só para a exibição de filmes, mas também peças de teatro e bailes. É importante salientar que relatos, textos ou fotos para uma melhor caracterização deste estabelecimento são raros e também escassos. O autor Gentil J. de Souza no livro "*Tudo*

*começou em Caetité"*de 2010*,* ao discorrer sobre a vida na antiga Terra Roxa, menciona o Cinema de Rufino da seguinte maneira:

> "Cinema só havia aquele do seu Rufino e nem sempre estava funcionando, às vezes se fazia de clube, removendo-se as cadeiras para os bailes sociais e de carnaval, como também, servia de teatro, onde se armava um palco para representações e recitais ou para festas escolares de fim de ano."
> (SOUZA, G. J. Tudo Começou em Caetité, 2010, p. 22.)

Um outro cinema, o Cine Gonçalves de propriedade do Sr. João Gonçalves, contém uma maior quantidade de detalhes. Construído em 1956, possuía o que havia de mais sofisticado para a época, como o moderno sistema de ventiladores, ótimo sistema de som, além é claro de tela e projetores da CinemaScope, um novo conceito de cinema.

Esta nova forma de se realizar projeções cinematográficas era caracterizada principalmente pelo novo formato de tela na proporção 2.66:1, ou seja uma tela larga, praticamente igual ao formato *Widescreen* utilizado hoje em dia. Este novo formato veio substituir o antigo formato 1.33:1 praticamente quadrado.





Cenas do filme *The Robe,* 1953- *20th Century-Fox.*
A primeira Imagem está no formato da CinemaScope (2.66:1), a segunda no formato tradicional (1.33:1)

O Cine Gonçalves possuía capacidade para 600 poltronas de madeira em formato anatômico, o que oferecia grande conforto à platéia, palco com um interessante sistema de cortinas que se abriam automaticamente exibindo a grande tela, e fechando no término do filme. Logo na entrada havia a bomboniére. Além da exibição de filmes, este também era muito utilizado para shows, em geral de duplas sertanejas com as tradicionais modas de viola; apresentações de teatro e shows de mágica e ilusionismo.

Preservado até hoje sobre o telhado do prédio, está o alto falante responsável pelos anúncios da programação semanal, dos

"prefixos" que eram pequenos sinais[44] de aviso para o início do filme; da execução de músicas animando o "sobe e desce"; também era tradição uma pessoa oferecer uma música para outra como forma de flerte, o que era anunciado por um funcionário do cinema. Outro ponto interessante é que as notas de falecimento não eram anunciadas como hoje pelo serviço de alto falante da Igreja Matriz, mas sim pelo do Cine Gonçalves.

O Sr. João Gonçalves, mais conhecido com seu João Guarda, era um homem serio, que gostava de ver seu cinema em ordem, com a platéia disciplinada. Porem é fato que os jovens com idade entre 17 a 25 anos, mesmo nesta época gostavam de criar agitos. Assim, se por ventura o filme sofresse uma parada súbita o alarme começava, realmente a moçada gostava de gritar e bater os pés. Era neste momento que o seu João Guarda começava a andar pelos corredores das poltronas com uma lanterna em mãos re-estabelecendo a ordem.

O Cine Gonçalves apresentou seus últimos filmes em agostos de 1969, ficando fechado até 1996 quando a Igreja da Graça se instalou no local. Em 2005 os dois projetores foram retirados da sala de projeções e vendidos.

[44] Como a bilheteria era externa, muitos compravam o ingresso e ficavam do lado de fora, assim o prefixo avisa que o filme já estava para começar.



Antigo prédio do Cine Gonçalves

O ultimo cinema a operar em Terra Roxa foi o Cine Bristol. Construído em meados de 1957 por Firmino Dani Pott, o qual realizou projeções até meados de 1970, quando veio a fechar suas portas ficando posteriormente seis anos sem um uso. Em meados de 1976 o cinema fora comprado pelo Sr. Ahmed Abbes, o qual fora responsável por uma massiva reforma em todo o prédio. Com a casa novamente em ordem, o cinema adquiriu poltronas novas para o mezanino[45], agora estofadas, enquanto as poltronas da sala eram também de madeira. Este cinema também poderia ser considerado moderno, pois a administração de Ahmed adquiriu dois novos projetores em CinemaScope. Quanto ao uso, este também era utilizado para apresentações diversas.

[45] Piso superior do cinema.



Antigo prédio do Cine Bristol

A platéia deste cinema era composta por 420 acentos, contando com o mezanino. As seções eram diárias havendo ainda as matinês de sábado e domingo. Assim como o Cine Gonçalves, este também possuía uma bomboniére com doces e refrigerantes.

Os cinemas de grande parte das cidades do interior paulista possuíam grande movimento e público, principalmente nos finais de semana. Terra Roxa possuía grande público, pois nos dois cinemas em funcionamento as sessões estavam sempre cheias.

Este grande movimento é explicado pela ausência de aparelhos de televisão nos lares, oposto ao que hoje se observa. Até o inicio da década de 1970, o poder de consumo da população era muito baixo, sendo assim, grande parte dos domicílios, no referido período, possuíam apenas um aparelhos de rádio. Mesmo os que possuíam um aparelho de televisão

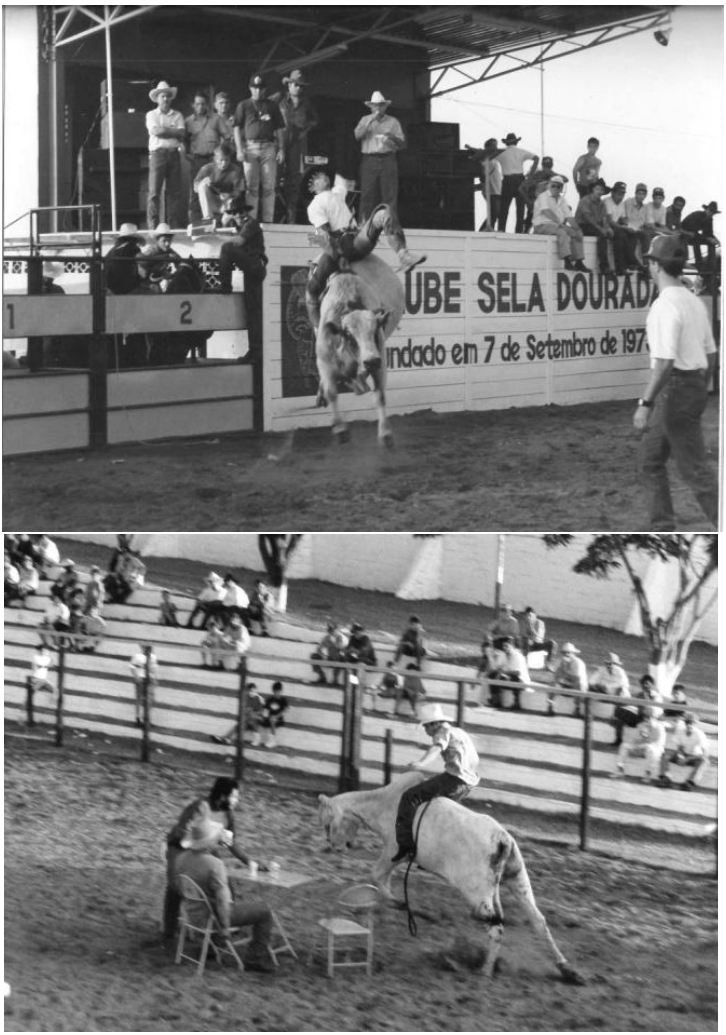
podem se lembrar da dificuldade que era simplesmente ajustar a sintonia de canais, e mesmo assim a imagem era terrivelmente "chuviscada" ou "fantasmagórica" se por ventura sofresse interferências.

Desta forma, ir ao cinema constituía para muitos, a única forma de assistir a um filme, que muitas vezes era legendado e sem cor (preto e branco). Os principais filmes exibidos nos cinemas de Terra Roxa eram os de *bang-bang*, protagonizados por John Wayne, Ken Maynard, Tim Maccoy, Tom Tyler, Buk Jhones, Brigite Bardote, e Clint Eastwood. Também eram comuns os filmes Bíblicos, comédias e romances.

11.4 – A Festa do Peão

Popular e sem perder a tradição, a festa do Peão de Terra Roxa é reconhecida e lembrada em nossa região. A primeira Festa oficialmente realizada, ocorreu ainda na administração do Prefeito Dr. Arminto Marques no ano de 1973 em um espaço ao lado do campo de futebol municipal, atualmente Estádio Municipal Calvísio Cávoli, e sua renda fora doada à Fundação Antônio Prudente a qual mantém o Hospital do Câncer de São Paulo. No dia 1 de setembro do mesmo ano é fundado o Clube Sela Dourada, sendo protagonista na organização e realização da festa. A Festa do Peão de Terra Roxa foi realizada neste espaço até o ano de 1979 quando se deu a inauguração do Recinto Zico Vintem em 1 de setembro do referido ano, com a administração do Prefeito Abdulatif Abrão. Com a casa nova, a festa contava agora com uma arena muito maior, rodeada por arquibancadas bem como um palco e espaço coberto para eventos diversos. Como o Hospital de nossa cidade já estava em construção, a

renda da festa era destinada para suas obras, e durante muitos anos para a sua manutenção.



Montaria em Touro e abaixo a tradicional Ceia Amargurada, em meados da década de 1980. – Imagens cedidas pelo Sr. João Abrão

No recinto Zico Vintem a festa contava, além do rodeio em touros e cavalos com provas de laço, e a tradicional "Ceia Amargurada", uma brincadeira a qual era montada uma mesa de bar com cadeiras no centro da arena e solto um touro bravo, nesta mesa se sentavam os participantes a tomar cerveja. É claro que o touro não deixava por menos tal capricho. Contava também com o show tradicionalmente da boa música sertaneja. A festa ainda é realizada anualmente em Terra Roxa.

11.5 – Clubes da Cidade

Embora hoje esteja menos presente no cotidiano da cidade, em outros tempos Terra Roxa teve uma organizada forma de encontros e reuniões entre jovens e adultos representada pelos Clubes. Torna-se difícil periodizar o verdadeiro inicio das atividades de alguns Clubes, seja por falta de registros, seja por sua completa desestruturação; sendo assim, neste sub-capítulo, a abordagem não será tão precisa.

De acordo com os raros materiais encontrados durante a pesquisa, é possível dizer que o primeiro clube tenha surgido ainda na época de funcionamento do Cine Santa Helena, onde as festas eram realizadas a partir da retirada das poltronas. Em seguida, os registros levam a crer que o Lions Clube, tenha sido o segundo clube de nossa cidade, utilizando mais a frente como sede o Esporte Clube Terra Roxa (E.C.T.R). O terceiro clube de nossa cidade foi, como já mencionado, o E.C.T.R, tendo sido construído por meio da liderança e livre iniciativa do Dr. Arminto Marques e esposa Dona Conceição. O E.C.T.R, um clube com sede própria cedia o prédio para as reuniões do Lions Clube e posteriormente, com o fim do Lions, passa a ceder o espaço ao

recém criado Rotary Clube de Terra Roxa. Dentre as atividades desenvolvidas por estes clubes é possível destacar os bailes temáticos, carnavais, jantares dançantes, formaturas e jogos, pois o E.C.T.R possuía uma excelente quadra poliesportiva.



Os emblemas do Lions e Rotary International

Alguns anos após a inauguração do E.C.T.R é criado o Clube Operário Municipal, um clube popular fazendo um contraponto aos clubes anteriormente mencionados, o qual possuíam um caráter mais elitista para a época. O Clube Operário também merece destaque pelos grandes bailes nos mais diversos temas, bem como nos esportes, pois este também possuía uma quadra poliesportiva, não mais presente na atualidade em sua estrutura devida sua expansão.



Membros do Lions Clube Terra Roxa. Foto cedida pela Sr. João Ribeiro Silva



Vista lateral da antiga fachada do Esporte Clube Terra Roxa (E.C.T.R)
Foto arquivo E.E Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos



Festa de formatura do Ginásio Estadual no Esporte Clube Terra Roxa, com a Orquestra Laerte de Franca no palco.



Vista da antiga fachada do Clube Operário Municipal
Fotos: Arquivo E.E Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos



Time de Voleibol do Esporte Clube Terra Roxa
Foto cedida pela Sr. João Ribeiro Silva

Finalmente, o ultimo clube constituído em nossa cidade foi o Clube da Terceira Idade, o que de acordo com grande parte dos cidadãos entrevistados, teve sua origem em meados da década de 1990 utilizando-se da infraestrutura disponível como o ginásio de esportes, o centro de lazer e os Clubes Municipal e E.C.T.R, objetivando sempre integrar *a melhor idade* com a realização de eventos esportivos e culturais.

Desde sua formação, o Clube da Terceira Idade sempre se fez presente nas mais diversas ocasiões, sendo um exemplo aos mais jovens nos quesitos cooperação, espírito de equipe e promoção social. Dentre as atividades ainda hoje desenvolvidas pelo clube, podemos destacar os jogos esportivos, aulas de hidroginástica e dança almoços e jantares de confraternização, e excursões para os mais diversos cantos de nosso estado e país.

Foi somente no ano 2001 que o Clube da Terceira Idade conclui e inaugura sua sede contando com uma excelente quadra poliesportiva. Com o passar dos anos o clube passa por algumas reformas, construindo um campo de bocha em 2002 e piscina de hidroginástica em 2008. No ano de 2002 o clube da terceira idade homenageia um de seus idealizadores, Dr. Arminto Marques batizando a sede com seu nome.



Membros do Clube da Terceira Idade trabalhando na festa junina, 1998.
Verdadeiros exemplos em Espírito de Cooperação e Equipe!
Foto cordialmente cedida pela senhora Alcídea Bution Pedro



Capítulo 12
A Revolução Constitucionalista de 1932

A Revolução Constitucionalista de 1932, também conhecida por Guerra Paulista, foi um movimento armado como resposta à Revolução de 30, o qual depôs o presidente da república Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, pondo fim à República Velha. Tal manobra política anulou a constituição de 1891, instaurando o chamado Governo Provisório, também conhecido como a Era Vargas.

A Revolução Constitucionalista de 1932 tinha então o objetivo de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas, bem como a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. O estopim da revolta foi a morte, em 23 de maio de 1932, de cinco jovens no centro da cidade de São Paulo, assassinados a tiros por partidários da ditadura, pertencentes à "*Legião Revolucionária*". Tal ato deu inicio ao MMDC, sigla formada pelos sobrenomes dos jovens assassinados: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. Atualmente a sigla recebeu mais uma letra, sendo hoje conhecida como MMDCA, pois Alvarenga, ferido juntamente com seus colegas, veio a falecer um pouco mais tarde, em razão dos ferimentos em agosto de 1932. O inicio dos conflitos armados, marcados pelas guerras de trincheira, se deu

no dia 9 de julho perdurando até o dia 2 de outubro do mesmo ano.

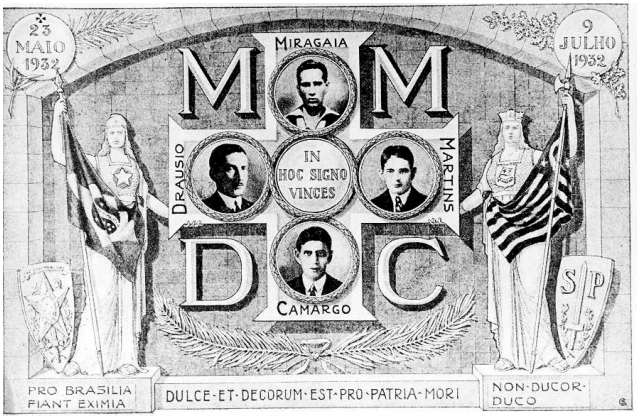


Cartazes utilizados para divulgar o Movimento Constitucionalista de 1932

Os conflitos armados ocorreram nos estados de São Paulo, sul do Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul), Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Combateram de um lado os estados de São Paulo, a Frente Única Gaúcha, e o recém criado estado de Maracajú, que durou apenas durante a Revolução Constitucionalista. Do outro lado estava o Governo Provisório de Getúlio Vargas, congregando os demais estados brasileiros.

A Aliança Paulista contou com a Força Pública Paulista[46], a qual continha 10.000 combatentes, 4 aviões, 5 trens blindados, e uma variedade de veículos também blindados, contava ainda com o apoio de 40.000 combatentes voluntários. A Frente Única Gaúcha e o Estado do Maracajú contribuíram ambos com cerca de 450 combatentes cada.

Atualmente, o dia 9 de julho, o qual marca o início da Revolução de 1932, é a data cívica mais importante do estado de São Paulo e feriado estadual. Os paulistas consideram a Revolução de 1932 como sendo o maior movimento cívico de sua história.



[46] Atual Polícia Militar do Estado de São Paulo.

12.1 - Terra Roxa na Guerra Paulista

De Terra Roxa saíram combatentes da Revolução Constitucionalista de 1932. Voluntários que não se intimidaram perante o golpe de estado de Getúlio Vargas, sentindo no peito o ardor patriótico em defesa da constituição.

Dentre os combatentes voluntários da revolução de 32, residentes em Terra Roxa, pode-se citar o nome dos Bravos Cirilo José de Souza, mais conhecido como Liro, Afonso de Souza e Agostinho Vidoto.

Recorrendo novamente a Gentil J. de Souza, autor do livro "Tudo começou em Caetite", e também irmão de Cirilo, encontra-se a seguinte passagem quanto à Liro e a Revolução:

> [...] Muitas outras coisas aconteceram na sua juventude e quando estourou a revolução de 1932, Liro se assanhou todo, não querendo ficar de fora, mas se esbarrando contra a vontade de meu pai, por isso ele e Fonso[47] fugiram na surdina, não passando porém, de Pitangueiras, onde meu tio João Paes, já os esperava, fazendo-os descerem do trem e retornarem ambos à Terra Roxa. E mediante conhecimento depois, de que Gero[48] já se havia incorporado à revolução, meu pai não teve mais como segurá-los, então partiram, agora, em meio às despedidas com muito choro. Muitas cartas a partir de então, foram chegando em casa

[47] Afonso, irmão de Liro.
[48] Irmão de Afonse e Liro.

com freqüência, todas elas trazendo fotografias deles se posando uniformizados. [...]
[...] E com a rendição de São Paulo, traído que foi, encerrou-se a revolução, São Paulo perdia a guerra, mas não a causa, saindo-se vitorioso dois anos depois, com a homologação da nova Constituição de 1934, assinada por Getúlio. (SOUZA, G. J. Tudo Começou em Caetité, 2010, p. 78-79.)



Nobres Combatentes: Cirilo, Agostinho e Afonso – 1932
Foto cedida pela E.E. Profª Maria Elyde Mônaco dos Santos

Em regresso, no ano de 1932, os combatentes foram recebidos pela população de Terra Roxa como verdadeiros heróis.

12.2 - O Cinqüentenário da Revolução: 1932 – 1982

Vale dizer que poucos são aqueles que passam defronte ao Prédio do Paço Municipal e entendem o significado das duas placas em homenagem aos combatentes. Muitos nem as percebem. Cinquenta anos após a Revolução Constitucionalista de 1932 a Administração Municipal, (o executivo e o legislativo) de Terra Roxa promoveram uma série de homenagens à Liro e Agostinho, como a exposição sobre a revolução promovida com os alunos da E.E.P.S.G Profª Maria Élyde Mônaco dos Santos, e a Sessão Solene da Câmara Municipal no exato dia 23 de maio[49], com o desfraldar da Placa comemorativa, o qual ainda hoje se encontra em frente à Prefeitura, precisamente na Rua Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, onde é possível ler a seguinte frase:

"No Cinquentenário da Revolução Constitucionalista de 1932, a homenagem do povo de Terra Roxa aos seus bravos Combatentes"

Um pouco mais a frente, já na administração "Novo Tempo" do Prefeito Samir Assad Nassbine, é inaugurada mais uma placa, a qual contém os nomes de dois participantes da revolução, Cirilo José de Souza e Agostinho Vidoto.

[49] Estopim da Revolução – M.M.D.C.A







As imagens acima mostram respectivamente o Sr. Cirilo J. de Souza recebendo a honraria das mãos do Vereador e Ex-Prefeito Calvísio Cávoli; o Sr. Agostinho Vidoto recebendo a honraria do então Prefeito Municipal Abdulatif Abrão. Finalmente, a terceira imagem ilustra o desfraldar da placa comemorativa dos 50 anos da Revolução Constitucionalista de 1932, pelos Srs. Antônio dos Santos e Abdulatif Abrão, ao fundo vemos os alunos da E.E.P.S.G Profª. Maria Elyde Mônaco dos Santos.



Capítulo 13
Obras Públicas e Monumentos

Neste capítulo procuro abordar algumas obras públicas que caracterizam a infraestrutura, bem como os principais serviços oferecidos aos cidadãos de nossa cidade, tais como as unidades da Saúde, edifícios da administração pública (executivo e legislativo), e obras destinadas ao lazer e paisagismo.

13.1 - O Paço e a Câmara Municipal

Ambos fundamentais ao desenvolvimento da cidade, os atuais edifícios do Paço Municipal[50]como o da Câmara[51] Municipal de Terra Roxa não são os prédios onde a historia da administração pública começou, em 1949. Estes dois prédios são, de certa maneira, prédios jovens, se comparados a historia de nossa cidade.

Tanto o Paço como a Câmara, assim como já fora exposto no capítulo 6, iniciaram suas atividades em uma casa alugada do Sr. Francisco Walsh da Costa, conceituado

[50] Poder Executivo
[51] Poder Legislativo

farmacêutico de nossa cidade, que aí já havia residido com sua esposa Sra. Iolanda Cervi da Costa. Prefeitura e Câmara funcionaram neste prédio de 26/03/1949 a 26/03/1969, exatos 20 anos.



Casa onde funcionou a Prefeitura e Câmara Municipal de 1949 – 1969
Atualmente destacamento da Polícia Militar

Como a cidade já demonstrava grandes sinais de progresso, e como também o espaço já apresentava sinais da necessidade de uma expansão, o Prefeito Dionísio Pizzo Maróstica inicia a construção de um novo edifício, oferecendo um espaço muito mais amplo tanto para a Prefeitura com para a Câmara, que passou a funcionar no piso superior, onde hoje está a Galeria dos Prefeitos e Vice Prefeitos de Terra Roxa.

Novamente necessitando de mais espaço, principalmente para o Plenário, a Câmara Municipal constrói sua nova e atual sede, sendo inaugurada em 1992, na Avenida José Chiarelli. Em

homenagem ao Vereador Devanir Gianello, no mesmo ano, o novo edifício recebe seu nome.



Paço Municipal – Sede do Poder Executivo de Terra Roxa

O Paço Municipal ocupou também o antigo Armazém Moura como almoxarifado. No prédio principal, além das secretarias, departamentos e gabinetes funcionam também o Banco do Povo Paulista e a agência eletrônica do Banco do Brasil.

No ano de 2004, com o falecimento do Vereador Antônio da Silva, o plenário da Câmara recebe em homenagem a este, o seu nome. Um lado interessante da Câmara Municipal de Terra Roxa é o fato de ainda serem muito bem preservadas as antigas mesa e cadeiras do centro, pertencentes ao Presidente, Vice Presidente e ao 1º Secretário, bem como o crucifixo central.



O Plenário da Câmara Municipal de Terra Roxa – Poder Legislativo

A casa onde antes funcionou a primeira Prefeitura e Câmara após ter sido desocupada de suas funções administrativas foi o pronto socorro[52], um pouco mais a frente posto de puericultura, e adiante, durante um breve período, sediou a ACIATER – Associação Comercial Industrial Agrícola de Terra Roxa. Atualmente este imóvel, do ano de 1932, continua sólido e preservado, sendo um expoente da arquitetura patrimonialista de Terra Roxa.

No dia 12 de agosto de 1995, o prédio foi entregue à Polícia Militar do Estado de São Paulo, sendo hoje o destacamento da mesma.

[52] Antes da inauguração do hospital.

13.2-A Irmandade de Misericórdia e Hospital de Terra Roxa

A idealização do Hospital "Maria Zilda Natel", hoje denominado Irmandade de Misericórdia e Hospital de Terra Roxa, partiu da então Primeira Dama do Estado de São Paulo na época, a Sra. Maria Zilda Natel, esposa do Governador Laudo Natel, que durante uma reunião no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo, sugeriu pessoalmente ao Prefeito Dr. Arminto Marques e à Primeira Dama Sra. Maria da Conceição Braga Marques, sempre muito prestativa com assuntos do município. "Construa o hospital! A cidade merece e o Estado ajuda!", foram as palavras da Primeira Dama do Estado, nos anos iniciais do mandato do Dr. Arminto.



Lançamento da Pedra Fundamental do Hospital de Terra Roxa – 1974
Foto cedida pela Sra. Maria da Conceição Braga Marques

Desta forma, tendo o apoio do Estado e o prestígio do Governador e da Primeira Dama, em 1974 com grande júbilo é lançada a Pedra Fundamental[53] da Irmandade de Misericórdia e Hospital de Terra Roxa. Durante o processo de construção, contou com grande apoio não somente do Estado de São Paulo, mas também de toda a população por meio de doações. A partir do ano de 1974, o lucro arrecadado pela jovem 2ª festa do Peão, que ainda era realizada no Campo (atual Estádio Calvísio Cávoli), passa a ser direcionada para a construção do hospital.

Com o fim do mandato do Prefeito Dr. Arminto em 31 de janeiro de 1977, toma posse o Prefeito Abdulatif Abrão, o qual continuou fielmente este grande projeto, contando agora também com as doações do Clube Sela Dourada, responsável pela realização da Festa do peão de Terra Roxa. Com a inauguração do atual recinto Zico Vintém em 1979 a Festa do Peão torna-se uma festa de proporções ainda maiores, aumentando, por conseguinte a ajuda ao hospital.

No dia 31 de outubro de 1982 a Irmandade de Misericórdia e Hospital de Terra Roxa é entregue à população. Em uma placa comemorativa presente no hospital, datada de 12 de abril de 1994 lê-se uma passagem que resume muito bem o objetivo desta tão grande e fundamental obra:

"*Sobre a rocha edificou-se este Hospital, fruto do trabalho de um grupo de cidadãos desta cidade, cujo sonho foi dar sem nenhum interesse pessoal, principalmente aos mais carentes um atendimento digno de um ser humano...*"

[53] Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (1.ª edição/2001), a *Pedra fundamental* "assinala, geralmente com solenidade, o início de uma obra importante".

Realmente o sonho descrito na placa, tornou-se realidade, sendo hoje uma entidade beneficente sem fins lucrativos, classificado como um Hospital de média complexidade. [54]

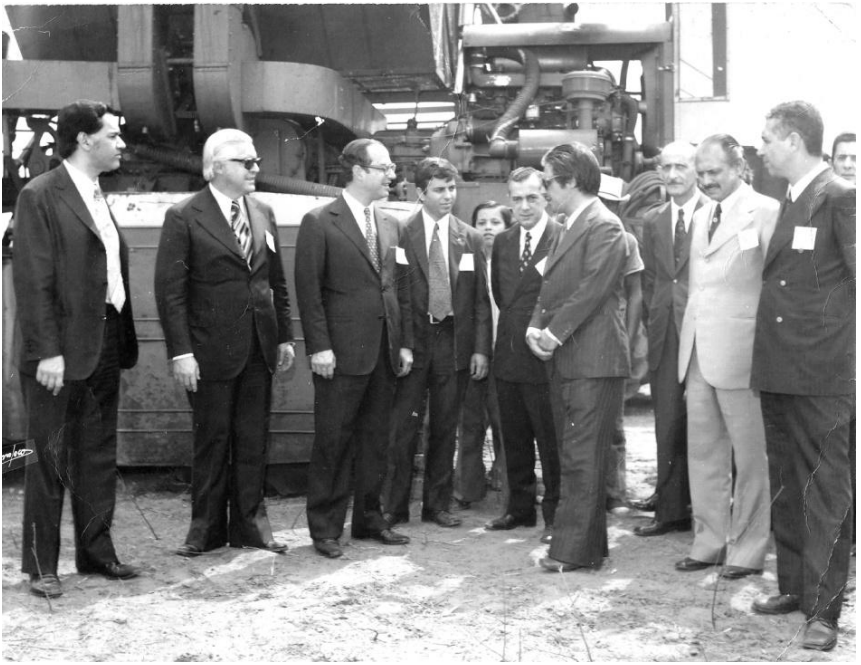
13.3 - A Rodovia Dr. Oswaldo Prudente Corrêa

Como já exposto anteriormente, a construção da rodovia que conecta nossa cidade à Rodovia Brigadeiro Faria Lima (SP 326) foi uma das primeiras obras do já autônomo Governo Municipal de Terra Roxa. Todavia, convém ressaltar que esta estrada não possuía pavimentação, sendo na verdade, um empecilho a se ultrapassar em dias chuvosos, sem contar os riscos devido à escassa sinalização. A placa que demarcava a inauguração desta obra, único marco da administração do Prefeito a qual hoje dá nome à rodovia, Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, infelizmente fora roubada. Coincidência ou não, a segunda placa, desta vez a que marca o asfaltamento desta obra, já na gestão do Prefeito Dr. Arminto Marques, também fora roubada.

Pois bem, com placa ou sem placa, de acordo com dados coletados nas entrevistas, o asfaltamento desta rodovia teve suas obras iniciadas no ano de 1974, fruto da boa vontade administrativa da esfera estadual e municipal, pois o então Governador do Estado Laudo Natel achou justo que nossa cidade tivesse este mínimo de segurança a oferecer para a população que necessitava se locomover utilizando a rodovia. Assim, no mesmo ano é inaugurada esta obra, a qual contou com a presença do Governador Laudo Natel, o Secretário Estadual

[54] Segundo o CNESNET / DATASUS – Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde.

dos Transportes Paulo Salim Maluf, o Diretor do Departamento de Estradas de Rodagem de Araraquara Dr. Mantese.

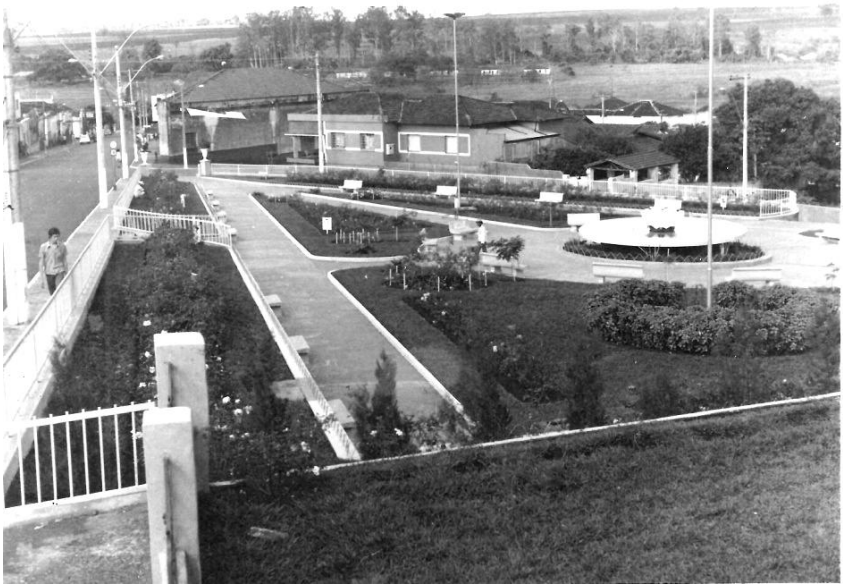


A Inauguração da Rodovia Dr. Oswaldo Prudente Corrêa. A enorme máquina por detrás das autoridades era a responsável pela pavimentação da rodovia. Foto cedida pela Sra. Maria da Conceição Braga Marques

Prestes à conclusão da pavimentação desta rodovia, que ainda não possuía um nome, cogitou-se utilizar o nome do Prefeito Arminto, o qual não achou justo levar o crédito, a partir de então é que houve o resgate do nome do Primeiro Prefeito Municipal, o protagonista da construção da primitiva estrada.

13.4 - Praças

A primeira praça de nossa cidade co-existiu junto às adjacências da antiga Igreja Matriz, sendo sua aparência bastante rudimentar se comparada à sucessora. Com a sua remodelação, no ano de 1972, na segunda gestão do Prefeito Calvísio Cávoli, e em comemoração ao sesquicentenário[55] da Independência do Brasil, o Executivo e o Legislativo de Terra Roxa orgulhosamente entregam à população a Praça Barão do Rio Branco, com o novo Coreto e a Fonte musical luminosa em forma de flor, adquirida na cidade mineira de Poços de Caldas.



A Praça Barão do Rio Branco em 1972

No dia 11 de abril de 2003, na Praça Barão do Rio Branco, próximo ao local onde outrora esteve a Igreja Matriz, é

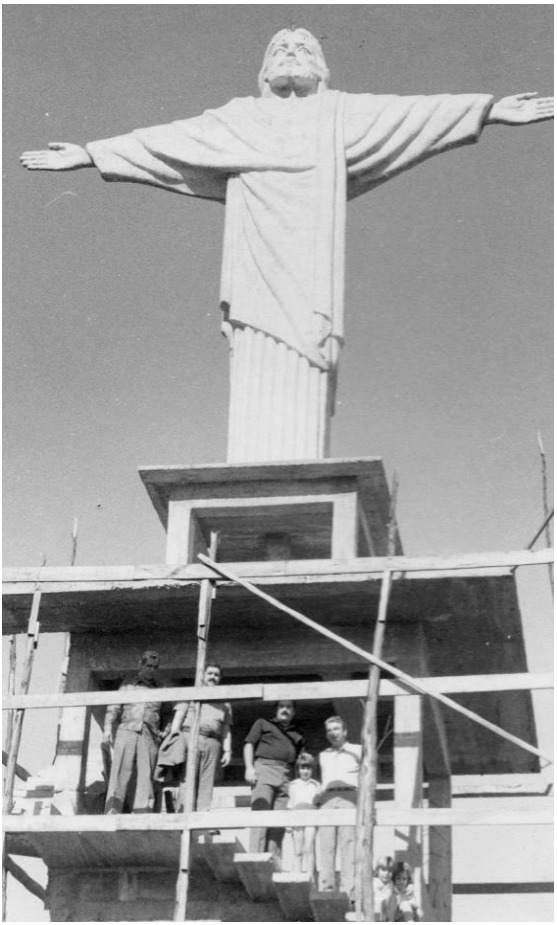
[55] 150 anos.

inaugurada a sua réplica, porém, não sendo este um espaço religioso, mas sim a Biblioteca Municipal Antônio Amâncio. Dois anos mais tarde, a Praça Barão do Rio Branco tem seu nome alterado em homenagem ao político e ex-prefeito de Terra Roxa Fabio Uchôa Ralston, onde também é inaugurado o Busto e a Placa em seu reconhecimento.



Réplica da antiga Igreja Matriz, hoje Biblioteca Antônio Amâncio.

Bem próximo à Praça Barão do Rio Branco, em ouras palavras, "morro acima", encontra-se a Praça do Cristo Redentor, que leva os caminhantes por meio de seus degraus e caminhos sinuosos, até a imagem do Cristo Jesus, onde é possível ter uma vista panorâmica de nossa cidade. A Praça do Cristo também foi construída no ano de 1972 pelo então Prefeito Calvísio Cávoli.



Estátua do Cristo Redentor ainda em construção
Foto cedida por Denise Mônaco

Também próximo às duas praças já mencionadas, encontra-se a Praça da Matriz, desde sempre muito freqüentada pela população Terrarroxense, principalmente os mais jovens. Inaugurada em 22 de abril de 1978, na administração do Prefeito Abdulatif Abrão, conta com um espaço muito mais amplo, tendo

em seu centro a Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida, defronte a esta a fonte luminosa, e em suas imediações possui o já tradicional comércio alimentício, como lanchonetes, bares e sorveteria. Em sua imediação há também o salão de eventos e convivência Fábio Uchôa Ralston, recinto onde é realizada a tradicional Quermesse.



A Praça da Matriz no ano de 1996. Foto: Prefeitura Municipal de Terra Roxa

13.5 - Anfiteatro Mohamed Abbes Sobrinho

Com construção iniciada durante a primeira gestão do Prefeito Dr. Samir Assad Nassbine (1993-1996) teve suas obras paralisadas por forças maiores. Após a resolução as obras são retomadas com força total durante o período de seu segundo mandato (2001-2004). Assim, o Anfiteatro do Ensino Fundamental "Mohamed Abbes Sobrinho", magnífico projeto arquitetônico é inaugurado no ano de 2004 sob grandiosa festa, a qual este autor pôde presenciar. O evento contou com a execução do Hino Nacional Brasileiro seguido pelo hasteamento das

bandeiras Nacional, Estadual e Municipal no lado externo do teatro seguindo depois para uma missa no interior do prédio; por fim, foram realizadas apresentações de balé e da Orquestra Municipal "Rino Munari".



Vista de uma das entradas do Anfiteatro

O conjunto arquitetônico conta com um grande auditório capaz de acomodar 400 pessoas, hall de entrada com espaço suficiente para a realização de exposições diversas e amplo jardim interno. No lado externo encontra-se uma bela praça e um pequeno teatro de arena para apresentações ao ar livre.

Atualmente o conjunto é utilizado para apresentações escolares dos mais diversos temas, apresentações teatrais e musicais, reuniões, fóruns e congressos, como o já tradicional "Congresso Internacional de Educação, Cultura e Meio Ambiente" promovido pela Secretaria Municipal de Educação, bem como formaturas e festas populares.

13.6 - Sínteses de outras obras públicas

Centro de Saúde Laura do Val Cervi: Primeiro posto de saúde exclusivamente construído com a finalidade de fornecer auxilio e assistência à saúde do povo terrarroxense. Suas obras foram iniciadas em setembro de 1974, e sua inauguração ocorreu em março de 1975.

Recinto Zico Vintem: Local onde é realizada ainda hoje a festa do peão de Terra Roxa, conta com ampla área para montagem de barracas, espaço coberto para praça de alimentação e uma arena fixa. O recito fora construído pelo Clube Sela Dourada e inaugurado no dia 1 de setembro de 1979.

Terminal Rodoviário: Importante espaço aos saem ou chegam à cidade utilizando o transporte coletivo. O Terminal Rodoviário de Terra Roxa foi Inaugurado em Dezembro de 1980 durante a administração do Prefeito Abdulatif Abrão. O espaço conta com uma lanchonete, salão cabeleireiro, sanitários e bancos de espera.

Centro de Lazer Primavera: Mais tarde rebatizado como Centro de Lazer Fernanda Maria de Souza Abrão. Amplo espaço destinado ao lazer da população Terrarroxense, conta com campo de futebol, campos de bocha, piscinas e salão de festas onde ocorre o tradicional forró. Inaugurado no dia 31 de outubro de 1982.

Velório Municipal: Importante casa destinada a momentos tristes de despedida a entes e amigos queridos. Acompanhado de um belo jardim o prédio conta com duas salas para velar, além de

ampla área comum. Situa-se a aproximadamente 400 metros do cemitério municipal. Inaugurado no dia 17 de setembro de 1988, traz inscrita em sua placa a frase "Deus olhai por nós".

Avenida Novo Tempo: Uma via de fluxo rápido, a qual oferece também um maravilhoso espaço aos praticantes de esportes como corridas, caminhadas e voltas de bicicleta, além disto, é palco de comemorações e festividades como o carnaval (Carnavenida) e desfiles do dia 26 de março. Conta com aproximadamente 850 metros de extensão em duas vias. Inaugurada no dia 1 de maio de 1994, traz inscrita em sua placa a frase "Onde caminhos amigos correm juntos, todo o universo parece ser nossa Pátria".

Praça Colonizador Higino Cervi: Mais conhecida como a pracinha do triângulo, situada em frente à prefeitura municipal, constitui uma homenagem à todos os imigrantes Italianos que se instalaram em nossa cidade. Este espaço já existia em outros tempos, sendo rebatizada após sua reforma. Inaugurada no dia 30 de dezembro de 1994, traz inscrita em sua placa a frase *"La legge è uguale per tutti"* – A lei é igual para todos.

E.M.E.I Nabia Keidy Bonemer: Escola destinada à Educação Infantil foi inaugurada em 1994.

Ginásio Municipal de Esportes Manoel Carlos R. da Silva: Obra destinada à prática de esportes, é palco de várias competições, como futsal, voleibol, Karatê, entre outros, também é utilizado para algumas festividades populares, como a escolha

da Rainha da festa do peão de Terra Roxa. Inaugurado no dia 1 de maio de 1996.

Praça da Bíblia: Um tributo às sagradas escrituras da palavra de Deus, a praça da Bíblia conta com um espaço destinado à missas e cultos a céu aberto. Conta com um belo jardim e serve também como um mirante com vistas para o lago. Inaugurada em 14 de setembro de 1996.

Mini Distrito Industrial Antônio Carrera de Melo: Constituído por 6 barracões industriais independentes com a finalidade de abrigar empresas do ramos de transformação e serviços pesados. Inaugurado em setembro de 1996. Atualmente o Mini Distrito passa por ampliação onde serão entregues mais 6 barracões.

Centro de Lazer Raymundo Ribeiro e Silva: Também conhecido como o Parque das Figueiras, é constituído por uma ampla área verde contendo duas figueiras (*Ficus spp.*) centenárias de grandioso e apreciável porte, duas das três[56] ainda existentes na cidade. O Centro de Lazer conta com campo de futebol, lanchonete, campo de bocha e espaço para confraternizações sob a sombra das figueiras. Inaugurado no dia 6 de setembro de 1996.

Lago: Formado a partir do represamento da águas de uma nascente que se encontra no mesmo local, o lago é um belo lugar a todos aqueles que gostam de uma boa caminhada ao ar livre e sob a visão de uma maravilhosa paisagem; também constitui

[56] A outra figueira aqui citada esta localizada no final da Avenida Novo Tempo, em frente ao cemitério municipal.

ponto de encontro para pescadores, contadores de estórias, entre outros mentirosos. Construído ainda na primeira gestão do Prefeito Samir A. Nassbine, o lago passou nos últimos anos por algumas intervenções como o plantio de árvores nativas, asfaltamento da pista de caminhadas e iluminação artificial.

Marco Zero: Localizado em frente à biblioteca municipal, é constituído por um cruzeiro e uma singela placa próxima ao chão a qual descreve "Homenagem ao fundador de Terra Roxa Dr. Mario Rolim Telles". Inaugurado em 14 de abril de 2003.

Complexo Educacional E.M.E.F Prof. Raymundo Ribeiro e Silva Júnior: Também conhecida como a Escola do Lago pela sua proximidade com o mesmo. Escola de ensino fundamental a qual leva o nome do Professor Raymundo, exemplar cidadão de Terra Roxa que infelizmente teve sua vida resumida precocemente. Inaugurada no dia 30 de dezembro de 2003.



Uma das três Figueiras (*Ficus spp.)* de Terra Roxa, um símbolo de grandeza, vitalidade e fartura. Está localizada no centro de lazer Raymundo Ribeiro e Silva.

13.7 - Uma Administração diferente

De fato, o Prefeito Arminto e a Primeira Dama Conceição, foram exímios administradores, pois a dedicação de ambos não se registram apenas nas páginas desse simplório livro, mas sim na materialidade presente em nossa cidade hoje. A aptidão diplomática, e a idoneidade de ambos é sim um exemplo à futuros gestores do setor público. Dr. Arminto, Odontologista, Inspetor Odontológico Estadual, Político, Homem Público. Dona Conceição, Professora e Diretora de Ensino.

A habilidade política bem como o carisma desta administração foi crucial ao bom desenvolvimento da cidade

entre os anos de sua gestão, as relações entre Terra Roxa e o Palácio dos Bandeirantes intensificaram-se ainda mais, pois, Arminto e Conceição participavam todas as quintas feiras das reuniões com o Governador Laudo Natel na cidade de São Paulo.



Governador Laudo Natel com o Título de Cidadão Terra-Roxense em mãos, no centro o Prefeito Dr. Arminto Marques.
Foto cedida pela Sra. Maria Conceição Braga Marques.

Um episódio muito interessante para nossa história foi a entrega do Título de Cidadão Terrarroxense ao Governador do Estado de São Paulo Laudo Natel em sessão solene da Câmara Municipal, no dia 12 de fevereiro de 1975. Outro episódio que ilustra muito bem as relações da Prefeitura com o Governo Estadual foi a vinda do Secretário Estadual dos Transportes na época Paulo Salim Maluf, sob a tarefa de anunciar o início das

obras de pavimentação da Rodovia Dr. Oswaldo Prudente Corrêa – SP 353, responsável por ligar Terra Roxa com a Rodovia Brigadeiro Faria Lima – SP 326, retornando posteriormente para a entrega da Rodovia já realizada, juntamente também com o Governador Laudo Natel.



O Presidente da Câmara Abdulatif Abrão, o Secretário Estadual dos Transportes Paulo Salim Maluf, o Prefeito Arminto Marques e o Vereador Jair Quintino.
Foto cedida pela Sra. Maria Conceição Braga Marques

Outro fato importante deste período foi a realização da Festa do Sorvete, com o intuito de se angariar fundos para a distribuição de presentes para as crianças no natal. Convém lembrar que o próprio prefeito e a primeira dama eram os responsáveis por buscar os presentes diretamente da fábrica. Em certa ocasião após comprar bolas de futebol e carrinhos de brinquedo para os meninos, as bonecas de brinquedo, destinadas às meninas ainda não estavam prontas, e isto em uma semana de

natal. Após muito conversar com o funcionário responsável chega-se a um acordo, aswa bonecas só poderiam ficar prontas se houvesse alguém para vesti-las. Assim o jeito foi todo mundo ajudar a vestir e embalar bonecas.

Por fim, eu não poderia deixar de mencionar também toda o auxilio dado às vitimas da enchente do córrego Banharão no ano de 1974. A implantação do teste do pezinho, e a campanha "Boa Visão" de 1973, com objetivo de realizar consultas oftalmológicas e distribuição de óculos para os alunos do Grupo Escolar Cel. Joaquim Prudente Corrêa.



Capítulo 14
Comércio & Serviços

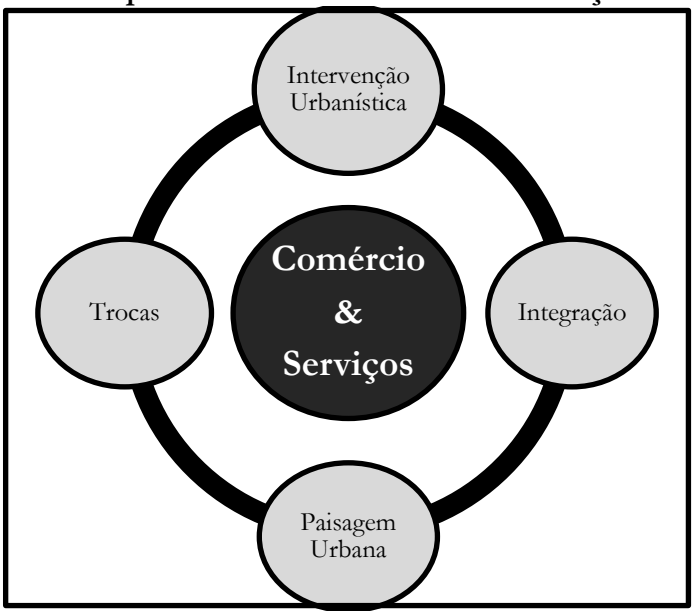
As atividades comerciais vêm desempenhando, desde o início, grande importância na geração de empregos e na renda. Quanto à importância da relação entre o Comércio e o Espaço Urbano, encontramos em ORTIGOZA (2009) o seguinte exposto,

> É o comércio que promove a existência da cidade, justifica uma boa parte da sua organização interna, explica inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior. Essas relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e a cidade vai se tornando produto das decisões e das práticas de diversos atores, entre eles os comerciantes, os consumidores, os promotores imobiliários e os produtores/fabricantes. Por outro lado, a cidade é condição e meio para que as práticas desenvolvidas por estes agentes continuem a se realizar. Daí a importância da dimensão

espacial na análise do comércio e do consumo. (ORTIGOZA, 2009, p.18).

Em Terra Roxa, assim como em outras regiões do estado de São Paulo, o setor terciário é bastante heterogêneo, estando incorporadas a ele pessoas com os mais distintos níveis de qualificação e produtividade, permitindo o desenvolvimento de novos segmentos e a transformação dos antigos, criando desta forma novas necessidades e multiplicando as oportunidades de empregos.

A importância do Comércio e dos Serviços



Fonte: BARATA SALGUEIRO, T. **Org.:** Tomicioli, G.M. (2010).

14.1 - O Comércio Antigo

A dinâmica das cidades implica em evolução. Tal evolução é o que move a cidade, transformando o que é antigo em novo. Como em toda mudança, antigos segmentos podem ser incorporados pelo que é novo, ou simplesmente deixar de existir. Este breve exposto tem como objetivo mostrar ao leitor algumas formas comerciais que já não atuam mais na vida econômica de nossa cidade, bem como compor uma breve caracterização de algumas destas formas.

O primeiro grupo aqui exposto é representado pelas casas comerciais de Secos e Molhados, desempenhando o importante e fundamental papel de abastecimento urbano de alimentos. Outro gênero são os bazares, responsáveis por fornecer tecidos, calçados, armarinhos (linhas, botões, agulhas), artigos para o lar e etc., os quais muitas vezes se estabeleciam em associação (Armazém de Secos e Molhados e Bazar ao mesmo tempo).

É importante salientar que fazer compras nos Armazéns de Secos e Molhados era bem diferente da forma como hoje fazemos compras nos supermercados, pois, no armazém não era o freguês quem se servia dos produtos circulando pelos corredores com um carrinho de compras, o freguês era atendido por um funcionário, o qual ficava na maior parte das vezes do outro lado de um grande balcão, ora pesando os produtos, ora realizando embrulhos. Terminada a seleção dos produtos, cabia muitas vezes a outro funcionário fazer a nota fiscal, que por fim passava o freguês ao caixa, onde a conta era somada e o pagamento efetuado

Tecidos, Calçados, Secos e Molhados	
Armazém de Secos e Molhados	Arsênio Sarti
Armazém Floresta	Fazenda Floresta
Armazém de Secos e Molhados	Moacir Gonçalves
Armazém de Secos e Molhados	Antônio Mônaco
Armazém de Secos e Molhados	José Giovaneti
Armazém e Bazar	Atílio Lollato
Armazém e Bazar	Casuo Nakau
Armazém e Bazar	Felix Arrebola
Armazém e Bazar	Ferrari & Cia
Armazém e Bazar	Guido Cervi
Armazém e Bazar	Higino Cervi
Armazém e Bazar	Marcelino Abbes
Armazém e Bazar	Mohamed Abbes
Armazém e Bazar	Mohamed Faitarone
Armazém e Bazar	Nemer Salim Bonemer
Casa Foggia - Armazém e Bazar	Felippo Foggia
Casa Guarany - Armazém e Bazar	Nicolau Amâncio & Irmão
Armazém e Bazar	Salomão Daher
Bazar em Geral	Salvador Pignoni
Casa de Calçados	Alírio Pires da Cruz
Casa de Louças e Vidros	Vitorio Passacantili
Casa de Retalho[57]	Antônio Coutinho

[57] Retalho: Denominação utilizada em Portugal cujo significado é Varejo.





Anúncios publicados no Jornal "O Progresso" em edição de janeiro de 1935
Cordialmente cedidos pelo Sr. João Ribeiro Silva



O Armazém Floresta em 1918 – Primeira Casa Comercial de Terra Roxa
Acervo da Biblioteca Municipal de Terra Roxa



Casa Cervi de Guido Cervi
Fotos cedidas pela Historiadora Profª. Sueli de Souza Cavalini



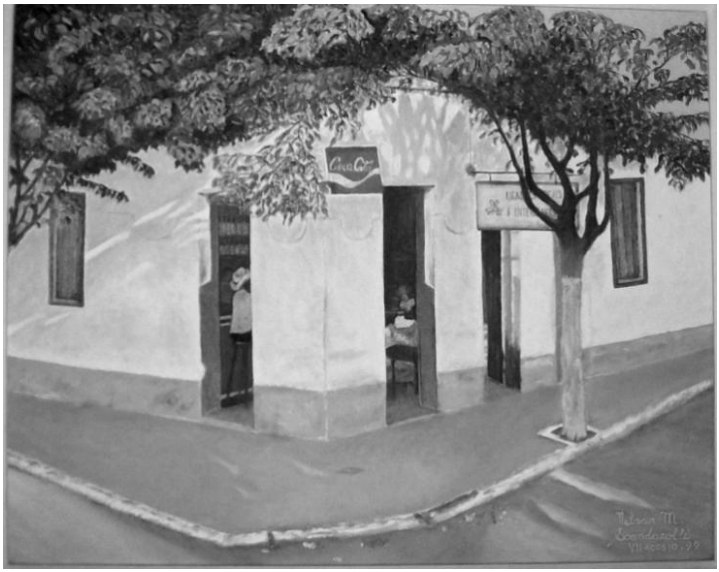
Interior do Armazém Mônaco – de Antônio Mônaco
Foto cedida pela Sra. Elaine Mônaco Prudente Corrêa



A fachada muito bem preservada do antigo Armazém de Secos e Molhados do Sr. Marcelino Abbes – Prédio de 1933

O próximo grupo apresentado é composto pelos botequins, sorveterias, padarias e açougues, responsáveis tanto pelo abastecimento das residências (pães, confeitos, carnes em geral) com também pelo entretenimento representado pelos botequins e sorveterias.

Botequins, Sorveterias, Padarias e Açougues	
Açougue de bovinos e suínos	Eduardo Krastel
Açougue de bovinos e suínos	Joaquim Ortolan
Bar e Sorveteria	Atílio Tosqui
Bar e Sorveteria	Irmãos Tramonte
Bar e Sorveteria	José Cucharo
Bar e Sorveteria	Kiume Meitaki
Bar e Sorveteria	Nakamura Mitoqui
Botequim	Abel Simões
Botequim	Agostinho Magro
Botequim	Benedito Grego
Botequim	Florindo Custódio Numos
Botequim	Joaquim Ortolan
Botequim	José Antônio da Silva
Botequim	Vicente Treviso
Padaria e Botequim	Isdêmulo Olivari
Padaria e Confeitaria	José Giovanetti

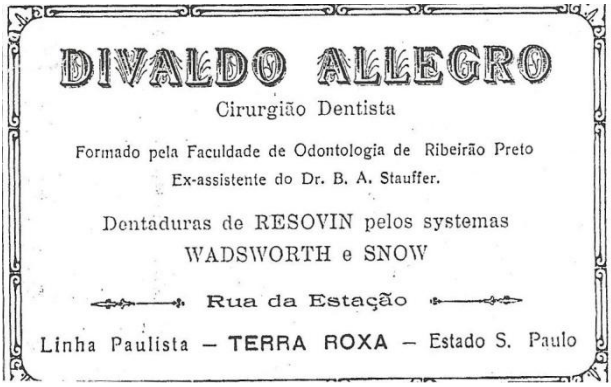


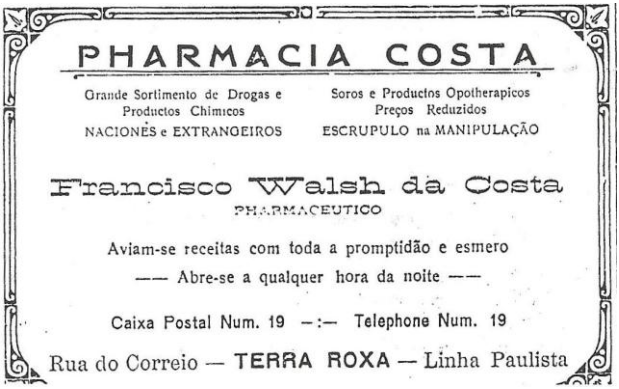
Botequim do Sr. Agostinho Magro, meu avô.
Pintura em tela de Nelson M. Scandarolli, 07/08/1999

A tabela acima leva em conta o período aproximado entre 1949 a 1960, apresentando o quanto os Botequins e Sorveterias eram queridos pelos habitantes de Terra Roxa. A depender do Botequim, era possível encontrar os mais variados produtos, desde bebidas alcoólicas e refrigerantes, doces dos mais variados tipos e sabores, bem como lanches, salgados e petiscos. O Bar de meu avô Agostinho Magro, por exemplo, foi onde o primeiro telefone público da cidade fora instalado, pois na época, não havia os popularmente conhecidos "orelhões".

Por fim, as próximas tabelas exibem a variedade de uma parte dos serviços presentes em Terra Roxa aproximadamente entre os anos de 1930 a 1960. Neste grupo fazem parte os serviços da Saúde (Farmácias, Dentistas e Médico) e serviços diversos (alfaiataria, barbearia, carpintaria, selaria, entre outros).

Farmácias e Serviços de Saúde	
Farmácia	Armando Clé Netto
Farmácia Costa	Francisco Walsh da Costa
Farmácia	Dib Bonemer & Cia
Farmácia	Onésimo Ferreira de Araújo
Dentista	José Ipiropulos
Dentista	Mario Ruzante
Dentista	Divaldo Allegro
Dentista	Cid Ferreira de Mello
Consultório Médico	Dr. Pedro José de Castro







Anúncios publicados no Jornal "O Progresso" em edição de janeiro de 1935
Cordialmente cedidos pelo Sr. João Ribeiro Silva

Serviços Diversos	
Agenciador de Negócios	Abdulatif Abrão
Agenciador de Negócios	Avelino Stellato
Agenciador de Negócios	Antônio Maróstica
Agenciador de Negócios	Luiz Vintém
Agente de Capitalização	Natalino Chiarelli
Alfaiataria	Antônio Tramonte
Alfaiataria	Antônio Brevigleri
Alfaiataria São João	Tancredo Ribeiro Silva
Barbearia	João Jordão
Barbearia	João Ribeiro
Barbearia	Luiz Alves Rezende
Barbearia	Paschoal Giovani
Barbearia	Sebastião Nunes
Salão São Luiz - Barbearia	Santos Mancini
Carpintaria	Valente de Souza
Cia de Capitalização	Eloy Americano
Comércio de Aves e Ovos	Joaquim Henrique
Comércio de Aves e Ovos	João Lacioto

Comércio de Aves e Ovos	Arlindo dos Santos
Comércio de Aves e Ovos	Paschoal Covine
Empresa Funerária	Júlio Marcassa & Irmão
Ferraria	Pedro Traboldi
Ferraria e Carpintaria	Demudo Alves Oliveira
Funilaria	Augusto Silva
Funilaria	Benedito Grego
Funilaria	Hiroshi Konda
Funilaria	Meicioto Poze
Funilaria	Salvador Lourenço
Guarda Livros (Contador)	Manoel Alves de Souza
Oficina Mecânica	Alfredo Pfaffembach
Oficina Mecânica	Rino Munari
Pensão	Paschoal Giovani
Relojoaria	Hugo Alves da Silva
Sapataria	Guerino Furlan
Sapataria	Miguel Sammi
Selaria	José Chiarelli
Selaria	Luiz Marelli
Selaria e Sapataria	Luiz Botan
Serraria	Júlio Marcassa & Irmão



Anúncios publicados no Jornal "O Progresso" em edição de janeiro de 1935
Cordialmente cedidos pelo Sr. João Ribeiro Silva

14.2 - O Comércio Atual e sua Localização

Para autores como VARGAS, o caráter social encontra-se implícito no ato de trocar (ou comercializar), pois, a troca se realiza perante um contato, um encontro de pessoas com os bens e serviços a serem trocados. Assim a autora considera que:

> O ato da troca pressupõe a conversa para que o negócio seja efetivada [...]. A necessidade de encontro para a realização da troca vai levar a atividade comercial a procurar os lugares mais propícios a esse encontro, os quais coincidem com o cruzamento de fluxos de pessoas ou com os locais onde as demais atividades sociais acontecem

> pelos mais diversos motivos: religião, política, diversão, cultura. (VARGAS 2001,p.19).

Em Terra Roxa, o lugar mais expressivo, sob o ponto de vista comercial, é o Centro. Como explica VILLAÇA, o Centro não é somente um ponto localizado no mapa ou no território, mas sim, um conjunto vivo de instituições sociais e de cruzamento de fluxos de uma cidade.

Tal afirmação é de fácil comprovação, ao se dirigir ao centro de qualquer cidade, seja ela pequena, média ou grande, é possível observar a presença maciça de pessoas comprando, conversando, crianças e idosos passeando, lojas sempre com clientes, a presença de cidadãos de outras cidades, enfim, uma gama de ações e práticas cotidianas que se repetem e para os funcionários já é uma rotina. Ainda segundo VILLAÇA, a origem desta Centralidade esta na possibilidade de minimizarem o tempo gasto, desgastes e custos associados aos deslocamentos espaciais dos seres humanos. Em Terra Roxa, este quadro não é diferente, o Centro possui a grande maioria das lojas, desde calçados, ferramentas, móveis e eletrodomésticos, perfumaria, supermercados, pizzarias, bancos, serviços públicos, e etc.

Para ORTIGOZA, o centro tradicional, embora seja assim denominado, não é representado só pelas antigas modalidades comerciais, pelo contrário, ele reúne formas e estratégias de comércio tradicional e moderno, numa integração que permite atribuir um significado diferenciado às áreas comerciais. O centro é assim, plural em suas formas, ao mesmo tempo em que é único e singular em seu conjunto.



Capítulo 15
Atividade Fabril e Industrial

Falar sobre a atividade fabril terrarroxense constitui-se em um verdadeiro desafio onde o entendimento vai muito além da atualidade. Isto porque esta atividade não alcançou uma desenvoltura a ponto de evoluir com o passar dos anos, tal como ocorreu com as atividades agrícolas, comerciais e dos serviços.

Primeiramente a análise deve se pautar sobre as primeiras unidades fabris aqui instaladas, as quais são representadas pelas chamadas Máquinas Beneficiadoras, responsáveis pelo processamento de alguns dos principais gêneros agrícolas do município, como as beneficiadoras de arroz, café e milho (fubá). Outras unidades produtivas, e estas já com aparência mais industrial foram a fabrica de açúcar e cachaça da família Bacarat e as duas fábricas de farinha de mandioca, uma de propriedade do Sr. Cirilo José de Souza & Família e a outra do Sr. Mohamed Abbes.

Fábricas & Beneficiamento	
Beneficiadora de Arroz	Abdulatif Abrão
Beneficiadora de Arroz	Antônio Giovannetti
Beneficiadora de Arroz	Deocliciano Batista Oliveira
Beneficiadora de Arroz	André Tosone & Merlo
Beneficiadora de Arroz	Mario Cervi
Beneficiadora de Arroz	Rachid Abbes
Beneficiadora de Arroz	Raul Olivari

Beneficiadora de Café	Deocliciano Batista Oliveira
Beneficiadora de Café	Rachid Abbes
Beneficiadora de Fubá	Raul Olivari
Beneficiamento de Fubá e Canjiqueira	Deocliciano Batista Oliveira
Beneficiamento de Arroz	Dionísio Pizzo Maróstica
Beneficiamento de Milho	Mohamed Abbes
Beneficiamento de Milho	Marcelino Abbes
Fabrica de Açúcar e Cachaça	Espólio de Alberto Bacarat
Fabrica de Farinha de Mandioca	Mohamed Abbes
Fábrica de Farinha de Mandioca	Cirilo José de Souza & Família







Anúncios publicados no Jornal "O Progresso" em edição de janeiro de 1935 - Cordialmente cedidos pelo Sr. João Ribeiro Silva



Prédio da antiga Beneficiadora de Arroz e Cerealista do Sr. Dionísio Pizzo Maróstica. A fachada deste prédio também se encontra muito bem conservada. O prédio funciona atualmente como garagem da frota de veículos municipais.

Por volta da primeira metade da década de 1970 deu-se o inicio das operações da OLMA Óleos Vegetais, de propriedade do Sr. Dimer Piovezan, empresa que mais tarde haveria de se instalar na vizinha cidade de Bebedouro, onde hoje, já com suas atividades encerradas fora adquirida pela GRANOL. De acordo com relatos adquiridos por meio das entrevistas a OLMA não permaneceu por muito tempo em nossa cidade devido à falta de infraestrutura bem como de apoio e incentivo por parte do poder público na época. Assim as atividades da OLMA em Terra Roxa foram breves, produzindo óleos de soja e mamona.

Outra empresa a qual merece ser lembrada foi a MAHERSA Comércio e Indústria implementos agrícolas, do Sr. Marcionílio Hemenegildo de Souza, o qual com seus conhecimentos em mecânica, desenvolveu uma inovadora máquina que arrancava, chacoalhava e enleirava o amendoim, facilitando em muito a colheita. A MAHERSA funcionou até o

início da década de 1990. Seu sucesso no desenvolvimento deste equipamento infelizmente esbarrou em um impedimento que foi a mudança no cenário rural da região, onde a cana de açúcar tornou-se muito mais atrativa aos olhos do produtor.



Barracões onde funcionou a MAHERSA

15.1 – Agroindústria Alimentícia Ralston

De todos os exemplos anteriormente citados, nenhum está presente no cotidiano da cidade atualmente. A única indústria em atividade hoje é a Ralston, uma agroindústria do setor alimentício. A especialidade da Ralston é a fabricação de doces de frutas a partir de receitas tradicionais, frutos frescos colhidos na própria fazenda[58] onde está instalada, o uso controlado do açúcar e a não adição de conservantes, mantendo assim um elevado padrão para os produtos finais.

[58] Fazenda Santa Alice

Para compreendermos a história desta unidade industrial se faz fundamental entendermos os motivos que levaram seu fundador, Dr. Jorge Uchôa Ralston a investir neste segmento. De acordo com os relatos[59] da Sra. Therezinha Ribeiro Ralston[60], Dr. Jorge se formou em Direito pelo Largo de São Francisco e mais a frente parte aos Estados Unidos para fazer um curso para Piloto de Guerra. Com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, Dr. Jorge é convocado à Força Aérea Brasileira (FAB) onde serviu por quatro anos. Com o fim do conflito em 1945, regressa ao seu país. Em solo Terrarroxense Dr. Jorge começa a perceber, já em 1945, o quanto a cultura do café estava se tornando obsoleta e de baixo proveito, e como era um verdadeiro autodidata, sabia que os principais motivos se davam em virtude de fatores naturais a baixa altitude e o clima. Assim, em uma atitude espantosa para outros fazendeiros da região, Dr. Jorge resolve derrubar os cafezais da Fazenda Santa Alice, iniciando a Produção de cereais como soja, milho, amendoim e algodão, sendo este último o responsável por várias premiações recebidas pela grande produtividade e pela conservação dos solos.

Dr. Jorge foi um grande empreendedor, acreditando sempre na força da Agroindústria, pois para ele a agricultura deveria andar de mãos dadas com a indústria, agregando valores. O início da idéia de se produzir doces surge quando Dr. Jorge, em um jantar na casa de amigos, prova uma compota de manga da variedade Carlota na cidade de Leopoldina-MG. Tal apreço pelo doce foi o estímulo que estava faltando, assim é criada em 1966 a Indústria Alimentícia Jorge Uchôa Ralston, no interior de

[59] Em entrevista a mim generosamente concedida, seguida por um tour pela antiga casa da sede e suas cercanias.
[60] Esposa do Dr. Jorge Uchôa Ralston.

sua fazenda. Mesmo sendo um grande produtor de cereais, Dr. Jorge ainda busca mais uma vez inovar investindo também na fruticultura, entre elas a do abacaxi, banana, manga e goiaba, com o objetivo de servir à sua fábrica de doces. Mais tarde também é iniciada a produção de um maravilhoso doce de leite.



Caldeiras no interior da Indústria

O primeiro doce a ser produzido conseqüentemente fora o de manga carlota, o qual havia conquistado seu idealizador, seguido pouco a pouco pela produção de goiabada, bananada, doce de abacaxi, doce de leite, suco de goiaba, e o tradicional melado. É importante salientar que todas as tradicionais receitas dos doces foram criadas pelo próprio Dr. Jorge, tendo sempre o apoio da pesquisa e desenvolvimento de profissionais do Instituto Agronômico de Campinas, bem como do Instituto de Tecnologia de Alimentos de Campinas (ITAL). De tanto estudar

e buscar aprimoramento das técnicas de produção de frutas e doces, Dr. Jorge era visto como um especialista pelos próprios especialistas da área, sendo muitas vezes procurado em sua fazenda por aqueles que buscavam elevados padrões de qualidade produtividade. Outro ponto muito interessante se constitui no fato do Dr. Jorge ter sido o primeiro na região a retirar o café de suas terras, e o ultimo a plantar cana de açúcar, por simplesmente não aprovar a monocultura. Atualmente a agropecuária Santa Alice é administrada com muita competência pelo seu filho Eduardo Ribeiro Ralston.

A Indústria teve pleno desenvolvimento, conquistando cada vez mais a mesa dos consumidores, porém, no ano de 1999 estando o fundador com sua saúde em estado frágil, a fábrica tem sua produção paralisada. Em 2004, após a perda de seu fundador,

a fábrica é reaberta pela família Ralston, sendo atualmente muito bem administrada pela Sra. Renata[61] Stein Carvalho Dias Ralston.

Atualmente a fábrica produz a tradicional goiabada, a goiabada cascão e cremosa, o doce de abóbora cremosa, e bananada cremosa e em barra. A Ralston conta também com o certificado Kosher, um selo de qualidade, que exige da empresa o atendimento e comprometimento a determinadas normas de produção, as quais regem a dieta judaica ortodoxa. É um selo considerado sinônimo de controle máximo de qualidade.

[61] Nora de Dr. Jorge e Dona Therezinha.



Capitulo 16
Religiosidade

Este capítulo busca apresentar um pouco da história de fundação das mais antigas religiões presentes em nossa querida Terra Roxa. Assim como em grande parte de outros capítulos, as informações aqui expostas foram coletadas por meio de entrevistas com cidadãos que vivenciaram períodos chaves para o bom entendimento da história. Desde já, esclareço que este capítulo não possui intenção de comparar ou questionar qualquer instituição religiosa aqui citada ou não.

16.1 - A Igreja Católica

Assim como em todo o Brasil, em Terra Roxa a Igreja Católica foi a primeira instituição religiosa a se instalar. De acordo com registros, a primeira Capela estava situada na Fazenda Santa Carolina, na época sob propriedade de Prudente Rosa Corrêa e Dr. Mario Rolim Telles. A construção da segunda Igreja ocorreu no ano de 1920, lembrada por muitos como a "antiga igrejinha", pois fora demolida por volta de 1972. Tal igreja fora edificada no interior da Vila de Terra Roxa, onde hoje se encontra a sua réplica, a Biblioteca Municipal "Antônio Amâncio". Em 16 de

julho de 1933 a Igreja é reorganizada instituindo assim a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida pelo Bispo Dom Antônio Augusto de Assis, e tendo como sacerdote o Padre Antônio Martins de Souza. Apesar da Incrível Semelhança entre a antiga Igreja e sua réplica, é importante ressaltar que a primeira possuía maiores dimensões. Por outro lado sua réplica é de grande valor à memória e à cultura de Terra Roxa.



A antiga Igreja Matriz de Terra Roxa
Acervo da Biblioteca Municipal de Terra Roxa

Ao lado da Igreja existia também um espaço destinado às festividades como à tradicional quermesse, já descrita no capítulo 11, inicialmente com um coberto de palha destinado à mesas, mais tarde vindo a ganhar reforma e ampliação, recebendo agora uma cobertura de telhas. Em 1954, por meio dos trabalhos

desenvolvidos na quermesse é construído o primeiro coreto, o qual era muito utilizado para apresentações de bandas de música. Infelizmente o coreto também veio a ser demolido.

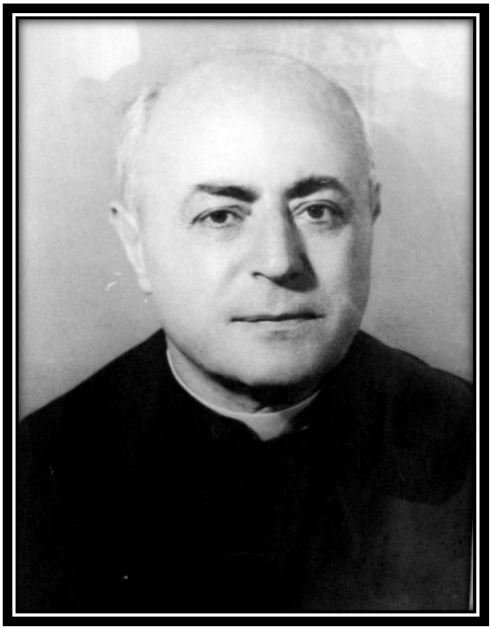
Com o aumento do número de habitantes, bem como do número de fiéis, em 1961 a Paróquia inicia um plano para a construção de uma nova igreja, assim, o Frei Justino di Giorgio começa as obras de terraplanagem de um terreno um tanto íngreme e rochoso, onde hoje está edificado o Cristo Redentor. Com a dificuldade em se melhorar o terreno, Frei Justino vê-se obrigado a abandonar o plano e em 1963 acaba sendo movido para outra paróquia.

Em substituição ao Frei Justino é enviado para Terra Roxa Frei Eugênio de Rosa, sacerdote da ordem Franciscana, retomando mais a frente as funções de padre circular, conseqüentemente reassumindo seu nome de batismo, Fernando de Rosa. Nascido em 14 de abril de 1916 e de nacionalidade Italiana, faleceu em 20 de setembro de 1991. Padre Fernando foi um homem de grande Fé e humildade, trabalhou com grande empenho junto ao povo na edificação da nova Igreja Matriz.

Alguns terrenos foram comprados, outros foram doados, toda a construção da nova Igreja contou com donativos bem como a renda adquirida com quermesses, que ainda eram realizadas ao lado da antiga Igreja matriz. O responsável pelo inicio das obras foi o pedreiro Salvador Fernandes, e o grande aterro onde se edificou a Igreja contou com o apoio do Deputado Estadual Pedro Paschoal, da vizinha cidade de Bebedouro.

Em 26 de março de 1966, em comemoração ao 17º aniversário de emancipação política de Terra Roxa, foi celebrada já na nova Igreja a primeira missa, com a presença do Exmo. Bispo diocesano Dom José Varani. Já a praça da Igreja Matriz

apenas foi possível graças a troca realizada entre o padre Fernando e a Administração municipal, na qual o Padre Fernando exigiu que no local da antiga Igreja foi feita uma praça para o povo, exigência esta que foi atendida, estando até hoje materializada na Praça Barão do Rio Branco, posteriormente rebatizada de Praça Fábio Uchôa Ralston. A nova praça fora inaugurada no dia 22 de abril de 1978.



Cônego Fernando de Rosa
Foto: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida

Em homenagem ao grande idealizador da nova e atual Igreja Matriz, no dia 12 de outubro de 1993 são construídos um busto e junto ao mesmo uma placa em homenagem ao Padre Fernando de Rosa. Três anos mais tarde, em 29 de setembro de 1996, o Padre João Batista da Silva juntamente com os fieis

Católicos realizaram o translado do corpo de Padre Fernando. Com missa solene e uma série de homenagens, Padre Fernando foi sepultado no interior da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida, magnífico fruto de seu trabalho.



A Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição Aparecida

No dia 31 de outubro de 1997 a Igreja Matriz foi Solenemente Dedicada, pelo Exmo. Bispo Diocesano Dom. Luiz Eugênio Perez e pelo Pároco Padre João Batista da Silva.

Uma excelente composição realizou o músico filho de Terra Roxa, Nino Violeiro, no ano de 2005 apresentando-a durante a celebração de Corpus Christi. A letra narra poeticamente a trajetória da Igreja Católica desde a Capela erguida na fazenda Santa Carolina, passando pela vinda dos

imigrantes, da construção da Igreja na vila, até chegar à construção da nova Matriz pelo Padre Fernando e sua finalização pelos Padres Edson e Marciel. O cantor e compositor Nino Violeiro concedeu gentilmente e com grande alegria, meu pedido para poder apresentar aqui sua composição, a qual o leitor pode conferir logo abaixo:

Hino a Igreja Matriz de Terra Roxa
Autor: Nino Violeiro

Terra Roxa tem um povo feliz
Todos nós temos nossa raiz
Os teus rios e teu verde tem mais vida
Nós te amamos ó terra querida
Em mil, novecentos e dezoito
Numa vila onde tudo começou
Na fazenda Santa Carolina uma capela foi erguida
E Nossa Senhora ali chegou

Nesse solo tudo que se planta dá
Os passarinhos voam livres pelo ar
Migrantes vieram de todo lugar
Nessa terra veio colher e plantar
E nossa cidade foi crescendo
Veio o Bispo Antônio Augusto de Assis
Nesse dia nomeou o primeiro padre
Antônio Martins de Souza da nova igreja matriz

O Frei Eugenio e o padre Fernando de Rosa
Pela igreja teve muita devoção
E veio o Bispo Dom José Varani benzer o alicerce
Com amor no coração
Vinte seis de março de mil novecentos e sessenta e seis primeira missa
E uma grande procissão

Em dois mil o padre Edson assumiu
E concluiu finalizando a obra dessa construção

Foi Deus que nos deu tantas belezas
Fez a fonte, o céu, o ar e a natureza
O Sol e a lua nascendo por trás da serra
Que todos os pais e filhos
Pelo amor e a fé sejam sempre fiel
E ao padre Edson e ao padre Maciel
Pedimos as bênçãos de Jesus que estas no céu.

Em 1995, o Padre João Batista da Silva juntamente com a boa vontade dos fiéis católicos, iniciam a construção de mais um templo, A Igreja de São Francisco, agora em um novo bairro, o Jardim Real.



A Igreja de São Francisco

Por meio de doações e as arrecadações das quermesses, em 1998, com grande alegria, é inaugurado o novo Templo, onde hoje ocorrem as celebrações dominicais. A missa inaugural, a qual estive presente, foi marcada pela presença de vários animais, uma referência ao santo amigo dos animais e dos pobres, São Francisco de Assis.

Padres que já serviram a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida de Terra Roxa	
Pe. Antônio Martins de Souza	1933 - 1935
Pe. Amaro Muniz	1935 - 1936
Pe. Antônio Cerbella	1936 - 1942
Pe. Emílio Aranha	1942 - 1943
Pe. Eugênio Sanchez	1943 - 1945
Pe. João Batista Lavéllo	1945 - 1949
Pe. Emílio Antônio Humenhuk	1949 - 1951
Pe. Casemiro Aristides	1951 - 1952
Pe. Emílio Antônio Humenhuk	. 1952 (Fev. a Set.)
Pe. Antônio César Pernambucano	Set. 1952 – 1954
Pe. José Rocha Freitas	1954 - 1957
Pe. Ramón Barrero Serra	1957 - 1959
Frei Justino di Giorgio	1959 - 1963
Pe. Fernando de Rosa	1963 - 1991
Pe. José Aparecido Rocha	1988 - 1991
Pe. João Batista da Silva	1990 - 1998
Pe. Paulo Barbosa	1998 - 2000
Pe. Edson Luis de Paula Almeida	2000 - 2001
Pe. Edson Cezar Guiaro	2001 - 2004
Pe. Marciel Silva de Lima	2004 - 2010
Pe. Divino Roberto Ferreira	2009 - 2013
Pe. Emerson Aparecido Lopes	2013 (abril – maio)
Pe. Rosinei Erasmo da Silva	2013 – ____

Fonte: Paróquia de Nossa Senhora Aparecida de Terra Roxa

16.1.1 - A Congregação Mariana

A Congregação Mariana não se caracteriza como uma Religião, mas sim como um Grupo religioso da Igreja Católica, similar as atuais pastorais. É possível citar outras formações religiosas do mesmo período, tais como a Pia União das Filhas de Maria, a Corte de São José, a Legião de Maria, e o Apostolado da Oração. Com exceção deste ultimo grupo citado, os outros se reorganizaram, ora mudando de nome, ora sendo englobados por outras pastorais. Um ponto interessante é o fato de a Congregação Mariana ser um grupo exclusivamente masculino, enquanto a Pia União das Filhas de Maria, por exemplo, ser exclusivamente feminino.

São escassos e também raros os registros acerca desta irmandade, podendo se estimar que tenha surgido um pouco depois do término da construção da Antiga Igreja Matriz em 1920, tendo como objetivos formar uma irmandade religiosa, aumentar a participação da Igreja Católica na sociedade, e pregar o Evangelho. Em sua primeira formação, com a participação ativa de seus membros, foi possível a compra de sua sede, onde outrora foi Cine Santa Helena, do Sr. Rufino Regadas, onde eram realizadas as reuniões. Alguns anos após a aquisição da sede Mariana o grupo caiu em ostracismo, culminando em um período de inércia.



Os membros da Congregação Mariana em sua segunda formação no interior da antiga Igreja Matriz – Destaque para o traje social e para a medalha utilizada por cada membro.
Foto cedida pelo antigo membro Mariano, Sr José Carlos Sami

Seu ressurgimento se deu alguns anos mais tarde a partir da iniciativa do Sr. Germano Toneloto, o qual se torna também o Presidente do grupo. É de seu ressurgimento que também nasce a primeira Banda de Música da Igreja Católica, encarregada de tocar em procissões, dias festivos e em alvoradas.



Banda Musical da Congregação Mariana de Terra Roxa - 07/09/1968
Foto cedida pelo antigo membro Mariano, Sr José Carlos Sami

Em edição do Jornal "O Progresso" da cidade de Viradouro, do ano de 1937, foi publicado o seguinte artigo sobre a Congregação Mariana, de autoria de João Climaco, apresentado abaixo na integra:

> "Lá das alturas infinitas, lá dos campos matisados e das cidades beliçosas chegam aos meu timpanos sons melodiosos do cantar juvenil. – Esses cânticos que se espalham e se reboam como articulados pelos lábios dos anjos, não são mais que a explanação da fé em brados entranhados e exalados nas ardências de vozes que tudo fazem pela religião e pela pátria. São hosanas dos Marianos, litanias que se expandem despertando de seu letargo a mocidade indiferente. São ecos

que soam chamando as fileiras Marianas todos os homens, casados e solteiros, velhos e moços que almejem a grandeza de uma religião e de uma pátria. São as façanhas dos requintes espanhóis Marianos invictos, que elevam bem alto o valor guerreiro das legiões nacionalistas (...).

Ser Mariano é ser o soldado sempre pronto para marchar em defesa da ordem da religião e da pátria.

O Mariano é o raio de sol fulgurante que submisso a vontade divina, penetra o lar do pobre e a casa do rico levando em suas virtudes a cura, o conforto e a esperança, ao enfermo. É esse raio de sol que faz circular no interior das plantas a seiva que colora as flores, sazona os frutos e deliciam os passarinhos, incansáveis cantores das graças divinas, seivas vigorosas das almas. O Mariano é esse sol sequioso do bem, que surge ao romper da aurora desenhando no firmamento as cores da alegria e entra nas trevas da noite dissipando os fantasmas da tristeza com os clarões elétricos emanados de suas virtudes.

Esse sol de bondade que clareia o ignorante, aquece o indiferente e ilumina o cego, que brilha para todos, para os bons e para os maus, não é se não o reflexo da bondade divina sobre a natureza moral, como o sol verdadeiro é o reflexo dessa mesma bondade sobre a natureza física; a difundir-se em caridade para com seu semelhante.

> Que nesta atmosfera de luz e amor todas as flores da consciência se colorem produzindo sempre os frutos da nossa saudação: SALVE MARIA! Salvadora da família, da pátria e da religião." ("O Progresso", Viradouro 1937).

16.2 - A Congregação Cristã no Brasil

De origem ítalo-americana, a Congregação Cristã no Brasil instalou-se em território brasileiro no ano de 1910 por Louis Francescon, na cidade de Santo Antônio de Platina, Estado do Paraná.



A Igreja Congregação Cristã no Brasil de Terra Roxa

Em Terra Roxa, a Congregação Cristã no Brasil foi fundada no mesmo ano da Emancipação Política, em 1949, sendo o fundador o Senhor Francisco Lima, que conseqüentemente foi também o primeiro Cooperador do Oficio Ministerial, o qual é responsável pela cooperação nos ensinamentos e presidência dos cultos oficiais.

Merece destaque o atual Cooperador do Oficio Ministerial, Senhor Jaime Amâncio, que desde o ano de fundação da Congregação vem desenvolvendo admirável trabalho. Em 1949 o Irmão Jaime, como é popularmente conhecido, já contribuía com a Função de Cooperador de Jovens e Menores[62], nas cidades de Terra Roxa e Viradouro, pois a Congregação Cristã no Brasil de nossa cidade é mais antiga que a de nossa vizinha Viradouro. Com o falecimento do senhor Francisco de Lima em 1964, o Irmão Jaime assume a função de Cooperador do Oficio Ministerial.

A Congregação Cristã no Brasil valoriza sua música sacra para fins de culto, provendo aos fiéis escolas musicais gratuitas e ensaios musicais em suas dependências. Outra característica muito interessante desta é o fato de ser uma organização religiosa apolítica que prega a total separação entre Estado e religião. A Congregação Cristã no Brasil não utiliza meios de comunicação como imprensa escrita, rádio, televisão, ou qualquer outro tipo de propagação da sua doutrina que não seja o de freqüentar suas igrejas pelos interessados em conhecê-la.

De acordo Irmão Jaime, em entrevista cordialmente a mim concedida, a Igreja começou com cerca de seis fiéis, tendo como local para os cultos e reuniões um espaço muito pequeno,

[62] Responsável por atender as Reuniões de Jovens e Menores de sua comum congregação.

em suas palavras "uma salinha", que ficava no mesmo endereço[63] onde hoje se encontra a atual Igreja. Com o passar dos anos a Igreja cresceu e evoluiu muito. Com isso, no ano de 1990 têm início as obras para a construção de um novo Templo, sendo concluído no ano de 1996 com a união e participação ativa dos fiéis. Atualmente a Igreja possui cerca de 230 fiéis com cultos todas as quartas feiras, sábados e domingos.

16.3 - A Assembléia de Deus – Ministério de Madureira

A Assembléia de Deus chegou ao Brasil por intermédio dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que aportaram em Belém, capital do Estado do Pará, em 19 de novembro de 1910, vindos dos Estados Unidos. No Brasil expandiu-se pelo estado do Pará, alcançou o Amazonas, e propagou-se para o Nordeste. Chegaram ao Sudeste em meados de 1922, através de famílias de retirantes do Pará.

Também em 1922, a igreja teve início no Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, e ganhou impulso com a transferência de Gunnar Vingren, de Belém, em 1924, para a então capital da República. Um fato que marcou a igreja naquele período foi a conversão de Paulo Leivas Macalão, filho de um general, através de um folheto evangelístico. Foi ele o precursor do assim conhecido Ministério de Madureira.

Em Terra Roxa, a Assembléia de Deus - Ministério de Madureira se estabeleceu por volta de meados de 1963 na antiga Rua Coronel Walter [64], posteriormente se mudando para a Rua

[63] Rua Marechal Floriano, 270.
[64] Hoje Avenida Coronel Walter.

Valentin Silva onde permaneceu até a conclusão das obras do atual templo na Rua Mariana Prudente Correa.



A Assembléia de Deus – Ministério de Madureira de Terra Roxa

A construção teve seu inicio em 1970 e contou com o apoio da Prefeitura Municipal bem como de todos os fiéis, sendo inaugurado um ano depois, em 1971. O primeiro Pastor foi Antônio Belício, seguido, posteriormente por vários outros, sendo o atual o Pastor Jeremias. A Assembléia de Deus – Ministério de Madureira de nossa cidade conta hoje com cerca de

cem fiéis. Os Cultos acontecem todas as quartas e sextas feiras e também aos domingos.

16.4 - A 1ª Igreja Evangélica Batista de Terra Roxa

Escrito juntamente com o Pastor José Luis Cardozo

De acordo com a Convenção Batista Brasileira, considerando as raízes do nome Batista, a história começa com a organização da Igreja em Spitalfields, nos arredores de Londres, no ano de 1612, por Thomas Helwys e seus seguidores. É esta Igreja, que agora inicia a linhagem de Igrejas Batistas que começam a crescer na Inglaterra sob severa perseguição por dissentirem da igreja oficial, a Igreja Anglicana. A perseguição aos batistas e a outros grupos separatistas os levou a várias partes do mundo, e em especial às colônias da América do Norte, em busca da liberdade religiosa.

Alguns anos à frente e através dos Batistas do Sul dos Estados Unidos é organizada no dia 15 outubro de 1882 a Primeira Igreja Batista para a evangelização do Brasil, deste trabalho é que também surge a Convenção Batista Brasileira. Hoje os Batistas estão presentes, em cerca de 200 países e representam uma população de cerca de quarenta milhões de membros e atingem cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro.

Em Terra Roxa a Igreja Batista teve seus primeiros trabalhos por volta do ano de 1977, mas todas suas atividades eram supervisionadas e apoiadas pela Igreja Batista de Viradouro, que era sua mantenedora. Muitos anos depois a igreja instalou-se

onde outrora foi o primeiro cinema da cidade, o Cine Santa Helena, de Rufino Regadas.



Fiéis em culto no ano de 1977
Foto cedida pela Sra. Inês Pereira Justino

Em 1998, quando a igreja já possuía a quantidade de membros suficiente, se desliga da igreja de Viradouro, tornando-se autônoma. Então, em 18 de abril de 1998 nasce a Primeira Igreja Evangélica Batista de Terra Roxa, tendo como seu primeiro Pastor o senhor Oswaldir Aparecido Belini, o qual presidiu a Igreja até o ano de 2010. Nesse ano a igreja recebe o pastor Eliel Ferreira de Souza como pastor titular e o pastor Oswaldir fica sendo seu auxiliar. Em 2011 tanto o pastor Eliel como o pastor Oswaldir pedem desligamento de suas funções, e no mês de dezembro desse mesmo ano o pastor José Luiz Cardozo assume a igreja como seu pastor titular, o qual permanece até esta data.



A 1ª Igreja Batista de Terra Roxa

A Igreja Batista também possui um conselho administrativo, sendo composto pelo Presidente, Primeiro e Segundo Vice-Presidentes, Primeiro e Segundo Secretários, Primeiro e Segundo Tesoureiros. Convém ressaltar que todas as decisões são tomadas em conjunto com os membros da igreja em assembléias ordinárias e extraordinárias, e nunca individualmente. Dentre as atividades desenvolvidas hoje pela Igreja, merecem destaque os trabalhos assistenciais aos munícipes da cidade de Terra Roxa, a Faculdade de Teologia que funciona no prédio da igreja, como também os cultos que ocorrem as Segundas e Quartas-feiras às 20h; o Culto para os Jovens aos sábados às 20h, a Escola Bíblica Dominical aos domingos às 9h e os Cultos aos domingos às 19h30min; além dos cultos nos lares e os cultos que são realizados na vizinha cidade de Jaborandi, onde está sendo visto a possibilidade da plantação de uma igreja Batista naquela cidade. A Primeira Igreja Batista de Terra Roxa conta hoje com cerca de 200 membros.



Capítulo 17
Terra Roxa Hoje

Por se tratar de um breve período histórico aqui analisado, você amigo leitor pode concluir que nossa cidade passou uma grande gama de mudanças em vários aspectos aqui analisados. No alvorecer do ano de 2013, ano em que este livro se encerra, torna-se notadamente perceptível a evolução da infraestrutura urbana ao longo de seus 95 anos de existência[65]. A economia, outro ponto muito interessante aqui analisado, demonstra o quão dinâmicas são as relações sociais implementadas e vividas no espaço. A agricultura representada primeiramente pelo Café, carro chefe da economia de nossa cidade, fora substituído com o passar dos anos pelo algodão, cereais como soja, feijão, amendoim, milho e sorgo, passando ainda mais a frente por novas substituições como a laranja e enfim, a cana de açúcar.

A indústria terrarroxense, infelizmente, ainda hoje não teve alcançado seu pleno desenvolvimento, sendo representada apenas pela agroindústria Ralston, tradicionalíssima na fabricação de doces de frutas, sendo o principal a Goiabada[66].

[65] Dentre os quais 64 anos são de emancipação política e administrativa
[66] Muito apreciada pelo autor, principalmente a goiabada cascão.

No setor Terciário (comércio e serviços) verifica-se a maior de todas as evoluções, principalmente no numero de estabelecimentos e empregos gerados, bem como na forma de se realizar o comércio. A figura dos armazéns de secos e molhados dá espaço ao supermercado, e o atendimento no balcão fica restrito a apenas alguns segmentos.

O cotidiano da cidade também passou por profundas mudanças. Dos cinemas das décadas de 1960/70, apenas restam os edifícios. Os clubes, antes exclusivos a algumas camadas sociais, com seus eventos exclusivos constituem hoje espaços utilizados para comemorações como aniversários e casamentos, não havendo mais restrição à entrada de sócios ou não, pois a figura do "sócio" não mais existe. Foram construídas escolas, creches, postos de saúde, quadras para a prática de esportes, um lago e até mesmo um grandioso Anfiteatro.

A religião, antes representada pelo predomínio de Católicos cedeu espaço para o desenvolvimento de uma considerável faixa de 22% de Evangélicos.

Dentre todas as evoluções vividas por este pedaço de chão brasileiro, algo ainda se conserva, o Povo Terrarroxense! Gente de fibra, honesta e trabalhadora. Gente que sempre se conhece, residindo no Jardim Mônaco ou no Bairro Nabia, no Jardim São Paulo ou no Bairro Nossa Senhora Aparecida. Gente que se identifica por sufixos como "a dona Cida mulher do Sebastião" ou " o Paulinho filho do Sr. José". Gente que vence competições e trás medalhas aos gritos de "*é campeão*", seja no voleibol, no Karatê, no futsal ou no futebol. Jovens, adultos ou idosos. Povo que nunca se sentiu inferior perante outras cidades, gente humilde, de respeito e sobriedade. Povo que Ama, que

namora, que se casa, que cria seus filhos, e um dia se despede. Gente Terrarroxense.

AGRADECIMENTOS

Difícil é agradecer à altura do generoso apoio recebido para a concepção deste trabalho. Quero agradecer à todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a construção deste livro. Primeiramente a três pessoas que deram o primeiro apoio, dizendo que sim! Terra Roxa necessita de um trabalho desta envergadura. São eles o Waldir (meu Pai), Luis Magro (meu tio) e o Cleber (Cheba). Agradeço àqueles que deram grande apoio ao saberem que este livro estava sendo escrito, entre eles Teresinha (minha mãe), Rafael (meu irmão) João e Graça Magro (meus tios), meus primos.

Aos meu amigos Thiago, Silvia, Pedro, Lucas, Eduardo, Fernando, Marcel e Cleberson pelo apoio dado sempre que eu tenho alguma idéia mirabolante ou não.

Agradeço aos meus Professores pela formação a qual eu pude receber em especial à Profa. Dra. Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza pelo apoio e incentivo e por me fazer além de um pesquisador um escritor, muito obrigado Professora!

Em seguida quero agradecer aos que puderam fornecer relatos através de longas conversas e entrevistas, muitas vezes seguidas por empréstimos de materiais principalmente fotos. Assim, agradeço à primeira entrevistada a senhora Alcídia Bution Pedro, a qual forneceu um opulento relato sobre o cotidiano de nossa cidade nas décadas de 50, 60 e 70.

À Professora Elaine Mônaco Prudente Corrêa, a qual forneceu um importante relato quanto à arvore genealógica da Família Prudente Corrêa, do cotidiano do antigo grupo escolar de Terra Roxa, bem como relatos sobre o antigo Armazém Mônaco, propriedade de seus pais Sr. Antônio Mônaco e Catarina Galvani Mônaco.

À Professora Sueli de Sousa Cavalini pela generosidade proporcionada quanto ao empréstimo de documentos históricos sobre a história da Educação de nossa cidade, seguida por uma rica variedade de fotos históricas e raras da cidade nas décadas de 40 e 50, bem como fotos relativas à Emancipação Política. Valeu Sueli! Saiba que sua boa vontade foi responsável em dar sentido a este trabalho em um momento de dificuldade.

À Professora e ex Primeira Dama (1973-1977) Maria da Conceição Braga Marques pela magnanimidade e excelência ao fornecer fotos históricas e ao narrar fatos importantíssimos de nossa cidade a partir da década de 50, da participação de Terra Roxa no cenário Político do Estado de São Paulo, bem como de grandes reformas a qual a cidade passou principalmente no que se refere à infraestrutura pública urbana, iniciadas pelo Prefeito Arminto Marques. Minha gratidão para com a senhora é incomensurável! Muito Obrigado!

Ao Senhor João Abrão pela generosidade e presteza na concessão de uma completa entrevista a respeito da antiga produção e comercialização de cereais de nossa cidade. Informações relativas ao cenário político de Terra Roxa ainda como um distrito de Viradouro, onde seu pai, Sr. Abdulatif Abrão sempre esteve presente, bem como do cenário político pós-emancipação. Na administração do Prefeito Abdulatif, foi possível abordar assuntos como a conclusão das obras do

Hospital, da construção do Clube Sela Dourada casa da tradicional Festa do Peão de Terra Roxa, do centro de Lazer Primavera (hoje Fernanda Maria de Souza Abrão), o Terminal Rodoviário, entre outros.

À Professora Nice Pastore Gonçalves pelas informações relativas ao antigo Cine Gonçalves, o qual esteve em funcionamento entre a segunda metade da década de 50 até o fim da década de 60, propriedade de seu sogro Sr. João Gonçalves (João Guarda*),* sobre a Casa Gonçalves e o auto Posto Nacional. Como professora, a Sra. Nice também forneceu informações sobre a educação em nossa cidade.

Ao Senhor Ahmed Abbes pela entrevista concedida, o qual abordou o cotidiano do antigo Cine Bristol, o qual foi proprietário entre 1976 a 1981.

Ao Senhor Aparecido Batistela (o Batista) primeiramente pela nobreza no tratamento e arquivamento de documentos oficiais da E.E. Profa. Maria Elyde Mônaco dos Santos; em segundo pela disponibilização incondicional de seu tempo para a coleta dos principais dados aqui utilizados, além de fotos históricas relativas ao Ginásio Estadual de Terra Roxa, e fotos que compõem o capitulo sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, o qual sem sua mediação seria praticamente impossível esta abordagem. Ao Batista o meu muito Obrigado!

À Secretaria da Igreja Católica pelas informações relativas à gênese de seus trabalhos.

Ao Padre Rosinei Erasmo da Silva pelo auxílio na pesquisa acerca dos padres que já serviram a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, bem como sobre o cotidiano da Igreja Católica hoje. Muito obrigado pela paciência e tão boa vontade Padre!

Ao senhor José Carlos Sami pelas informações acerca da Igreja Católica entre meados da década de 1950 até os dias atuais, bem como informações sobre a antiga Congregação Mariana de Terra Roxa.

Ao Cooperador da Congregação Cristã no Brasil, Irmão Jaime Amâncio por compartilhar com este trabalho a história de sua Igreja, bem como o cotidiano da mesma.

Ao Pastor Jeremias e Mario Domiciano pela entrevista sobre a história da Igreja Assembléia de Deus – Ministério de Madureira em nossa cidade.

Ao Pastor José Luiz Cardozo pela entrevista acerca da história da Primeira Igreja Evangélica Batista de Terra Roxa. Agradeço ao Pastor também pela revisão do texto sobre a Igreja, fazendo as devidas alterações.

À Monte Azul Placas por cordialmente fornecer os arquivos com os retratos dos Prefeitos e dos Vice Prefeitos de nossa cidade, Muito Obrigado!

À Sra. Fátima Nassbine Prudente Corrêa, pela doação de seu tempo e tão boa vontade em apresentar a sede da Fazenda Floresta bem como suas cercanias durante visita feita por mim e meu irmão. Muito Obrigado Fátima!

Ao Sr. Elcio José Bresqui, por me receber em sua sala na Prefeitura Municipal e disponibilizar de seu tempo e sua boa vontade para a pesquisa das dez primeiras leis municipais.

À historiadora, escritora, amiga e parceira de trabalho Profa. Karla de Oliveira Armani, obrigado pelos sábios conselhos, indicações sobre o Arquivo Público do Estado de São Paulo, e empréstimos de exemplares do jornal "O Progresso" do ano de 1937, os quais foram fundamentais para a escrita deste livro. Obrigado também por aceitar a responsabilidade em

escrever o prefácio desta obra com grande brilhantismo, sua marca registrada!

Ao Cartório Oficial de Registro Civil de Pessoas Naturais e Tabelião de notas do Município de Terra Roxa-SP, e sua equipe Charles Portal Domingos, Andréia Canavês Domingos e Edna Aparecida Zanelli, por concederem generosamente parte de seu tempo para me explicar o funcionamento do Cartório desde sua inauguração em 1926 até os dias atuais, compartilhando com este trabalho um pouco de seu cotidiano. A esta equipe o meu muito obrigado!

Ao também escritor Sr. João Ribeiro e Silva pela excelência na concepção do texto de abertura do Capítulo 5, intitulado "Terra Roxa – O inicio", bem como sua boa vontade em me receber em sua residência para discutirmos alguns pontos difusos da pesquisa, além é claro seu brilhantismo na concepção do sub-capítulo sobre o Futebol de Terra Roxa. Muito Obrigado Sr. João!

Finalmente agradeço à Sra. Therezinha Ribeiro Ralston, minha última entrevistada, a qual fechou com chave de ouro este trabalho por meio de uma longa conversa a respeito do início da fazenda Santa Alice em 1918 bem como seu desenvolvimento até os dias atuais, da produção de café e seu declínio, da produção cerealista e da fruticultura, do desenvolvimento da Agroindústria Alimentícia Ralston e sobre a trajetória de seu fundador Dr. Jorge Uchôa Ralston. Em entrevista com Dona Therezinha ainda foi possível abordar temas relativos ao desenvolvimento de outras fazendas, sobre o desenvolvimento da vila e grande parte de alguns personagens históricos como Dr. Oswaldo Prudente Corrêa, Fábio Uchôa Ralston (seu cunhado), Dr. Eduardo Putney Ralston e Dona Alice Uchôa Ralston (sogro e sogra). Obrigado

também pelo mais incrível doce de manga pela qual a senhora me presenteou, receita tradicional Ralston.

Um agradecimento especial também à todos os meus patrocinadores e aqueles que direta ou indiretamente se propuseram a me ajudar neste maravilhoso trabalho o qual gerou este livro.

Colaboradores:

Maria da Conceição Braga Marques
Nice Pastore Gonçalves
Alcídea Bution
Elaine Mônaco Prudente Corrêa
João Russino
Suely de Souza Cavalini
João Abrão
Luiz Alfredo Cervi
Câmara Municipal de Terra Roxa
Prefeitura Municipal de Terra Roxa
Igreja Matriz Nossa Senhora Aparecida de Terra Roxa
Profª Karla Armani
Cristiano Lima
Ahmed Abbes
José Carlos Sami
Jaime Amâncio
Elcio José Bresqui
Fátima Nassbine Prudente Corrêa
Pr. José Luiz Cardozo
Charles Portal Domingos
Andréia Plana Canavês Domingos
Edna Aparecida Zanelli
Inês Pereira Justino
João Ribeiro e Silva
Ilda Maria de Godoy Silva
Therezinha Ribeiro Ralston
Padre Rosinei Erasmo da Silva
Prefeito Samir Assad Nassbine

BIBLIOGRAFIA

ARBEX JR, J.; OLIC, N.B. O Brasil em Regiões: Sudeste. São Paulo: Moderna, 1999.

CADASTRO nacional de estabelecimentos de saúde CNES/NET. **Relatórios.** Disponível em <http://cnes.datasus.gov.br/Index.asp?home=1>. Acesso 21 novembro de 2011.

CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.C,; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CEPAGRI - Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura - Unicamp.

DIOCESE DE JABOTICABAL. Documentário Histórico: 1929-2004. Jaboticabal: Editora Santa Terezinha, 2004.

FOCO 2010. **Região Administrativa de Barretos:** Publicação integrante do Diagnóstico para Ações Regionais da Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo. Fundação SEADE, 2010. Disponível em: <http://www.emprego.sp.gov.br/outros/caravana_trabalho/foco_2010/ra_barretos.pdf>. Acesso em 22 Set. 2010.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADULA DE ANÁLISE DE DADOS. **Perfil municipal de Bebedouro.** Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/perfil.php>. Acesso em: 03 de setembro de 2012.

GIESBRECHT, R. M. **Estações Ferroviárias do Brasil**. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/>. Acesso em 23 de setembro de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. 30.** Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

INSTITUTO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em <http://www.iflorestal.sp.gov.br>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

JURADO DA SILVA, P. F.; SPOSITO, E. S. Discussão Geográfica sobre Cidades Pequenas. **Geografia,** Rio Claro, v.34, n.2, p. 203-217, mai./ago. 2009.

KRUG, C. A. et.al. Uma Nova Forma de Coffea. **Bragantia**,São Paulo, vol.1, Nº 1, 1950.
MANSO, M. C.. **São Paulo e a Revolução:** 1932. São Paulo: scp. 1977.

MAPA DE ÁGUAS SUBTERRÂNEAS DO ESTADO DE SÃO PAULO: ESCALA 1:1.000.000 **Nota explicativa**. São Paulo : DAEE Departamento de Águas e Energia Elétrica : IG-Instituto Geológico : IPT Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo : CPRM Serviço Geológico do Brasil, 2005.

MENDONÇA, F; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia Noções Básicas e Climas do Brasil.** São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

MUSEU DO CAFÉ FRANCISCO SCHIMIDT, **Filhos do Café: Ribeirão Preto da Terra Roxa – Tradicional em ser moderna.** Ribeirão Preto, Fundação Instituto do Livro, 2010.

ORTIGOZA, S. A. G. **Geografia e Consumo: Dinâmicas Sociais e a Produção do Espaço Urbano.** Rio Claro. 283 f.:Il. Tese (livre-docência) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2009.

PRADO JR, C. **História Econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1976.

PUIGGARI, U. **Nas Fronteiras de Mato Grosso**. São Paulo: scp, 1933.

SABOIA, J. O Terciário um setor em desenvolvimento no Brasil**. São Paulo em Perspectiva,** São Paulo, n.6, p. 25-26, jul./set. 1992.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS. M. **A urbanização Brasileira.** 5.ed. São Paulo. Hucitec, 2005.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Desenvolvimento Regional: Micro,Pequenas e Médias**

Empresas (MPEs). Disponível em <http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/>. Acesso em: 15 de maio de 2010.

SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO. **Região Administrativa de Barretos.** Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.ppa.sp.gov.br/perfis/PerfilRABarretos.pdf>. Acesso em 13 Set. 2010.

SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento:** o papel do crescimento populacional. 3. ed.São Paulo: Hucitec, 1980.

SOUZA, G. J. **Tudo Começou em Caetité**. 2010.

SPOSITO, E. S. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

TOCALINO NETTO, L. C. **Viradouro: Nossa Terra, Nossa Gente, Nossa História.** Viradouro: Editora do autor, 2003.

VARGAS, H. C. **Espaço Terciário:** o lugar, a arquitetura e a imagem do Comércio. São Paulo: Senac, 2001.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil.**São Paulo: Studio Nobel, 2001.

SOBRE O AUTOR



Gabriel Magro Tomicioli nasceu em 1989 na cidade de Barretos-SP, porem sempre viveu em Terra Roxa. Licenciado e Bacharel em Geografia pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – UNESP – Câmpus de Rio Claro-SP, é pesquisador nas áreas de Geografia Urbana, Comércio e Serviços, e Consumo No e Do Espaço. Em 2009 foi Co-fundador da Geoplan Jr. (Empresa Júnior do Curso de Geografia) onde atuou até o término de 2010 como Diretor de Marketing. Atualmente é Professor de Geografia em Colégios da rede particular de ensino.